

REVISTA DA SEMANA

Nº. 3





Aspecto da mesa que presidiu à solenidade.



A oradora da turma de licenciados, senhora Maryan Arlett Bon, quando pronunciava o seu discurso.

Colação de grau do Colégio Lutécia

O Colégio Lutécia fez realizar, a 22 de Dezembro último, sua tradicional festa de encerramento de atividades escolares, durante a qual são distribuídos prêmios aos alunos que mais se distinguiram em cada turma e os diplomas aos licenciados. Em seguida a estas solenidades, as alunas realizaram números de arte, que mereceram grandes aplausos da enorme assistência que enchia literalmente o salão Leopoldo Miguez do Instituto Nacional de Música. Além de números de solo de piano e canto, as alunas de dança clássica exibiram-se em magníficos bailados a caráter, dos quais damos aqui alguns aspectos.

O minueto dançado por alunos do Colégio.



Um aspecto da grande assistência à festa de formatura do Colégio Lutécia.

Alunos que tomaram parte na dança ritual dos selvagens, um dos números artísticos mais aplaudidos da bela festa do Colégio Lutécia.



escreveu

ALVARO MOREYRA

A ESTRADA

Está velha. Mas é sempre bonita. A nossa estrada! Dos que têm automóveis e já não têm gasolina. Dos que nunca tiveram sapatos. Seguimos. De quando em quando, certos impacientes desistem do itinerário, com um tiro na cabeça, com qualquer providência de resultado igual. Voltam para o pó de onde vieram, deixam o pó por onde iam.

O caso do pó é muito conhecido por causa de um aviso posto em circulação na língua dos santos, e introduzido nas línguas dos pecadores mais ou menos assim: "Homem, lembra-te de que és pó e de que ao pó hás de tornar".

Talvez não seja verdade o que aí se afirma. A respeito do homem correm tantos boatos que é quase impossível o homem não se atralhar. Ele perguntou, aflito:

— Quem sou? De onde vim? Para onde vou?

Não houve outra resposta, além da do pó, que, no fundo, deve ser para despistar. Felizmente! Que desgosto se se soubesse mesmo quem se é, de onde se veio, para onde se vai! Acabava-se a imaginação. Que adiantava continuar no mundo, sem a imaginação?

A imaginação, às vezes, inventa a felicidade; às vezes, inventa coisas piores; mas, em geral, distrai. É a nossa doida. Pertence a todos, como os sentidos pertencem a alguns. Gente que não vê — imagina. — tanto quanto a que não ouve, a sem gosto, sem tato, a que nunca encontrou um perfume. A imaginação, comum na origem, diverge no desenvolvimento. Há a imaginação da verdade. Há a imaginação da mentira. E há a imaginação do meio. A mais usada. Essa constrói as confusões. As confusões, espalhadíssimas, formam o que os poetas e os ginecologistas chamam de vida.

A estrada... Se se descobrissem as ruínas, iríamos achar os primeiros passos que a marcaram, — na porta do Paraíso... Os pais do nosso gênero iniciaram a marcha, expulsos do jardim de delícias. De consequência em consequência, os diversos gêneros, muitos hoje desaparecidos do mercado, se expandiram. Estava criado o turismo. O mundo se povoou. O grande técnico é o Judeu Errante.

A diferença entre o mundo primitivo e o ilustrado é uma simples questão de ar. No princípio, foi o ar de festa. Natural. Depois, com melancolia, nos acostumamos a dizer uns aos outros: "Dê um ar da sua graça". Afinal, o que ainda temos é o ar de poucos amigos... Antes, o ar refrigerado agia á vontade, diretamente de Deus para o consumidor; agora, depende sobretudo da qualidade dos aparelhos. Conforme a maior ou menor resistência dos pulmões e das epidermes, o ar refrigerado toma o nome de ar condicionado, e pode acabar em falta de ar. Aconteceu isso na Itália, na Alemanha, no Japão. Aconteceu isso na Abissínia, na Austria, na Espanha, na Albânia. Ia acontecendo isso na terra inteira, do Polo Norte ao Polo Sul. Porém o ar explodiu de repente, e este ano, de novo, o ar livre circulará pelos continentes e pelas ilhas.

Paz, sim. Coisa boa. Serenidade! Coisa ótima. Marcel Proust escreveu quatorze livros á procura do tempo perdido. Quando o reencontrou, no décimo-quinto, concluiu no décimo-sexto: "Ah, se eu tivesse tido tempo para terminar o meu trabalho, descreveria os homens como monstros..." Exagero! Machado de Assis também pôs na pena de Braz Cubas aquele saldo pessimista: "Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria". Prefiro pensar na sereia de Anderson que, para ser amada de um homem, trocou a voz maravilhosa por umas pernas de mulher...

Pensar! Eis a salvação! Não fazer o que fizeram, um dia, os catedráticos da Universidade espanhola, dirigindo-se a Felipe V: "Longe de nós a funesta mania de pensar"... Pensar... nas sereias, nos anjos, no mar, no céu... Pensar na estrada e nos que vão pela estrada, companheiras e companheiros... nas árvores, nas fontes, nos jardins... nos burros simples, no vinho alegre... Os cais de Paris ficam na estrada... A estrada passa por Florença... passa por Bruges... por todas as cidades, por todas as canções...

MIGUEL H.

ilustrou



RECAPITULANDO a história da fundação da Cidade do Rio de Janeiro, para podermos falar da razão de ser São Sebastião seu padroeiro, vamos acompanhar Estácio de Sá, sobrinho do terceiro governador geral do Brasil, aqui arribado cinquenta e sete anos após a chegada de Pedro Álvares Cabral. Seu desembarque foi efetuado na Bahia, como integrante da comitiva trazida por Mem de Sá, de quem se fez acompanhante, quando este, em Fevereiro de 1560, à frente de uma poderosa esquadra, entrou na baía do Rio de Janeiro, capturando naus francesas e tomando, depois de uma resistência que durou dois dias, o forte de Coligny, o qual não chegou a ocupar por lhe faltarem forças suficientes para guarnecê-lo. Com o retorno deste à sede do governo, então localizada na Bahia, Estácio de Sá é mandado ao reino, num dos navios tomados aos franceses, arribando porém na cidade do Salvador, no dia 28 de Dezembro.

Aproveitando-se do regresso de Mem de Sá, L'Epine e Bressay voltaram a ocupar as posições, procurando fazer uma aliança firme com os Tamoios, que prontamente os auxiliaram na reconstrução do forte Coligny, enquanto aguardavam esperançosos novos recursos prometidos por Villegaignon. Chegaram mesmo a atacar São Paulo, embora fossem repelidos pelos índios das missões jesuíticas, o que levou o terceiro governador do Brasil a apelar para a metrópole, dizendo da necessidade de se fundar nesta hoje Cidade Maravilhosa uma cidade, como baluarte de outras capitanias.

Dona Catarina d'Austria, avó de dom Sebastião, o que desapareceu na batalha de Alkacer-Kibir, desejosa de livrar este recanto dos franceses e, ao mesmo tempo, colonizá-lo, tratou de mandar preparar uma esquadilha composta de dois galeões bem munidos de armas e de homens que, sob o comando do capitão-mor Estácio de Sá, rumou para a Bahia, onde seriam dadas novas instruções para o combate que decidiria a sorte das armas portuguesas.

Fazendo-se novamente ao mar, o capitão-mor aqui chegou em 1564, vendo-se todavia forçado a seguir para São Vicente, onde, com o auxílio de Manoel da Nóbrega e de José de Anchieta, conseguiu novos reforços, partindo de Bertioga a 27 de Janeiro de 1565, em cinco navios, sendo

O PADROEIRO

três de remos, e oito canôas, conduzindo índios Tupiniquins, colonos e mamelucos de São Vicente, o gentio de Piratininga e os índios Teminimós, comandados por Ararigboia.

Depois de uma curta demora na Ilha Grande, onde teve de esperar o navio capitânea, Santa Maria, que devido a um forte temporal separou-se dos outros, eis a frota portuguesa fundeando junto do morro Cara de Cão, onde hoje se localiza a fortaleza de São João. Marcava a folhinha 1.º de Março de 1565. Estácio de Sá tratou de fundar a cidade a que denominou de São Sebastião do Rio de Janeiro, tendo escolhido para seu padroeiro a São Sebastião, em homenagem ao santo e ao rei de Portugal.

Logo de início Estácio de Sá teve de enfrentar a inquebrantável fúria dos franceses, travando-se inúmeros combates, inclusive aquele em que se viu envolvido Francisco Velho, ocorrido em 1566 e famoso pelo aspecto lendário do mesmo.

Nelson Costa, autor da "História da Cidade do Rio de Janeiro", conta-o deste modo:

"Era ele mordomo da capela e saíra ao mar para buscar madeiras para o altar do padroeiro. Surpreendido pelos tamoios, empenhou-se em luta e já fraquejava quando lhe acudiu Estácio de Sá. Era um ardil dos indígenas para atrair os portugueses, que em breve se viram cercados por inúmeras canôas inimigas.

Gritava Francisco Velho por São Sebastião, e é crença que durante a peleja se viu um guerreiro desconhecido combatendo pelos portugueses, a quem assegurou a vitória.

Em homenagem ao santo ficou o costume de celebrar-se o acontecimento com a festa das canôas, espécie de combate simulado que se realizava anualmente a 20 de Janeiro."

Ainda a propósito do padroeiro da Cidade Maravilhosa, convém lembrar que, reunidos os esforços que obteve, partiu o terceiro governador

O glorioso padroeiro da Cidade Maravilhosa é venerado em várias igrejas. Aqui vemos a imagem de São Sebastião existente na Catedral Metropolitana, onde todos os anos,





A chuva ou o sol escaldante não tem influência sobre o ânimo dos devotos de São Sebastião. Ele, além de padroeiro da Cidade, é o protetor de todos contra a peste.

geral com destino ao Rio de Janeiro, aqui chegando no dia 18 de Janeiro de 1567, trazendo em seu séquito o bispo dom Pedro Leitão e o missionário Inácio de Azevedo, os quais deliberaram que no dia consagrado ao santo se desse, sob a invocação do mártir e guerreiro tomado por Estácio de Sá por padroeiro da novel cidade, o combate decisivo contra

DA CIDADE

os comandados de Villegaignon, tendo o bispo abençoado as tropas que contavam com o conforto espiritual de José de Anchieta.

Iniciada a luta, segundo narra Rocha Pita, da prôa das embarcações politana e no Conselho Municipal, hoje abrigando a Prefeitura provisó-

No meio de flôres, São Sebastião é levado pelas ruas da Cidade, em procissão, pelos devotos de sua irmandade.



portuguêsas, onde se achava a imagem do santo glorioso, se irradiava tanta luz que os artilheiros franceses não conseguiam acertá-las uma única vez, o que contribuiu para que fôsem derrotados, embora os lusos perdessem na refrega o fundador da Cidade que, ferido por uma flecha envenenada, não resistiu, vindo a falecer um mês depois. Seu destino assemelhou-se, em parte, àquele que ele escolhera para proteger esta decantada Cidade Maravilhosa.

Hoje, venerado por todos os cariocas, São Sebastião tem o seu culto assegurado em várias igrejas da metrópole, inclusive na Catedral Metro-

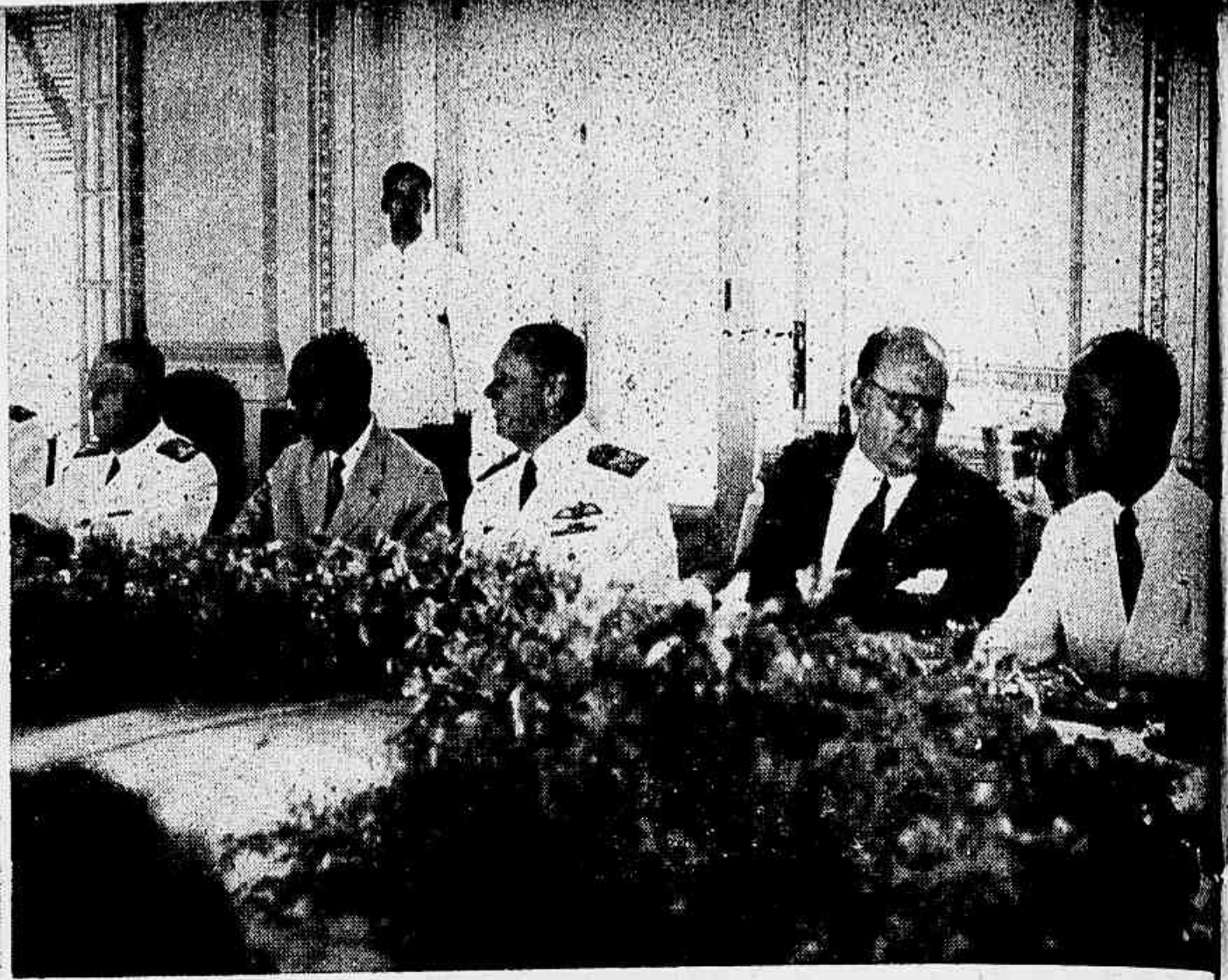
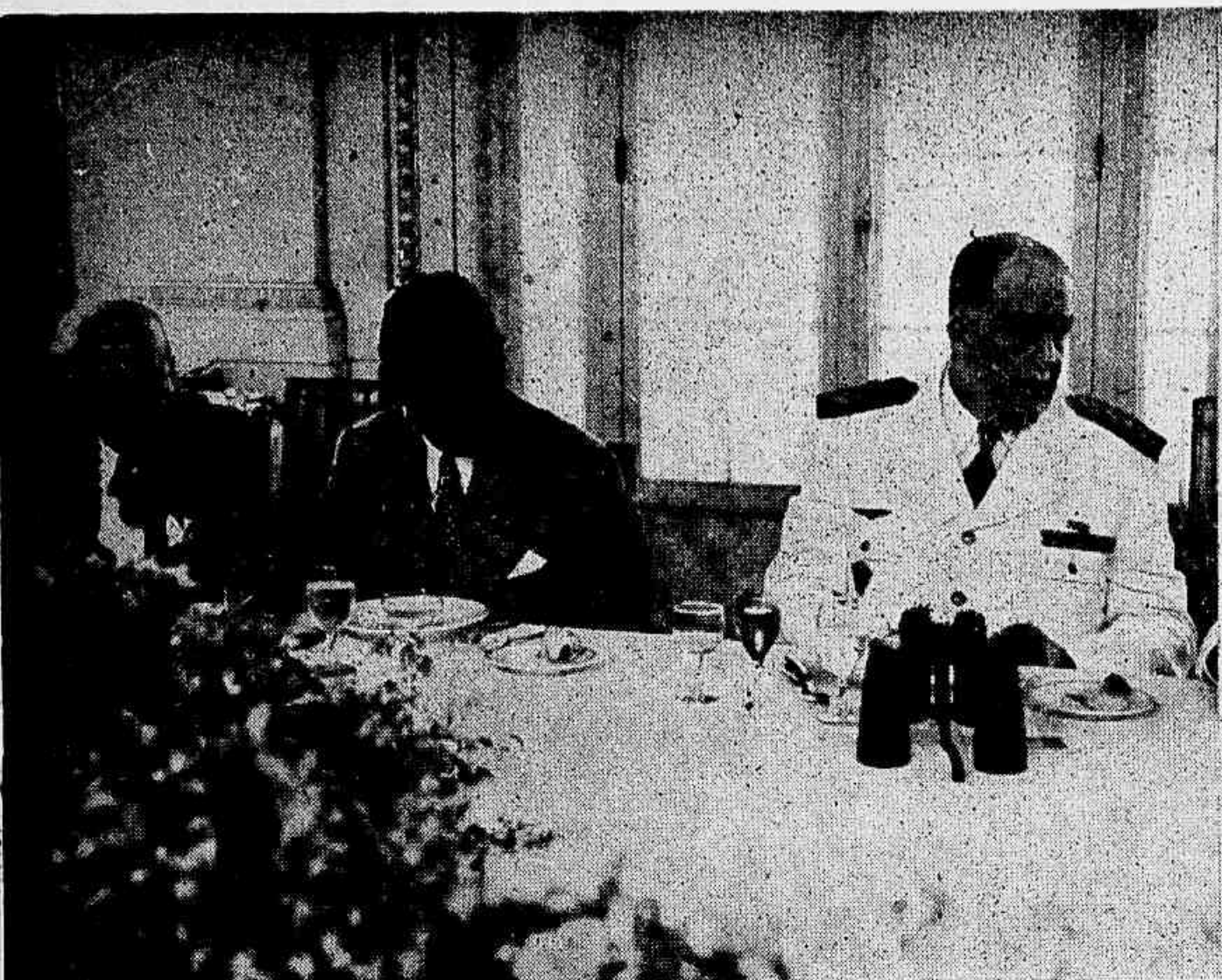


Os funcionários da Prefeitura, através de uma subscrição pública, arranjaram fundos para a aquisição da imagem que hoje se acha guardada no antigo Conselho Municipal, até que esteja pronto o novo edifício da Prefeitura. É esta imagem que vemos acima no seu nicho provisório.

riamente. Neste, o padroeiro da Cidade é exposto à visitação pública durante três dias, findos os quais é coberto no nicho.

Tendo sido educado na religião cristã, São Sebastião foi um valente soldado de Deus, a ponto de provocar a cólera do imperador Deocleciano que, em sinal de castigo, mandou amarrá-lo num poste e flechá-lo.

Deixado exangue pelos seus algozes, o santo guerreiro foi carregado e tratado por uma crente da mesma doutrina, o que não evitou de sofrer nova perseguição do feroz imperador, que o mandou açoitar e jogar o seu corpo num lugar infecto.



Jockey Club Mundano

No domingo 7 do corrente o Jockey Club Brasileiro recebeu a honrosa visita do gal. Fulgencio Batista, que almoçou no Hipódromo da Gávea em companhia de altas autoridades brasileiras, assistindo após, da tribuna de honra, às carreiras do programa daquela tarde turfística. São desta visita do ex-presidente de Cuba ao Hipódromo da Gávea os dois flagrantes que reproduzimos ao alto. Ao lado, um grupo feito por ocasião da homenagem prestada ao ministro Salgado Filho pelos profissionais do turf, em sinal de reconhecimento pelo muito que tem feito em prol de sua classe o presidente do Jockey Club Brasileiro. As fotos que estampamos abaixo são instantâneos apanhados na "pelouse" da Gávea durante o desenrolar das últimas carreiras ali realizadas.



REVISTA DA SEMANA

ANO XLVI -- 20-1-945 -- N. 3

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1899, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TÓDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANIZADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO POSSUÍMOS.

Sumário

LITERATURA:

A Estrada (Alvaro Moreyra).....	3
A revista das malas (Tristan Bernard).....	19
Cana, chá e café (Escagnolle Doria).....	26
O Seringueiro (Humberto de Campos).....	30/31
O carrasco não espera (John Dickson Carr).....	34
Livros Novos (J. L.).....	36/37

REPORTAGENS:

O Padroeiro da Cidade.....	4/5
Jockey Club.....	6
A casa das tres artistas.....	10/18
O general Batista no Rio.....	21
Figuras e Fatos.....	22/23

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos.....	27
Vestir bem.....	28/29
O cuidado com os olhos.....	32
Modas e figurinos avulsos.....	46, 47, 50 e 54

CURIOSIDADES:

O conto do expedicionário.....	9
Gaó, o virtuoso do teclado (A. Migueis).....	35
Gráficas de Hollywood.....	38/39
Como se educam os menores na Inglaterra.....	40/41
Figuras populares de revista.....	44/45
Stratford-on-Avon, a cidade de Shakespeare.....	48

SEÇÕES:

A Semana em Revista.....	8
A guerra em marcha.....	24/25
Coisas do Brasil.....	33
De Rádio.....	51

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	20
-------------------	----

Até o Gênio! Uma Calamidade!



Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas coisas mais insignificantes.

Um martírio!

Para tratar êstes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use **Regulador GESTEIRA**.

Regulador Gesteira é o tratamento indicado.

REGULADOR GESTEIRA é o Remédio de Confiança para tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos Útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dôres e Cólicas do Útero e Ovários, as Menstruações exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação e as irritações causadas pelo pêso do Útero congestionado.

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

"Charge" de Raul.....	59
NOVELA:	
"Covardia" (Berliet Junior).....	57/58

Nossa Cara

E' de uma joven e encantadora "estrela" de Hollywood, um nome pouco conhecido mas um rosto com o qual o público brasileiro começa a familiarisar-



se, o da sobrecapa do presente: Jane Wyman, da Warner. Si não teve ainda uma oportunidade maior para impôr-se na qualidade de interprete, suas cre-

denciais de moça elegante e bonita valem por um atributo que muito a recomenda e com o qual, mercê do tempo, ha de impor-se. No desdobrar destas páginas, encontrará o leitor uma série de palpitantes reportagens: a presença de Fulgencio Batista no Rio, as comemorações, hoje a fazerem-se, do dia de São Sebastião e uma entrevista em grande estílo, com três mulheres brasileiras que o público admira — avó, filha e neta — cada qual no seu setor de atividade artistica: Tereza Costa, rádio-atriz; Gilka Machado, poetisa, e Eros Volusia, bailarina. Nossa parte literaria, como sempre francamente desenvolvida, com trabalhos de Alvaro Moreyra, Humberto de Campos, Escagnolle Doria, Tristan Bernard, etc. E, como de praxe, farto noticiario ilustrado para o mundo feminino, com os mais recentes figurinos de Hollywood.

E' este mais um variado número da REVISTA DA SEMANA, em sua nova e vitoriosa fase, impondo-se ao grande circulo de leitores de todo o país, como uma publicação veterana, em ordem de antiguidade, e modernissima, por se integrar agora, definitivamente, no espírito da época e do publico.

Um - calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

a Semana em Revista

ÊSSES MARIDOS, COITADINHOS!

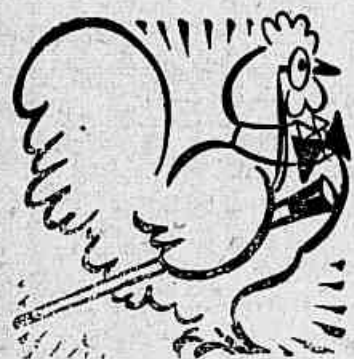


Em Bogotá, nos Estados Unidos — pois onde havia de ser? — foi fundada uma agremiação filantrópica, das melhor intencionadas, cujo programa é realmente piedoso. Ela tem por finalidade distrair, levar uma pequena parcela de entretenimento, ligeiros passatempos, quebracabeças ou lá o que seja, aos chefes de família pobres, coitados, aos maridos cujas esposas, por ciúme ou por qualquer padecimento mórbido, os impedem de ficarem fora de casa até mais tarde. Ora, não sabemos da existência de uma instituição mais simpática. Os maridos estão, como nunca, suplicando essa piedosa missão em seu favor, desde que são eles quem "geme" nas dolorosas, pagando toda a despesa lá em casa, inclusive fornecendo o dinheiro que mamãe, discreta e generosamente, como quem tira dos gastos de cada dia, passa aos bolsos dos matreiros filhotes mais elhos. Esses podem entrar em casa à hora que melhor entenderem e ainda o fazem sob a cumplicidade maternal. Já os "velhos", que pagam para a música, vigiadíssimos e tendo como função primordial a produção em larga escala dos dólares ou cruzeiros, acabam sendo apenas isso mesmo, uma fábrica de dinheiro. Nada mais justo, mais natural, mais caridoso que a fundação de um clubezinho procurando distrair os laboriosos chefes de prole, dando-lhes alguns

instantes de passatempo, sem alusão aos cinemas tipo Cineac... Surge, porém, um porquê: quando é que os maridos vigiados pelas esposas encontram tempo para receber a dose racionada de divertimento em aprêço? Só mesmo na hora do "lunch", ou quando saem da repartição, rumo aos penates, carregando o embrudo "linho da manteiga e, quando é possível "cavar" uma proteção com o "câmbio negro", meio quilo de carne para bifes... Já no teatro tivemos, em outra temporada, divertida comédia cujo título dizia tudo nesse particular: "Das cinco às sete". Era rec'mente nesse curtíssimo espaço de tempo, não dando para quase nada, que os exauridos e sacrificados chefes de família podiam divertir-se — quando podiam e a cara-metade não ia esperá-los à porta da repartição. Tomando conhecimento do telegrama chegado de Bogotá, quantos maridos sem divertimento, aqui no Rio, terão suspirado intimamente, meditando nas conveniências da fundação de uma sucursal carioca! Sim, porque no Rio também as coisas não se passam de maneira diferente. Os maridos trabalham cada vez mais e as esposas andam cada dia mais ciumentas. Ao passo que eles, coitadinhos, nunca se viram tão às tontas com as suas responsabilidades domésticas mas também nunca se divertiram tão pouco... Eis por que, em nome dos maridos desamparados cariocas, sem divertimentos nem nada, cabe-nos a obrigação de reclamar a filial do clube de Bogotá nesta Cidade Maravilhosa...

E que dizem, a respeito, as senhoras esposas?

HISTÓRIA DE UM GALO ENGASGADO



Ora vejam os senhores como são as coisas. A notícia veio de Goiânia e dizia assim: no bico de um galo foi encontrado um rico diamante avaliado em sessenta e cinco mil cruzeiros. O fato ocorreu em Niquelândia, no lugar denominado Trairas. O menor Evaldo Jacinto dos Santos, juntamente com outros companheiros, brincava à beira de um riacho, quando teve sua atenção despertada para um galináceo, que parecia estar engasgado com qualquer coisa. Procurando ajudar a ave, o pequeno Jacinto abriu-lhe o bico encontrando então na garganta do galo um lindo carbonato, de colorante azul muito raro e pesando nada menos de 50 quilates. A gema foi adquirida por um comprador de diamantes pela importância de sessenta e cinco mil cruzeiros. Coisas dessas, relatadas em folhetim ou no transcurso de um drama em três atos, passam como fruto exagerado de ficção, e tomando das mesmas conhecimento limitamo-nos a dizer: — "Isso só mesmo em literatura"... E no entanto aconteceu em Goiânia no dia 13 do corrente... O galo engasgou-se com o diamante, providencialmente, para dar sorte ao garoto. E do episódio em aprêço podem os senhores papais

extrair um pouco de moralidade para as crianças lá em casa: — "Meninos, se o pequeno Evaldo Jacinto, em vez de socorrer o galo, desse para apedrejá-lo ou fazer coisa pior, na certa que não teria descoberto a pedra preciosa"...

E a partir de agora, quantas crianças encontrarem galos engasgados vão passar a socorrê-los com toda a presteza, metendo-lhes o indicador na guela, mesmo quando os bichos tiverem apenas a clássica enfermidade da "gosma"... Aqui no Rio há de ser difícil, porém, encontrar-se uma ave engasgada com diamante, até porque os diamantes engasgam a quem os compra — ou melhor: a quem os paga... — e não são tantos a ponto de ocasionarem tão grande mal às "penosas" do galinheiro. Por isso, as crianças hão de decepcionar-se. E quanto aos papais, lendo a notícia pitoresca de Goiânia, podem ter raciocinado que o pai do garoto não encontrou um galo, mas uma "galinha morta". E cuidado, amigos! Porque acabaremos enfrentando qualquer dia, ali nas imediações da Central, um "vigariista" ultra-moderno, sobraçando um galo engasgado com dois pedaços mais grossos de linguiça e procurando convencer o "paca" de serem diamantes o que ficou atravessado na garganta do galináceo.

Pelas dúvidas, e a partir de agora, cautela com os galos engasgados. Diamantes de sessenta e cinco mil cruzeiros não andam aos pontapés...

OS FENÔMENOS ESPÍRITAS EM CARTAZ



Ainda não se diluíram por completo os efeitos do memorável "caso" Humberto de Campos, que tanto assunto forneceu aos jornais no transcurso do ano recém-fimado, e já um dia destes o vespertino "O Globo" começou a movimentar outro rumoroso e semelhante fato. Semelhante? Não. Maior, em todas as proporções, o fenômeno de que nos deu ciência aquele diário e que teria ocorrido na cidade paulistana de Pindamonhangaba. Ali, com a presença de várias personalidades, na maioria incrédulas em relação a tudo que diga respeito ao espiritismo, ter-se-ia levado a efeito uma intervenção cirúrgica toda realizada pelo "espírito" de um médico falecido há dezenove anos, com o simples propósito de convencer um filho, rebelde por natureza na matéria. Serviu de paciente um enfermo que se encontrava na capital bandeirante, sofrendo de apendicite, fazia longo tempo, sem jamais se resolver a entregar-se às mãos do cirurgião. Pois a intervenção, muito bem sucedida, teria sido feita nas mais completas trevas, dentro de um cubículo onde não podia permanecer pessoa alguma além do enfermo, deitado no seu leito, e sem a existência dos apetrechos cirúrgicos, mas apenas um

rolo de gaze e algumas outras peças de menor importância. Quando redigimos este suêto, ainda o referido vespertino não saciou por completo a curiosidade de seus leitores relatando os pormenores do caso, mas convenhamos que a notícia inicial pôs em ebulição os costumeiros prós e contras.

Sem dúvida, desta vez a possibilidade do fenômeno foi muito além das fronteiras do que se pode imaginar. Enquanto se atribuía ao "medium" Chico Xavier a autoria de obras literárias de Humberto de Campos, por Humberto escritas do "além-túmulo", ainda o sofisma podia prevalecer em larga escala, dado que os incrédulos atribuíram, mau grado todas as afirmações em contrário, que o homem de Pedro Leopoldo não fôsse mais que um embusteiro. Mas — e a intervenção cirúrgica, realizada nas trevas, com a presença de gente insuspeita? Escrever uma página literária, ainda pode acontecer. Já não podemos admitir outro tanto na extração do apêndice que surgiu, mais tarde, num pequeno vidro com álcool, adrede deixado, só com o álcool, é claro, no local da operação. Vamos então aguardar os detalhes que os nossos colegas devem publicar. E a propósito: em que ficou o caso dos direitos das obras póstumas do autor de "Memórias"? Ninguém mais falou no assunto...

UMA NOIVA PARA POIS GÊMEOS



A ocorrência verificou-se em qualquer parte do interior do Brasil. Não é segredo militar o lugar exato onde isso aconteceu mas, pelas dúvidas, convém não fazer maior divulgação a respeito. Foi assim: a moça ficou noiva. O rapaz chamava-se Pedro. Pedro qualquer coisa que não interessava enquanto não foi preciso cuidar dos papéis. Só nessa hora o moço veio a saber que o pai e o escrevente do cartório, por ocasião do nascimento, haviam procedido o registro dando-lhe a classificação "Pedro, irmão de Francisco". Isso foi feito pela simples razão de se tratar de dois irmãos gêmeos, um o Pedro, outro o Francisco. Certamente, também o segundo foi denominado "Francisco, irmão de Pedro". A certidão de nascimento do noivo foi então extraída naqueles termos, e o processo do casório seguiu seu curso natural sem ninguém ligar ao caso, até quando, agora, em vésperas do "conjuço vobis", o pretor deu com o impasse. Evidentemente, não poderia admitir que a moça contrairse nupcias com "Pedro, irmão de Francisco", pois a confusão passaria a ser geral, como no livro de Machado de Assis, resultando talvez que a noiva acabasse sendo a esposa de ambos os gêmeos. Daí os embargos contra a união, que teve de sofrer transferência. E

o telegrama não diz mais nada, nem lhe foi perguntado; mas nós todos passamos a refletir, não só nas consequências perigosas da cerimônia, se o promotor deixasse de tomar essas precauções, mas também no perigo maior se amanhã "Francisco, irmão de Pedro" repetisse a façanha matrimonial. Mais tarde as esposas acabariam sem saber ao certo o nome do marido...

Reflexão de uma pequena que ainda não encontrou Pedro nem Francisco: — "E dizer-se que há tanto homem disponível, sem as complicações de um registro dubio e muito incerto! Mas, também, quantas mocinhas terão suspirado admitindo que dos males o menor é, bem pensado, não surgirem complicações além das oriundas de um registro de nascimento mal feito. Os gêmeos saberiam distinguir a quem teriam levado ao altar e tudo estaria resolvido da melhor forma. No entanto, pelas dúvidas, vale uma advertência aos pais de filhos gêmeos. Cuidem de os batizar com nomes distintos e sem misturá-los, aos nomes. Já de uma feita, no estrangeiro, outra moça viu-se em situação ainda mais embaraçosa quando se enamorou de um rapaz irmão xifópago, porque o outro não simpatizava muito com a futura cunhada. E o noivado desfez-se, pois fatalmente surgiram desinteligências quando marido e mulher não concordassem com as opiniões do terceiro. E' sempre delicado e perigoso casar com irmãos ou irmãos siameses. Aí não se trataria de uma simples confusão de nomes no registro civil..."

O CONTO DO EXPEDICIONARIO

JORGE MATTAR não é um nome desconhecido para os nossos leitores. Em edição anterior, dêle publicámos cartas e uma crônica, enviadas da Itália, onde se encontra integrando as tropas da Força Expedicionária Brasileira. De lá nos manda, agora, este pequeno conto, escrito num intervalo de batalha, quando lhe sobram alguns instantes para dar largas à sua tendência literária. É, assim, um trabalho de sabor excepcional, feito sob o ambiente de guerra no qual também se desenrola a ação do conto, este que hoje oferecemos a quem nos lê.

A GARÇONETE

Era uma linda garçonete.

Negros olhos, lembrando a mística sedução das estrelas perdidas na noite. Corpo esguio, num contôrno maravilhoso de curvas. Seu lento andar, uma dança de desejos. Ela simbolizava a carne viva e radiosa, em pecados de amor. Um desvario louco aos maliciosos olhares...

Seis meses eram o tempo que trabalhava no "Café-Expresso", e fugaz, árdua e tumultuosa a vida deslizava na marcha inclemente dos dias...

Os homens adoravam-na, cumulando-a de frívolos galanteios; as mulheres invejavam-na, num ódio cordial... E ela a todos exibia, numa doce e harmoniosa expressão, a graça das ninfas.

No entanto, um homem existia que não a fitava. E, por um desses caprichos do Destino, ela sentiu que o amava.

Ele, insinuante, comprava a clássica ficha; encaminhava-se ao balcão de branco mármore, altivo e discreto, contrastando à algazarra geral; punha-se em frente a ela e trocavam, ambos, olhares de recíproco e nascente interesse. Ele se enrubescia, disfarçava um leve sorriso e, devolvendo a ficha, aguardava o café.

Após bebia-o e, simuladamente, seus cisnadores olhos se fixavam num ponto vago do espaço, espelhando a tristeza taciturna de recondito sofrimento... Então, ela os fregueses esquecia contemplando-o, silenciosa e extasiada. Vibrava em sua alma uma estranha ânsia de ser possuída. Ele, se a compreendia, continuava absorto em sua aparente indeferência.

E foi sempre assim. Por todos os dias os mesmos gestos, as mesmas atitudes, buscando êle sempre a bela menina.

O tempo fugia e o amor da garçonete aumentava; e o mutismo inexplicável do impassível homem mais e mais a confundia...

Certa vez o café êle não bebeu e, surpreso, ouviu deslumbrado a confissão de amor da deusa do "Café". Ela falou arfante e o amor lhe declarou. Ele, que já a amava em segredo, sentiu toda a candura daquela alma arrebatada. Num rasgo de compreensão sorriu... sorriu tão tristemente, com a pureza dos bons, meneou a cabeça e disse simplesmente:

"Não vale a pena sonhar!"...

Os dias se passavam. O seu Adonis jamais ausente se fizera e o amor da garçonete ao auge chegara. Em seus lábios não mais bailou um sorriso de felicidade. E, não sei por que, ao beber o café êle deixava-se perder em meditações... Fitando-o, ela sonhava a volúpia de insatisfeitos desejos sensuais...

Naquele dia a bandeja caíra ao chão, quebrando-se as chicanas. Os olhos dos fregueses nela convergiram e dos lábios trêmulos da garçonete escapou uma exclamação de surpresa:

"Expedicionário do Brasil!"...

Num relance tudo compreendeu. Boquiaberta, contemplava o homem que não era seu, sob a empolgante farda expedicionária. A cabeça o verde gôrrô; ao braço esquerdo um nome tão grande como o céu: "Brasil".

Então um forte e inesquecível silêncio imperou. Os fregueses assistiam emocionados à tocante cena.

Depois, muito depois, ela baixou a negra cabeça e espalmou sua branca mão em seu pequenino e meigo rosto; dos seus tristes olhos, duas lágrimas rolaram e, em entrecortados soluços, apenas balbuciou:

"Felicidades, meu amor!"...

J O R G E M A T T A R





Oba! — E com uma "te-
oura" de mestre Eros mos-
ta ali mesmo, na sala de
jantar, que é mestra
no frêvo.

A CASA DAS TRÊS ARTISTAS

AVÓ, FILHA E NETA: UMA RÁDIO-ATRIZ, UMA POETISA E UMA BAILARINA — TERESA COSTA, GILKA MACHADO E EROS VOLUSIA — GILKA NÃO FALA, ESCREVE — EROS E O FRÊVO PERNAMBUCANO — DONA TERESA E SEUS QUATRO FILHOS — A CANTORA DE "CRISTAIS PARTIDOS" BRIGOU COM O MUNDO: ESCREVE SEUS POEMAS E OS ESCONDE — HISTÓRIA DA MENINA QUE GANHOU UM CONCURSO LITERÁRIO — EROS PRETENDE VOLTAR A HOLLYWOOD, DEPOIS DA GUERRA — UMA CASA BURGUESA, IGUAL AS OUTRAS, ONDE VIVEM TRÊS GERAÇÕES — DETALHES CURIOSOS.

Escreveu CELIUS AULICUS

Fotografou ARNALDO VIEIRA

A casa onde moram Teresa Costa, Gilka Machado e Eros Volusia não é, como bem poderia parecer a muitos e como nós próprios acreditávamos, uma torre de marfim inacessível à curiosidade dos mortais, guardada noite e dia pelo gigante assustador da glória e cercada pela muralha intransponível da celebridade.

Ao contrário, o lar das três artistas é uma casa de família como todas as residências familiares do mundo, alinhada ao longo de uma rua vulgar, com um número na porta e flores no jardim.

Foi esta casa que a nossa reportagem visitou, no intuito de dar aos leitores uma idéia da vida destas mulheres excepcionais, exemplos típicos de três gerações diversas de artistas, ligadas pelo amor filial, para quem sempre a luta de uma é a luta de todas, e para quem a consagração de uma delas constitui uma glória comum.

GILKA MACHADO NÃO FALA, ESCREVE

Recebidos amavelmente, conversámos longamente com Eros Volusia e d. Teresa Costa, uma vez que a grande poetisa Gilka Machado, após uma gloriosa carreira e uma vida consagrada exclusivamente à arte, terminou por se convencer, graças à ingratidão dos críticos e à inveja dos mediocres, da insinceridade das palavras e da hipocrisia dos elogios.

Mas Eros Volusia, a quem a condição de filha não impede, muito naturalmente, que seja uma grande admiradora da notável poetisa, conta-nos alguma coisa da vida de sua mãe.

E' ela quem fala:

— Mamãe atualmente tem pela publicidade uma idiossincrasia quase mórbida. Escreve muito, mas mesmo a mim ou à vovó é vedado conhecer as suas novas produções que, penso eu, já compõem material para uns quatro volumes. Estes manuscritos ela os guarda a sete chaves, longe das vistas indiscretas de qualquer pessoa, e nem mesmo os de casa sabem onde estão.

— Mas a que atribui você este ódio ao público?

— Não creio que se possa realmente chamar "ódio ao público". E' antes uma consequência de sua posição diante dos críticos e das "panelinhas" literárias, que culminaram com o silêncio inexplicável guardado em torno de seu último livro — "Sublimação".

E dizendo isto a bailarina nos mostra um volume que se encontra sobre a mesa.

Folheámo-lo ao acaso. São as últimas poesias publicadas por Gilka Machado. Na capa, a data da edição: 1938.

E, lendo aqui e ali alguns poemas desse volume, também nos surpreende o silêncio da crítica.

Não há ali, como em qualquer dos livros anteriores da poetisa, esse lirismo



Não é, como pode parecer, um treino de paraquedismo. Trata-se apenas do "jacotó", um dos passos mais arrojados do frêvo pernambucano. Eros ensaia em casa o bailado que mostrará ao público brevemente.

desce para o mar sereno e verde a música bárbara e dolente dos "candoblés" e os saveiros se fazem ao largo, as brancas velas enfundadas ao sôpro ameno e firme de Iemanjá, a Nossa Senhora das águas e dos ventos, que vela pela vida e pela morte dos marinheiros.

Viramos a página e vamos encontrar outro poema onde o amor sublimado da poetisa se traduz numa ternura triste e quase religiosa pelos homens que elevaram, entre os morros silenciosos, o poema de cimento armado que se chama Rio de Janeiro. Esse sentimento lírico, despidido de pieguismos comprometedores, qualquer de nós, sem sentimentalismos chorosos, sentimo-lo vivo e cálido a nos transbordar da alma, se numa tarde poética olharmos do Alto da Boa Vista a cidade vasta e tortuosa que se estende a nossos pés.

Mas onde o amor de Gilka Machado pela humanidade transparece em sua plenitude, sincero e claro, é no maravilhoso poema "Alerta, Miseráveis!", uma verdadeira joia de poesia modernista, talvez a mais bela das páginas de "Sublimação", uma obra que Gold assinaria com orgulho.

Estávamos nesse ponto da leitura, inteiramente entregues à beleza dessa poesia sincera e pura, quando a voz de Eros Volusia nos chamou novamente à realidade.

Ela contava-nos agora a evolução artística de Gilka Machado.

UMA MENINA GANHA UM CONCURSO LITERÁRIO

A história da poetisa Gilka Machado começou há muito tempo. Um jornal do Rio lançara então um concurso de poesias, ao qual concorrera, com três poemas assinados por pseudônimos diferentes, uma garota do subúrbio.

A apuração final do pleito premiou essas três obras.

E um dia aparece na redação a pequena artista reclamando os lauréis alcançados.

A princípio, os redatores não acreditaram que aquela tímida adolescente fôsse a autora das produções premiadas. Convenceram-se, porém, logo que Gilka Machado, defendendo os seus direitos, expôs diante dos jornalistas extasiados os argumentos claros e precisos que a identificaram.

Desde então começou a sua carreira artística. Escreveu muito, escreveu sempre com sinceridade; causou emoção, conseguiu um público nunca sonhado por uma poetisa brasileira.

Em 1933 "O Malho" lançou uma enquete entre os membros da Academia Brasileira de Letras: "Qual a Princesa da Poesia Brasileira?".

Não pôde haver sofismas, não pôde haver contestações. Gilka Machado venceu com maioria esmagadora de votos. Outras poetisas fizeram cabala, pediram votos. Ela não pensou nisto. Foi assim que os acadêmicos reconheceram um título que o público já lhe havia conferido há muito tempo.

Já então se faziam sentir em torno da obra e da pessoa da grande poetisa o despetito de pseudo-intelectuais "snobs", a quem posições sociais, dinheiro e amigos influentes, interferindo na crítica e nas edições, haviam dado indebitamente uma fama transitória.

E esta influência se fez sentir na car-

Para se fazer um "saca-rôlha" como este, é mister chamar-se Eros Volusia ou ter certidão de nascimento passada por um cartório do Recife.

romântico "água com açúcar", tão comum na literatura feminina brasileira. No entanto "Sublimação" é um livro de poemas de amor. Mas o amor, nas poesias de Gilka Machado, não anda coberto de flôres de laranjeira nem tocando bandolim sob os postigos das Julietas adormecidas.

O amor cantado em seus versos é esse amor sublime e humano que nos enche o peito quando, em noites de Carnaval,

uma morena saracoteia no salão ao som dum samba do morro. É essa ternura que sentimos quando um garoto maltrapilho nos pede um níquel para matar a fome, na véspera do Natal. É essa ânsia ardente de beijos e perfumes que nos oprime a alma quando a brisa marinha agita o cabelo de nossa amada.

Esse é o amor cantado em "Sublimação". Esse é o amor que vive nas poesias de

Gilka Machado, sincero e belo, humano e ardente.

As emoções da poetisa são as de qualquer ser humano.

Em suas maravilhosas estrofes sobre a Bahia ela canta, como ninguém poderá fazê-lo, a poesia triste e melancólica que nos invade o coração; quando vemos do alto acenderem-se as luzes da Baixa do Sapateiro, enquanto dos morros distantes

reira de Gilka Machado, em sentido negativo. Contra ela, a maior poetisa do país, voltaram-se as forças que haviam sido a estaca básica do sucesso de suas rivais.

As suas obras, por demais reais e humanas, sinceras e puras, despidas de qualquer hipocrisia e de qualquer sentimento falso, causavam um escândalo todo artificial e fingido nas rodas literárias, que então, como agora, emprestavam a si mesmas o nome pomposo de "elite cultural".

Foram estes os motivos que levaram a princesa das poetisas brasileiras a trancar-se dentro de casa, com os seus sentimentos e a sua arte, entregue toda ao amor carinhoso que a une à sua filha que, como ela, nunca se afastou das tradições de inteligência da família.

Nunca mais Gilka Machado lançou a público um poema, nunca mais concedeu uma entrevista à imprensa.

Os jornais esqueceram-se de seu nome. Entretanto despedira-se do seu grande público com estas palavras, que escreveu, na época, Gondin da Fonseca: "Não é só a primeira poetisa, mas também o primeiro poeta do Brasil contemporâneo".

Assim foi a vida de Gilka Machado, uma mulher que sofreu, amou e viveu, sacrificando-se à arte, simplesmente porque a arte para ela era a própria vida e não um caminho curto para a popularidade e a glória.

A ambição egoística dos mediocres intercedeu em seu caminho, e ela desistiu da luta, justamente porque, para transpor a barreira, seria necessário descer ao nível dos inimigos, usando as suas próprias armas.

Gilka Machado não desceu. Continuou a escrever para si mesma, já que não queriam que ela escrevesse para os outros.

Mas a sua poesia vive ainda e viverá sempre guardada no coração de todos os homens, solta nas ruas de todas as cidades, prêsa na brisa de todas as praias.

Ela canta no ruído dos tratores, ri na alegria das florestas murmurantes, dança no vento das campinas. Ela é a própria poesia da vida, sem enfeites de forma e de imagens irreais.

E se a inveja e a ingratidão de muitos não deixaram que a sua consciência falasse, outros não puderam esconder a emoção que o seu estro divino lhes provocara.

Para prová-lo, ali estava sobre a mesa "Terra do Sem Fim", de Jorge Amado, com uma dedicatória no frontispício: "Para Gilka Machado, poetisa de verdade, e também para Eros Volusia, que é o próprio ballado brasileiro".

Nenhuma crítica elogiosa poderia ter o valor dessa homenagem sincera, nenhuma palavra impressa será mais clara que esta grande verdade, pois não é a todos que Jorge Amado e Gondin da Fonseca elogiam.

A VIDA DINÂMICA DE EROS VOLUSIA

Já havíamos conversado bastante com Eros Volusia a respeito de Gilka Machado. Cumpria agora saber algo de sua vida, inteirarmo-nos de suas lutas diárias, de seus trabalhos, de suas ocupações cotidianas.

Ao contrário do que havíamos preconcebido, a creadora dos ballados típicos brasileiros é uma moça modesta.

Preferiu falar-nos sobre a arte em si, sobre o futuro da dança brasileira, a contar-nos algo de seus sucessos e de suas glórias.

Mas, com a indiscreção profissional, fomos folheando um grande album, onde ela guarda os noticiários a seu respeito, folhas soltas de jornais antigos, elogios da crítica, clichês meio apagados.

Foi ali que encontramos uma capa de "Life", onde ela aparece num instantâneo magnífico de um dos seus passos mais característicos.

Nessa página de album estão prêsas recordações da América, coisas dos Estados Unidos — um convite de Roosevelt para um jantar na Casa Branca, uma fotografia da bailarina em companhia de Eleanor Powell, que se tornou uma de suas melhores amigas, crônicas cinematográficas sobre "Rio Rita", notícias a respeito de sua atuação em Hollywood...

A visão desses "souvenirs" nos sugere uma pergunta:

— Você não pensa em voltar ao cinema americano?

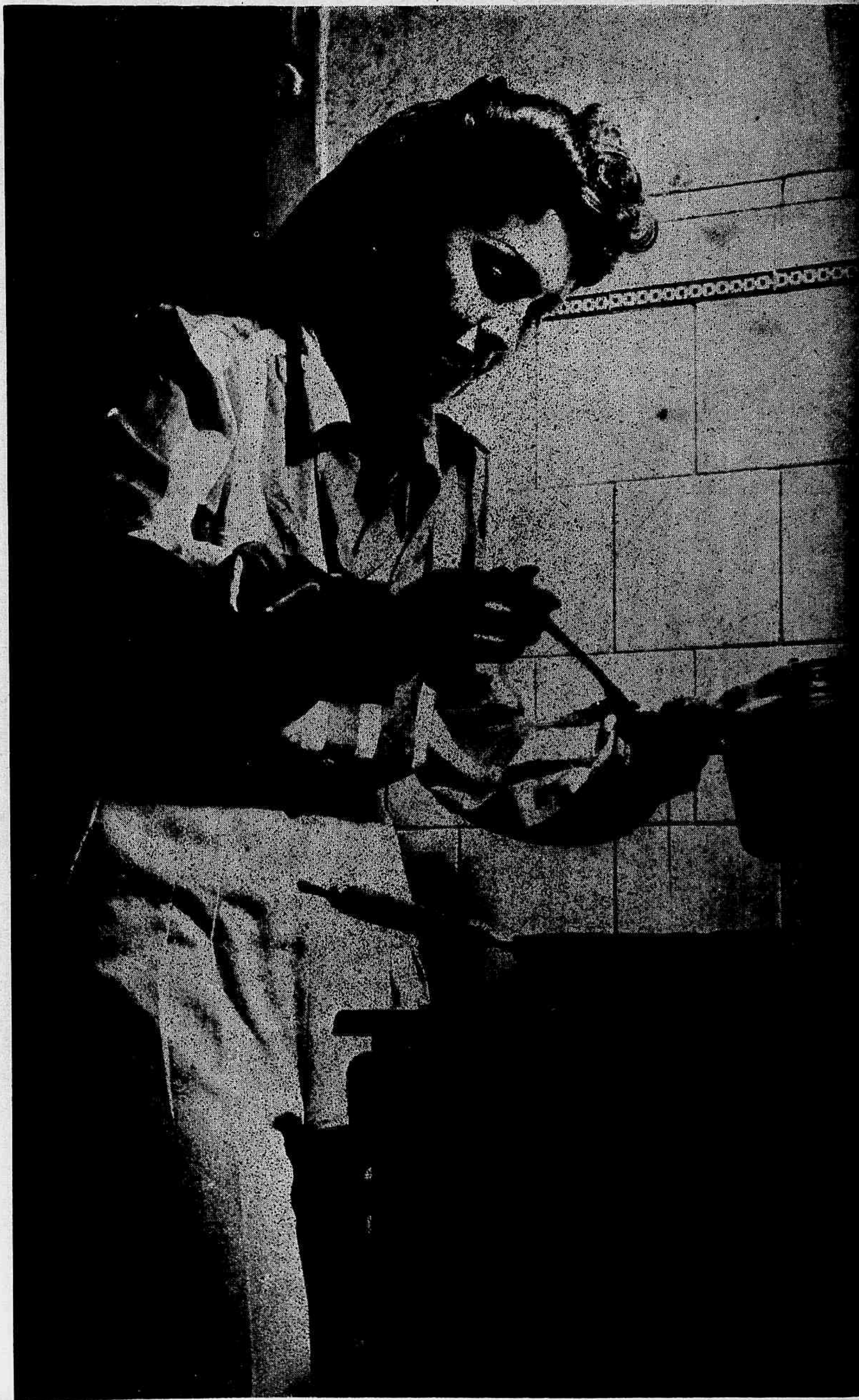
Eros Volusia já tem o seu projeto traçado a este respeito. E expõe-nos os seus planos:

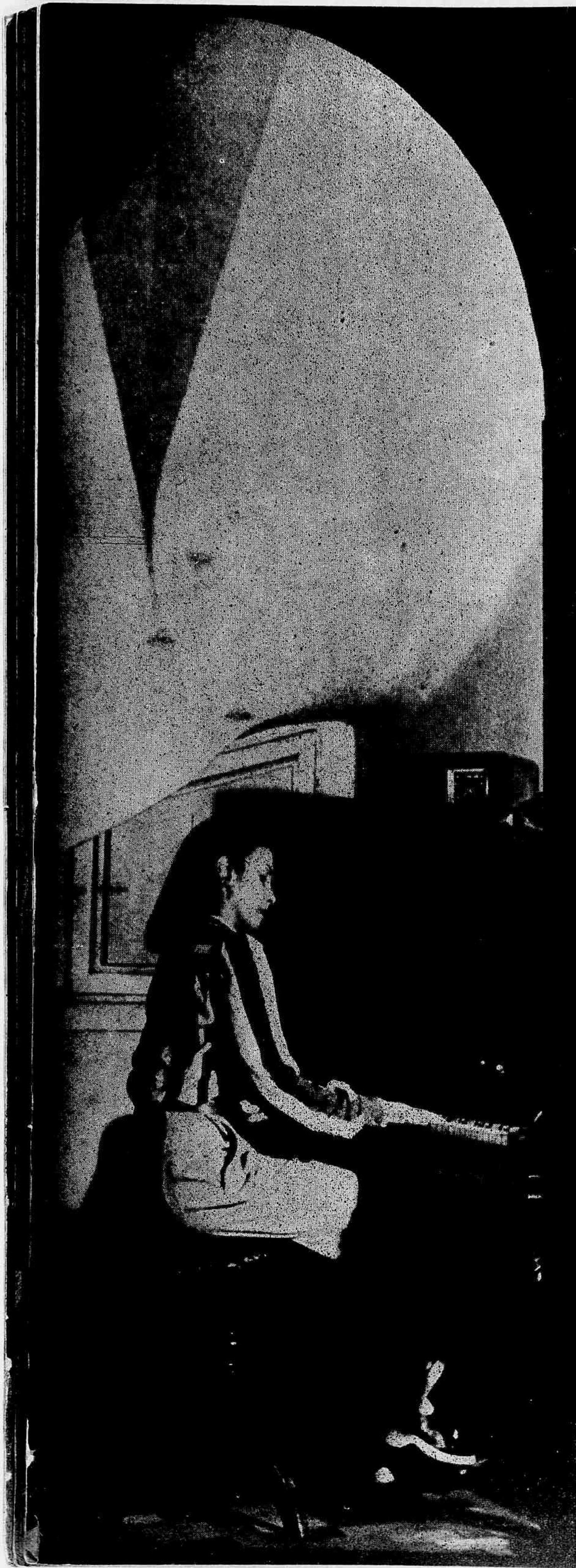
— Logo que termine a guerra voltarei a Hollywood. Por enquanto não penso fazê-lo, pois mamãe não quer deixar o Brasil enquanto perdurar a conflagração.

— E você não iria sozinha de maneira alguma?

— Não, isto está fora de qualquer cogitação. Vivi sempre com minha mãe, a ela devo a minha carreira e penso que longe de seus olhos eu me sentiria im-

Nestes tempos duros de racionamento, mesmo uma artista se vê às vezes obrigada a serviços domésticos. Eros Volusia especializou-se num ramo da difícil e complexa arte culinária: fazer panquecas. Ei-la aqui, de frigideira em punho, entregue à alquimia complicada das farinhas e da manteiga.





Este é o último retrato de Gilka Machado. Ele aparece no frontispício de "Sublimação", o livro que, recebido por um silêncio inexplicável da crítica, fez com que a grande poetisa se trancasse dentro de casa, só escrevendo para si mesma os seus sentimentos e a sua revolta.

possibilitada de realizar qualquer coisa de valor.

Para isto contribui, além do lado sentimental da questão, o fato de ter sido sempre minha mãe a minha melhor colaboradora e a minha mais severa crítica. Eis por que espero o fim da guerra para voltar à terra do cinema. E enquanto espero, trabalho. A minha arte requer uma atenção absoluta de 24 horas por dia.

Neste ponto d. Teresa Costa intervem na conversa:

— E' isto o que mais me impressiona em minha neta: o seu dinamismo e a sua luta incansável em prol da arte. Veja como distribui o seu tempo: pela manhã entrega-se ao trabalho no Curso de Bailados do Serviço Nacional de Teatro, à tarde ensaia novos bailados estilizados, e à noite dança para o público. A vida de Eros pertence à dança, cem por cento. Raros são os seus momentos de descanso.

Pegámos na deixa e perguntámos à bailarina se depositava grandes esperanças no Curso de Bailado.

Eros respondeu-nos entusiasmada:

— As minhas esperanças são grandes, são arrojadas. Penso que dentro de pouco tempo o curso estará à altura de suas finalidades. Mas por enquanto não se pode fazer muita coisa. Dá-se ali um fenómeno interessante, reflexo evidente da falta de recursos com que lutamos para a formação de grandes bailarinos: mal os meus alunos adquirem conhecimentos técnicos que lhes permitam colocarem-se como bailarinos em teatros de variedades ou "grill-rooms", abandonam o curso e se

lançam à vida profissional, ainda sem recursos de técnica ou arte que lhes permitam uma capacidade creadora que os possa consagrar. Essa conduta, imensamente triste para mim, seria corrigida se pudéssemos oferecer às verdadeiras vocações artísticas um campo vasto para o seu desenvolvimento, sem que às alunas do Curso de Bailado fôsse necessária a preocupação com situação financeira ou outros problemas estranhos à sua carreira. Tal entretanto não acontece. As aulas do curso são dadas em local inadequado, sem recursos de técnica ou higiene que ofereçam rendimento de vulto das lições ministradas às alunas. Muitas delas, porém, tem feito nome como bailarinas.

Mas, apesar de adquirirem ali todos os ensinamentos de bailado clássico, as minhas discípulas terminam sempre por abraçar a dança típica brasileira, atendo-se todavia à simples reprodução de meus bailados.

Ficaria orgulhosa, entretanto, se alguma delas apresentasse algo de novo em suas exhibições coreográficas que afirmasse um talento creador.

Tal, porém, ainda não aconteceu até agora. Mas tenho hoje, entre as minhas alunas, uma pequena que me dá esperanças — tem 11 anos e chama-se Sally Loretti.

Através das palavras de Eros Volusia podíamos adivinhar a sua luta de todos os dias para realçar o seu Curso de Bailado, que funciona no palco do Teatro Ginástico, sem aparelhamento adequado, sem recursos e sem subvenções. Isto nos faz lembrar a Escola de Isadora

Chopin visita a casa das três artistas! Num de seus raríssimos momentos de descanso, Eros Volusia senta-se ao piano. Os acordes marciais da polonesa militar enchem a sala com a sua presença emotiva.

São dez horas da noite. Eros desce apressada, pois pouco falta para iniciar o bailado de todas as noites no Casino, última etapa de seu dia trabalhoso de artista.

Duncan em Moscou. Ali a divina artista dirigiu, durante sete anos, um curso de bailados, em ginásios apropriados, subvencionada pelo governo, exigindo, determinando o que queria, ditando as normas de administração da escola. Assim ganhou a gratidão de um povo e veneração de muitas gerações.

Enquanto Eros Volusia falava, comparávamos o trabalho de Isadora com o seu esforço titânico para a formação de bailarinas, dentro do palco apertado do Ginástico, em luta aberta contra a falta de recursos materiais, a falta de propaganda, a falta de apoio moral dos órgãos de divulgação, a incompreensão do público e falta de solidariedade dos grandes artistas.

Mas, apesar de tudo, Eros tem pelo seu Curso de Bailado uma grande afeição. A ele dedica o melhor de seus esforços, a ele entrega toda a força criadora de seu talento de artista.

Assim vive Eros Volusia, a bailarina. Trabalha, estuda, cria.

Não é uma bailarina como muitas que conhecemos que, tendo adquirido alguma técnica e possuindo um pouco de inspiração, fulgam-se grandes artistas. A criadora dos bailados brasileiros, que levou o batuque a Hollywood, não dorme sobre os louros alcançados. Continua a trabalhar, aceita as críticas severas de sua mãe, estuda, ensaia, instrui-se, procurando sempre realizar bailados mais brasileiros, mais belos, mais artísticos.

Eros vive da dança e para a dança.

Quando pequenina ainda, disse a sua mãe que queria ser bailarina; a poetisa Gilka Machado tentou dissuadi-la dessa idéia. Notando porém a irresistível vocação da filha pelo bailado, aquiesceu.

— Muito bem, se queres ser bailarina, serás. Mas serás bailarina de verdade, terás que aprofundar-te na arte, adquirir consciência de tua carreira.

Assim fez Eros. Estudou, lutou, venceu. Hoje ainda se entrega à dança. Não pode fazer mais nada.

Agora, por exemplo, ensaia durante longas horas passos novos de frêvo estilizado, para uma demonstração pública nos estúdios da Rádio Tupi.

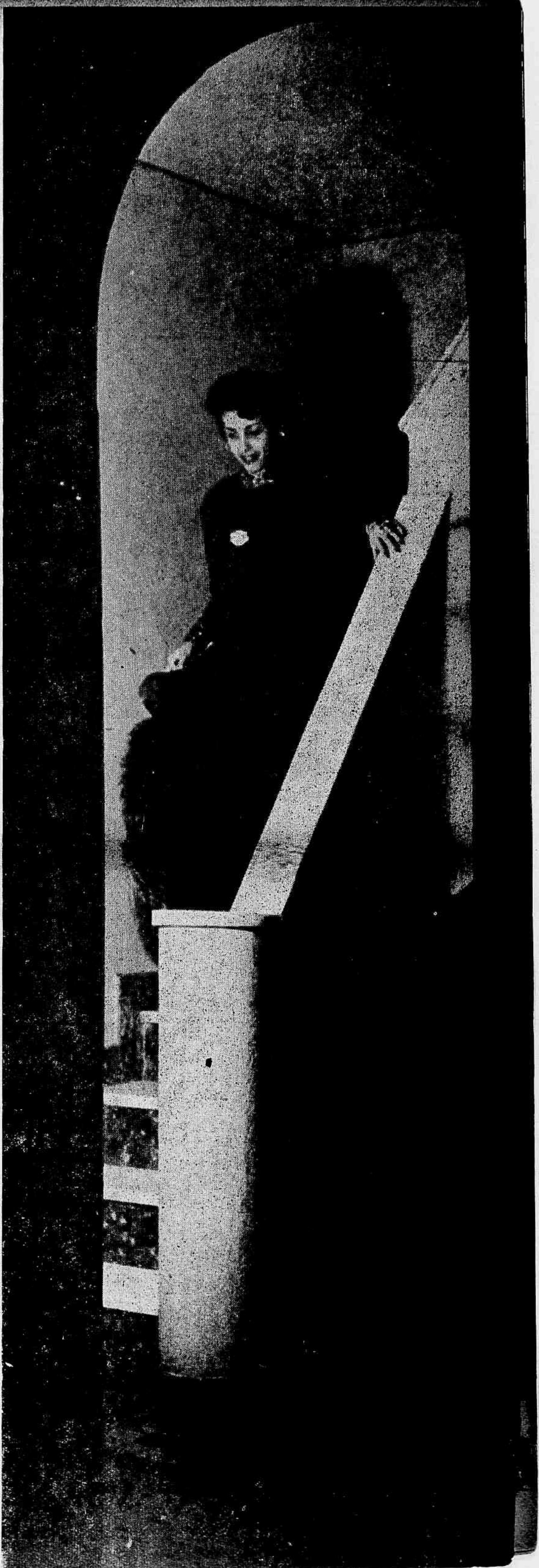
Assim o frêvo, graças à nossa maior bailarina, voltará a ser apresentado ao público carioca.

Já da primeira demonstração da dança pernambucana no Rio, organizada pelo desenhista Augusto Rodrigues, Eros havia concorrido com a sua arte e o seu talento para o êxito da exibição. Foi em seus passos que o artista se inspirou para a reprodução dos bonecos de carvão que provocaram a grande noite de frêvo no pátio da Escola de Belas Artes.

Hoje Eros volta a apresentar o frêvo pernambucano ao povo do Rio.

E não poderia deixar de ser assim, pois em verdade não podemos falar de qualquer dança regional brasileira sem lembrar o nome da jovem artista, pois ela é, repetimos nós, a própria imagem do nosso bailado, transfigurado em mulher.

Gilka Machado, ao tempo em que ainda aparecia nas páginas dos jornais e colaborava na imprensa periódica. Além de grande poetisa que é, deve ter sido também a inspiradora dos poetas contemporâneos.





Tereza Costa e Eros Volusia olham uma fotografia de Gilka Machado e lembram com saudade o tempo em que a grande poetisa ainda editava suas obras e concedia entrevistas à imprensa.

TERESA COSTA TEM QUATRO FILHOS

Cortando a conversa, Eros Volusia nos pede licença para fazer um pequeno trabalho doméstico. Apesar de ser a grande bailarina que é, ela tem que atender, muitas vezes, às exigências do lar, pois nestes tempos de racionamento e de falta de empregadas a vida de uma mulher é sempre trabalhosa.

Assim, enquanto a sua neta se entregava na cozinha à fabricação de saborosas panquecas, conversámos com Teresa Costa, conhecida rádio-atriz, que o público não se cansa de admirar e aplaudir.

Ela nos conta os seus sucessos passados, mas queixa-se de sua profissão atual:

— O rádio é ingrato e perigoso para quem dedicou a sua vida ao teatro. Ali não podemos ouvir os aplausos da plateia, que constitui sempre o mais alto prêmio almejado por um ator e a justa paga de seu trabalho cansativo, ao fim de cada ato e ao fim de cada peça.

Mas no rádio, se o público nos aplaude, não ouvimos as aclamações. Há, além disto, a falta de recursos mímicos, que é, a meu ver, a coluna mestra da arte teatral.

— A senhora pensa então em voltar à ribalta?

— Não. Hoje entrego-me mais à minha família que à minha arte.

Aqui vivo cercada pelo afeto de Gilka e de seus dois filhos. Contando com Amauri, o meu neto adotivo, que tem agora três anos, são quatro os meus filhos. Dêles me orgulho, e penso que são uma recompensa generosa à luta que mantive para educar a minha filha.

Neste momento Eros Volusia voltava trazendo a bandeja de panquecas, sua maior realização em arte culinária.

Comprovada a sua perfeita perícia neste ramo especializado da grande ciência da cozinha, vimos que se fazia tarde.

Já então Eros Volusia, após uma "toilette" rápida, descia as escadas apressada, rumo ao Casino, onde se desenrolaria a última etapa de seu dia trabalhoso de artista.

Despedimo-nos rapidamente e ganhámos a porta.

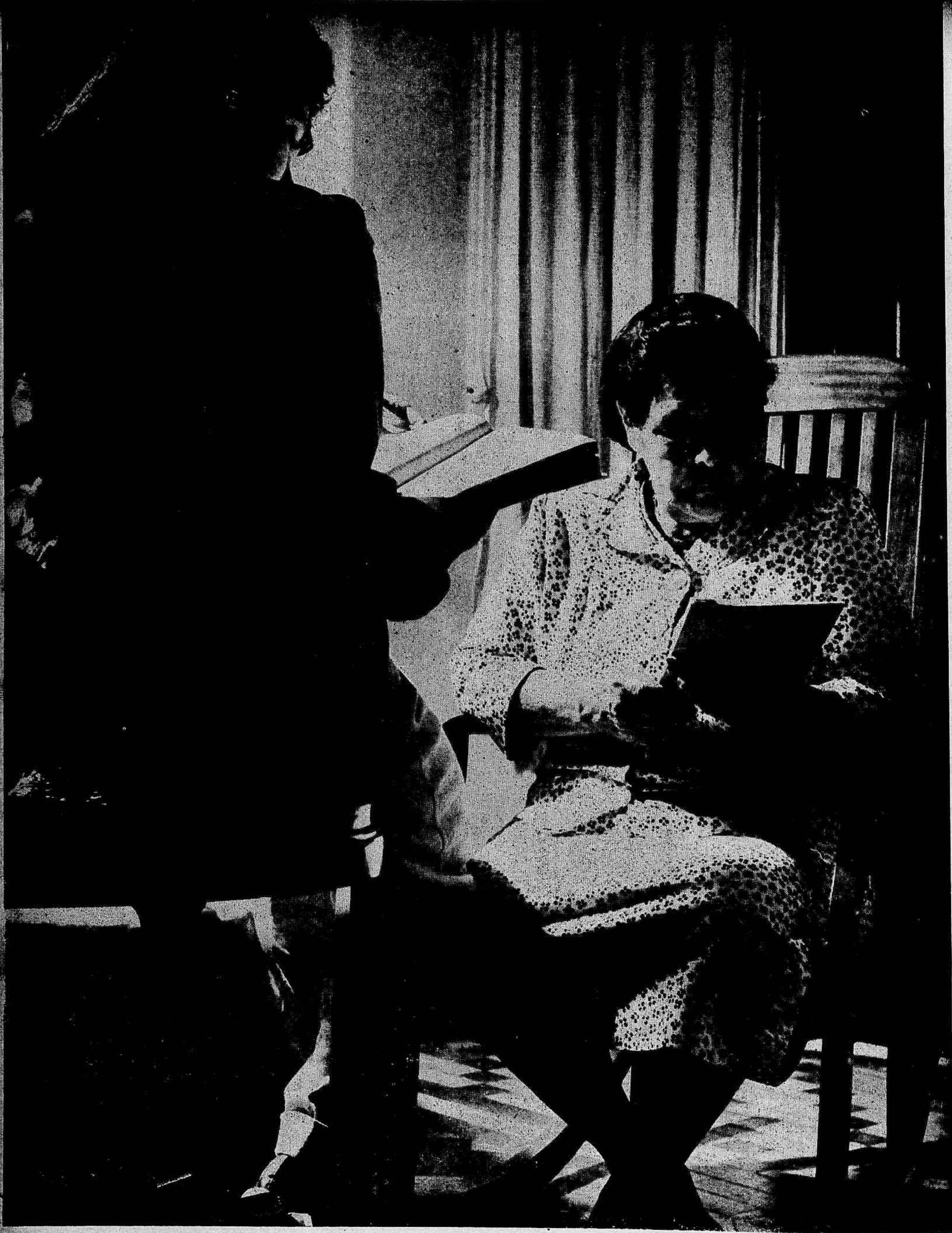
Uma rua vulgar se estendia à nossa frente. Aos lados fileiras de casas burguesas, com trepadeiras nas varandas e casais de namorados nos portões. Entre elas a casa das três artistas, igual a todas as outras em sua fachada e em seu aspecto; mas diferente de todas em sua estrutura básica. Sim, pois convivem ali, com Teresa Costa, Gilka Machado e Eros Volusia, duas hóspedes ilustres, que não se abrigam sob qualquer teto — a Arte e a Inteligência.

A OUTRA GILKA

Os leitores mais antigos devem ter chegado a esta altura da nossa reportagem evocando os tempos da evidência maior de Gilka Machado. Que ela continua sendo a maior, ou uma das maiores poetisas do Brasil e do nosso continente, ninguém tem dúvida, embora mantendo-se nestes últimos tempos em um silêncio ab-

A popular rádio-atriz Teresa Costa vive hoje mais para a família que para a arte. Aqui vemo-la velando por Amauri, seu neto adotivo, que alegre e revolucionaria a casa das três artistas com a sua inteligência precoce e o seu terrível revólver de espoleta.





Enquanto Eros Volusia lê a biografia de Nijinski, Teresa Costa ensaia o papel que representará logo mais numa audição de rádio-teatro. Este é um aspecto característico da casa das três artistas, onde a inteligência está sempre ativa, instruindo-se e produzindo.

soluto e numa grande abstinência de publicidade. Mas, então, a Gilka de "Cristais Partidos" publicava largamente seus trabalhos, colaborava em revistas literárias e provocava, também, intensas controvérsias junto à crítica. Então, Eros não passava de uma garotinha assim, d'êste tamanho, muito longe de cogitar de bailladas clássicas ou regionais. Seu pai, o falecido jornalista Rodolfo Machado, re-

dator do "Jornal do Comércio", era outro forte idealista, escritor e poeta cujo maior acervo de produção se distribuía pelas bancas de redação onde ganhava o pão de cada dia. E quando, ainda moço, êle foi arrancado à vida por uma traiçoeira enfermidade, Gilka Machado guardou a sua lira e tratou da educação dos filhos — de Eros, inclusive. Ela e dona Teresa Costa instalaram uma pensão para comer-

ciários, num segundo andar da rua São José, onde, por longo tempo, se dividiam as atividades. Serviam-se refeições na sala dos fundos e reunia-se um legítimo cenáculo na sala da frente, onde também a pequena Eros, já maiorzinha, praticava seus exercícios de barra e aprendia a dançar de ponta. O tempo mudou tanto! Hoje Eros Volusia está em franca evidência, com justiça. Dona Teresa Costa di-

vide seus labores entre a casa onde residem, agora num aprazível bairro da cidade — e Gilka, a maior, a notável, aquela a quem um dia se fará justiça, quem sabe se tardiamente, mas fará, escreve e oculta seus poemas. Escreve e foge à publicidade. Escreve e vê que só agora conhece realmente a humanidade. Que versos sublimados ela não estará fazendo!

— Foi isto há já três anos... contou-me o sujeito que dava pela alcunha "Cachimbo".

Quem nos deu a indicação foi um velho vendedor ambulante de cestas de verga. Passando pelos arredores de Compiègne, notara ele a casa isolada, bem separada das outras habitações. Morava ali a viúva V., velha um tanto maniaca que não tinha criada e nunca saía de casa. Os fornecedores não chegavam a atravessar a porta da entrada. Depunham os pacotes do armazem ou da quitanda, o leite, os ovos, num banco da varanda, onde encontravam o dinheiro certo da encomenda.

Noel, o corcunda, foi de parecer que, tendo nós dois ouvido ao mesmo tempo a informação do vendedor ambulante, devíamos fazer o "negócio" juntos, sem falar a mais ninguém. Com o pouco dinheiro de que dispúnhamos no momento, comprámos, num belchior, uma velha mala de couro. Fomos depois a um terreno vago e arranjámos uns pedaços de madeira, uns tijolos, para fazer pêsos e assim se evitar qualquer desconfiança na estrada de ferro.

Combinámos que eu traria a mala para Paris em vez de a deixar na casa mesma ou no campo. Arranjaríamos jeito de fechar a casa, para se julgar que a velha se houvesse ausentado. Quanto mais tarde se estranhasse o seu desaparecimento, tanto melhor para nós. E em Paris não teríamos dificuldade em destruir o corpo de delito. Um camarada de toda a confiança se encarregaria de queimar a mala e o conteúdo.

Apresentámo-nos em casa da viúva ao cair da noite e a pretexto de deixar lá ficar umas amostras de vinho e vir saber, dias depois, se ela queria ou não comprar o artigo. Sabíamos que a velha era desconfiada e receiávamos que não nos deixasse entrar na casa. Mas tivemos sorte. E, chegados à sala, aquilo foi num abrir e fechar de olhos. Já eu tinha visto Noel em ação, mas nunca como daquela vez. Deitar-lhe as mãos ao pescoço e derrubá-la num canapé foi obra dum momento. Para o "trabalho", realmente, não havia igual. Mas só para isso. Quanto a dar o plano, preparar as coisas, evitar os vestígios, prever a retirada, tudo isso era comigo. E ainda bem que me competia essa parte, porque só de segurar as pernas da velha senti embrulhar-se-me o estômago, ao passo que Noel continuou a apertar-lhe calmamente o gasnete, até o fim.

Quando o corpo deixou de mexer, pareceu-nos maior do que à primeira vista. Chegámos a recear que não coubesse na mala. Felizmente entrou todo e ainda tivemos que carregar um pouco na tampa para a fechar. Melhor assim, está visto, do que se o corpo viesse chocalhando lá dentro... Fechada a mala, procedemos ao saque dos móveis. Encon-



A REVISTA DAS MALAS

Conto de
TRISTAN BERNARD

trámos nas gavetas cerca de oitocentos francos; deborcando uma bota de louça que adornava uma *étagère*, fizemos cair umas vinte moedas de cinco francos; e ainda, num bule decorativo, descobrimos medalhas, algumas joias e papéis bancários em inglês, dos quais, está visto, não entendemos patavina mas que resolvemos trazer para o que desse e viesse.

Trabalhando daquela maneira, isto é: andando dum lado para o outro, a abrir cómodas e armários, a apalpar, a rebuscar, chega a gente a perder a real noção das coisas. Quando chegámos à estação e eu fui despachar a mala, nem me lembrava do que estava lá dentro...

O que, acima de tudo, nos decidira a trazer a mala conosco era ter eu, na estação do norte, um camarada íntimo que era do serviço da Alfândega. Chamava-se Fitelet. E com certeza me deixaria passar com a minha bagagem, sem nenhuma formalidade.

Em Compiègne, separei-me do Corcunda, que tomou o trem para Tergnier, aproveitando a ocasião para fazer uma visita à sua família. Tínhamos descoberto em casa da velha uma linda boneca de porcelana e logo Noel se lembrara de a levar a uma pequerrucha, sua sobrinha e muito da sua afeição.

Uma vez no meu trem, sozinho, sem ter nada que fazer, comecei a ficar impaciente, nervoso. Sentia uma vontade doida de me ver fora dali. E depois de S. Diniz, ao aproximar-me da estação do norte, era uma verdadeira angústia que me possuía.

O trem diminuiu a marcha; arrastava-se como se nunca devesse chegar ao fim. Eis-nos finalmente na plataforma da estação... Enquanto os carregadores tiravam as bagagens do vagão de carga e as levavam para a sala das conferências, fui à rua, para tratar um taxi. Havia, porém, nesse dia corridas de cavalos, creio que em Enghien. Chegavam trens a cada momento e os carros de praça já passavam tomados por pessoas que os tinham ido buscar a distância. Fui quase até à estação do Este para conseguir um. Quando voltei à sala das bagagens, a maior parte das malas tinham sido despachadas. Restavam apenas seis ou sete sobre o longo balcão em que se faz a visita aduaneira. E entre um embrulho de roupa e um manequim estava a minha mala.

Procurei o meu caro Fitelet... Por onde andaria ele? Dirigi-me a um dos seus colegas, que me deu esta notícia pavorosa: Fitelet estava doente e havia já três dias que não vinha ao serviço.

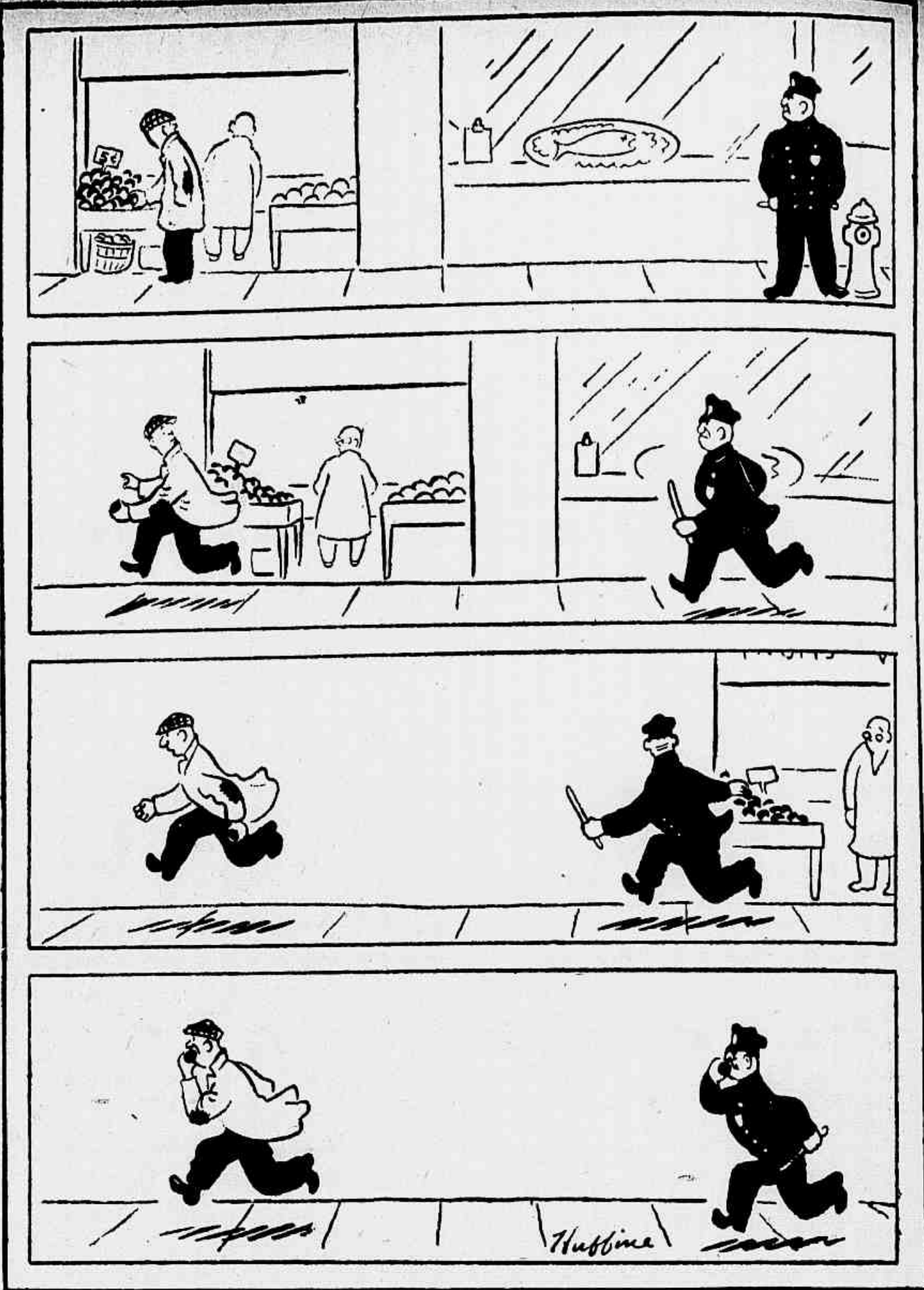
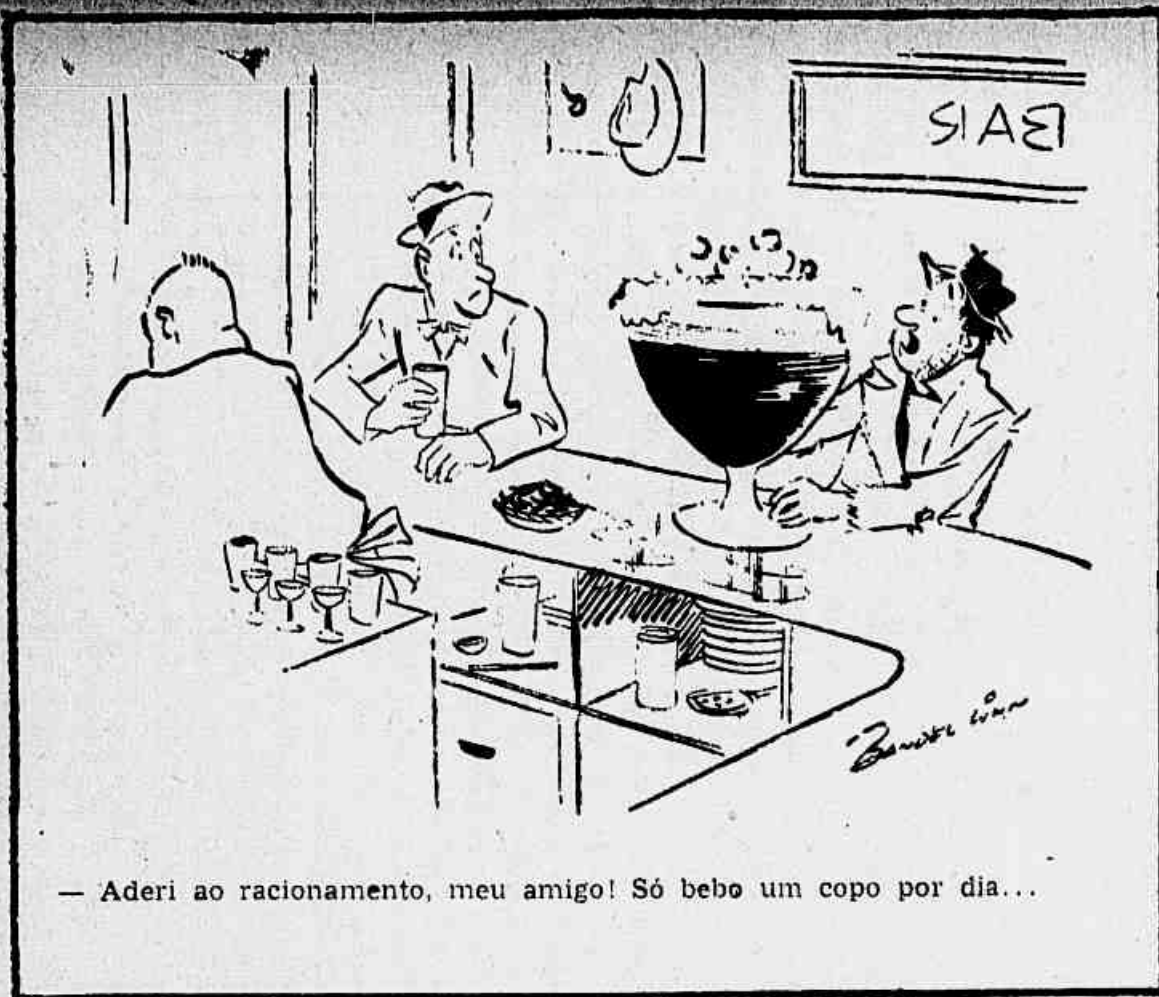
Pedi então a esse mesmo empregado o obséquio de fazer o sinal de despacho na minha mala, para eu poder sair com ela. E já ele empunhava o giz da praxe, quando nos surgiu pela frente uma espécie de chefe dos fiscais, de boné de pala e com três galões no braço. Vinha furioso por ter brigado com uma passageira que lhe faltara ao respeito. Perguntou-me, com mau modo, se eu não tinha nada a declarar; e, sem esperar a resposta, mandou-me abrir a mala...

Senti uma coisa esquisita apertando-me, esmagando-me a nuca. Tremiam-me os braços dentro das mangas. Desatei a apalpar os bolsos como que maquinalmente, procurando uma chave que eu não queria encontrar. Lá estava, porém, o empregado competente com o molho de chaves para uma quantidade de fechaduras diferentes. Deitei os olhos para a porta da saída... Havia uma fila de aduaneiros... Dois justamente ocupavam a porta... E já o tal empregado experimentava as chaves, uma a uma...

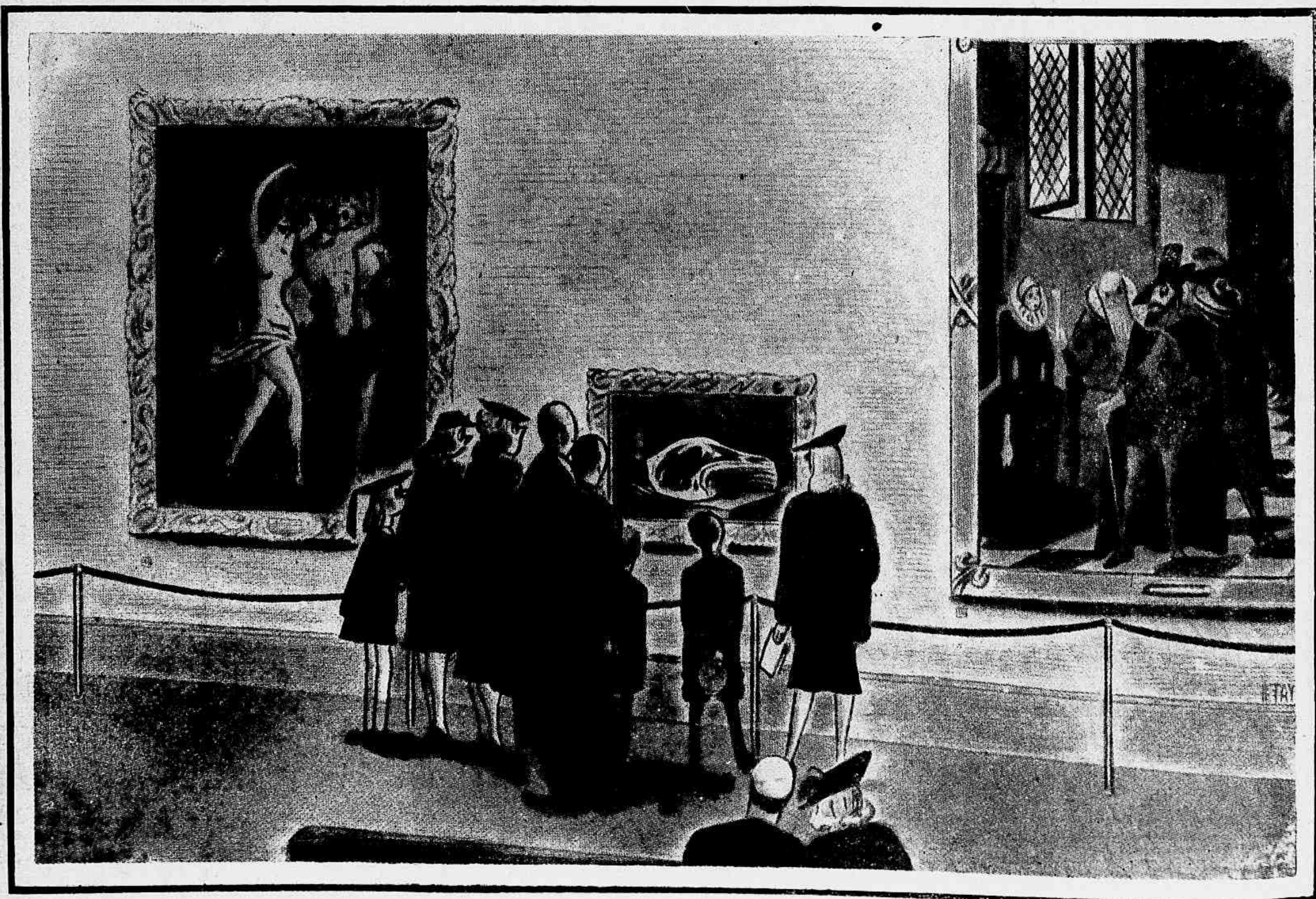
Nesse momento, se eu quisesse dizer onde estava, não saberia. Sentia-me longe dali, longe de tudo; e pensar, não pensava coisa nenhuma. Finalmente, entrou uma chave na fechadura. A tampa ergueu-se e depois caiu para trás...

De repente, desatei a rir como um idiota. O que havia na mala eram peças de roupa, meias, sabonetes, colarinhos. E, enquanto os empregados revolviam tudo aquilo, eu me perguntava, a mim mesmo, quem teria levado a minha verdadeira mala e agora ia entrando em Paris, ao lado do cocheiro e levando como bagagem o corpo da viúva.

O mais curioso de tudo isto é que nem pelos jornais nem de maneira alguma vim a saber o seguimento da história. Que teria acontecido? Porventura o outro passageiro, ao verificar o conteúdo da mala, teve medo de complicações e resolveu dar sumiço ao cadáver? Quem sabe? Mas ainda hoje desato a rir sozinho quando penso na cara que o sujeito faria ao abrir a minha mala. Na dele encontrei eu este colete de lã, está vendo? Tenho-o usado todo o inverno, há já três anos; e faz-me um arranjo, que nem o senhor queira saber!



DE BOM HUMOR



Quando o ex-presidente de Cuba apareceu na "terrace" da Associação Brasileira de Imprensa, eram muito poucos os sócios que ali se encontravam. Meia dúzia, se tanto, distribuídos pelas mesinhas ou perdidos no deslumbramento do panorama que ninguém se cansa de rever. Foram as palmas de Herbert Moses que nos atraíram e fizeram desviar os olhos para o elevador, onde surgia a figura simpática de Fulgencio Batista, a tez morena, os cabelos lisos esticados para trás, os olhos brilhantes mas pisca-pisca e um sorriso convencional, de visitante ilustre, nos lábios rasgados. Com eles vinham outros diretores da casa e outros rapazes de jornal, que foram brotando de toda parte, como por encanto. E o grupo aumentou, impelindo-se para um lado e para outro, sempre para onde o ex-chefe de Estado dirigia seus passos, guiado pelo cicerone trepidante e amável — o nosso Moses. Agora Fulgencio Batista debruçava-se na varanda e distribui olhares por todos os setores até onde sua vista pode estender-se. Está, uma vez mais, apreciando o Rio visto do alto, o Rio que ele deve ter visto também com a emoção da primeira vez, desde a "cabine" do avião que o trouxe, ou das janelas do hotel com vista para o mar. Sempre que um



Flagrante tomado quando o ex-presidente de Cuba, em visita à Associação Brasileira de Imprensa, bebia à saúde dos jornalistas patricios e recebia as homenagens dos homens de jornal.

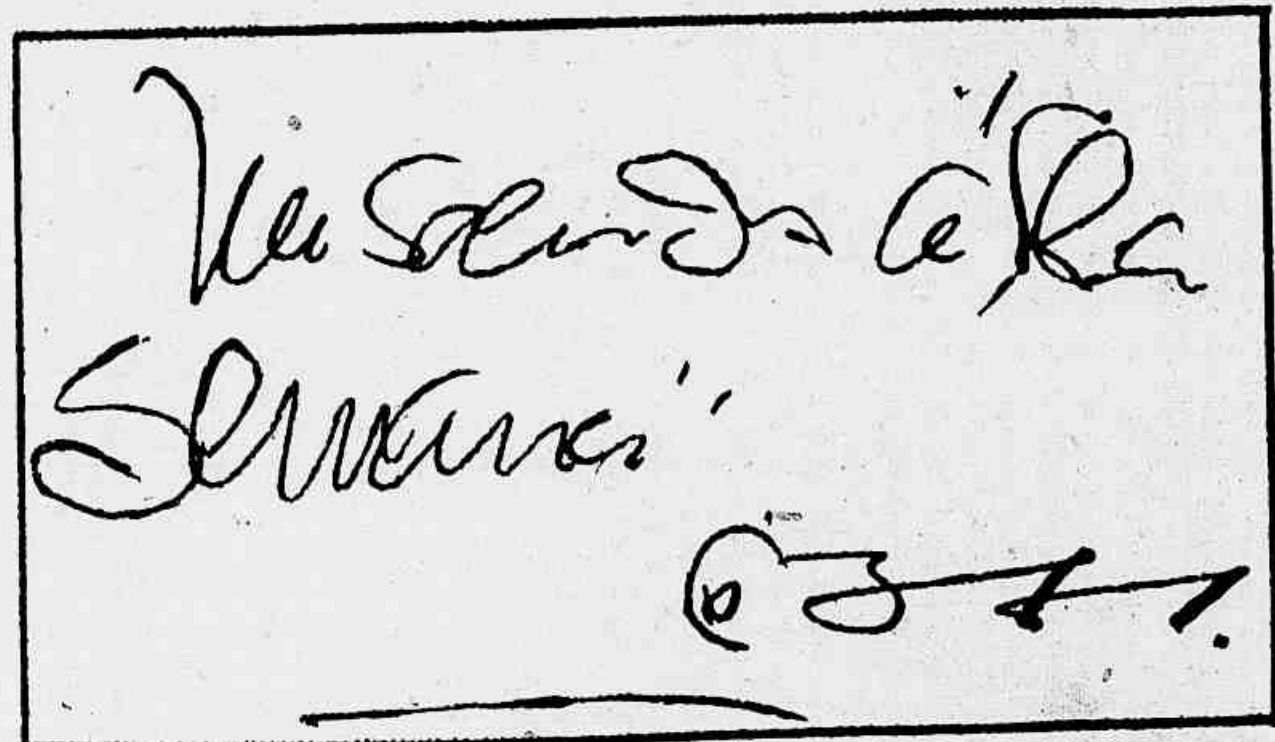
tuquês", que ele desejaria também manejar. Na impossibilidade, diz palavras bonitas e lisongeiros em um castelhano que mais parece o desdobramento da língua da terra. E todos se entendem.

Enfim, o protocolo está cumprido e o visitante é pôsto à vontade. À vontade e à disposição da rapaziada. Mas, então, é quando Fulgencio Batista sofre o seu mau bocado, talvez o primeiro e mais delicado desde quando desembarcou no

(Continua na pág. 55)

O GENERAL BATISTA NO RIO

Ao alto, autógrafo oferecido pelo general Batista à REVISTA DA SEMANA, com "um saludo". Em baixo, o sr. Herbert Moses saudando o nosso visitante, após terem percorrido, com os presentes, todas as dependências da Casa do Jornalista.



turista ilustre vem ao Rio, tem a preocupação de subir, galgando quanto antes os lugares clássicos dos quais pode abranger-se, de relance, a maior quantidade possível de panorama. Nesse instante, porém, o cubano parece não se extasiar muito com as belezas da Cidade Maravilhosa, preocupando-se mais em travar conhecimento com os jornalistas.

As apresentações fazem-se por atacação, à medida que o presidente da casa vai separando, da aglomeração, mais esta ou aquela figura, o diretor de jornal, o reporter, e sempre abrindo um claro maior para o fotógrafo que não quer perder tempo.

Já o "garçon" faz ato de presença, com a bandeja onde as taças da "champagne" vão servir de pretexto para a troca de saudações. E não tarda que a voz tão familiar para todos nós, do Moses, se faça ouvir, repetindo as palavras condensadas em um minúsculo fragmento de papel, datilografadas às pressas, momentos antes. O clássico saudar, naturalmente. Batista escuta com atenção, e os ouvintes perguntam-se se "o homem" estará realmente compreendendo.

Mas compreendeu tudo. Tanto que no seu agradecimento começa tecendo referências amáveis à "doçura do idioma por-





Diplomou-se pela Escola Nacional de Química da Universidade do Brasil a inteligente jovem Maria de Lourdes Cumplido, filha do saudoso engenheiro Fanor Cumplido.



Encerrando um curso brilhante na Faculdade de Odontologia de Niterói, colou grau este ano a srta. Iolita dos Santos Freitas, filha do casal Franklin Vieira Freitas-Angelina dos Santos Freitas.

NO CASINO ATLANTICO. — Os médicos que se formaram há quinze anos pela Universidade do Brasil comemoraram o aniversário de sua formatura com um brilhante e concorrido jantar de confraternização, realizado no Casino Atlântico, no dia 28 de Dezembro último. São desta elegante festa as fotos que aqui reproduzimos, nas quais se vêem o dr. Lincoln de Freitas Filho em companhia do casal dr. Jurandyr Montenegro de Magalhães e, à esquerda, os Drs. Waldemar Paixão, Calvino Filho, Clovis Salgado e Cristiano Moreira da Rocha.



Srta. Maria Helena Gabiso, da nossa sociedade, tendo ao lado seu cão "Kira", premiado em uma exposição do Kennel Club Brasileiro. Este notável espécime da raça "boxer" será agora vendido por sua proprietária, em favor de uma campanha em benefício dos hansenianos.

FIGURAS





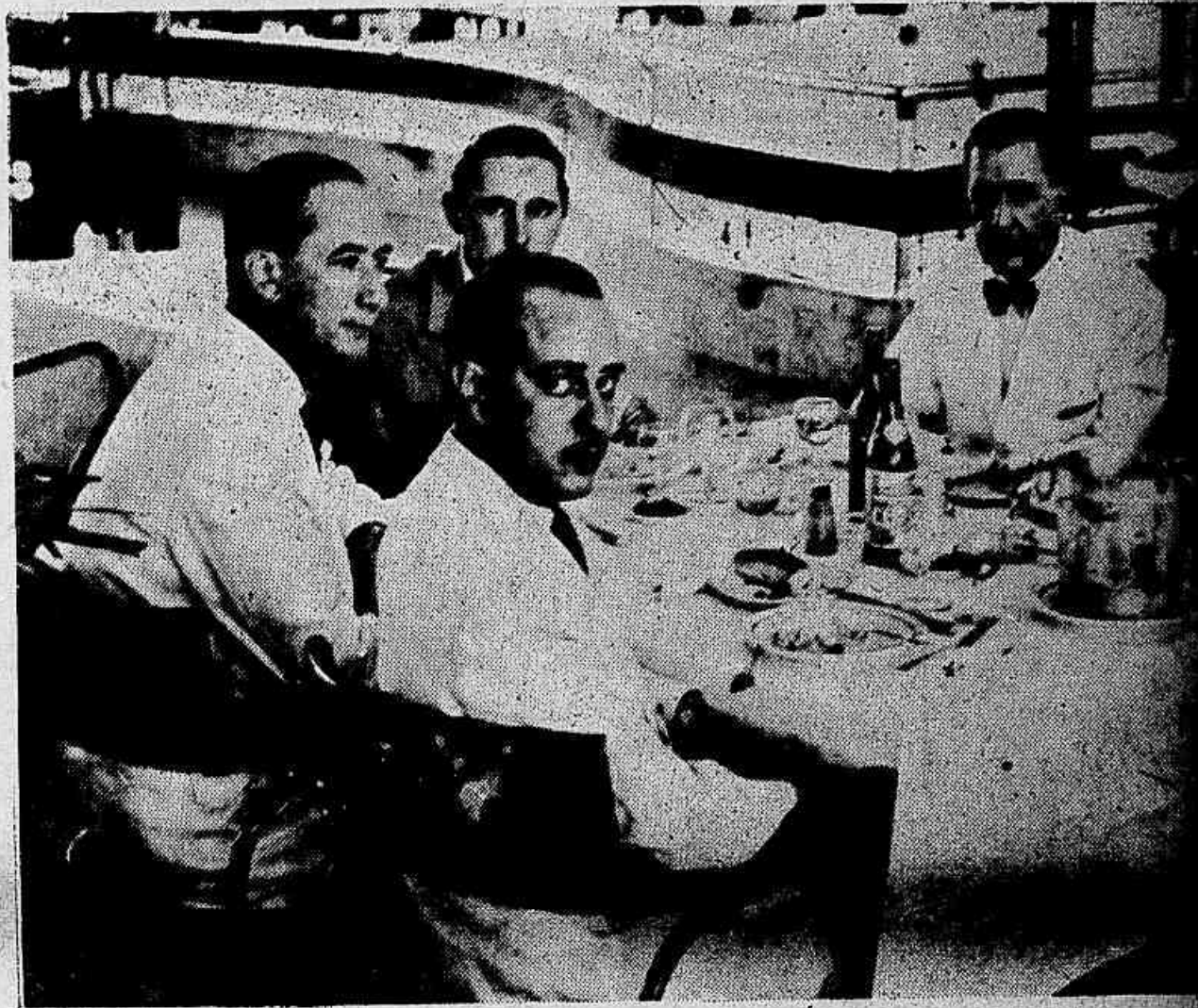
Aspecto da inauguração da Exposição Odete Silva, no Hotel Casino de Icaraí, vendo-se a sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto, que tem à sua direita a professora Odete Silva.



Festejando a passagem, no dia do Natal último, do seu 40.º aniversário de casamento, o sr. Antonio Paulo Gomes e d. Mercês Rodrigues Gomes, que se vêm assinalados, reuniram em sua residência as pessoas, em número de vinte e seis, de sua família, três gerações: avós, filhas, genros e netos.



ENLACE LAMPREIA-CARVALHO. — Flagrante tomado na igreja de Santo Inácio, nesta capital, por ocasião do enlace matrimonial do sr. Paulo Afonso Vasconcelos Carvalho com a senhorita Elisa de Souza Gomes Lampreia, elementos da alta sociedade carioca. Os noivos, que residirão nesta cidade, seguiram em viagem de nupcias, para a Argentina.

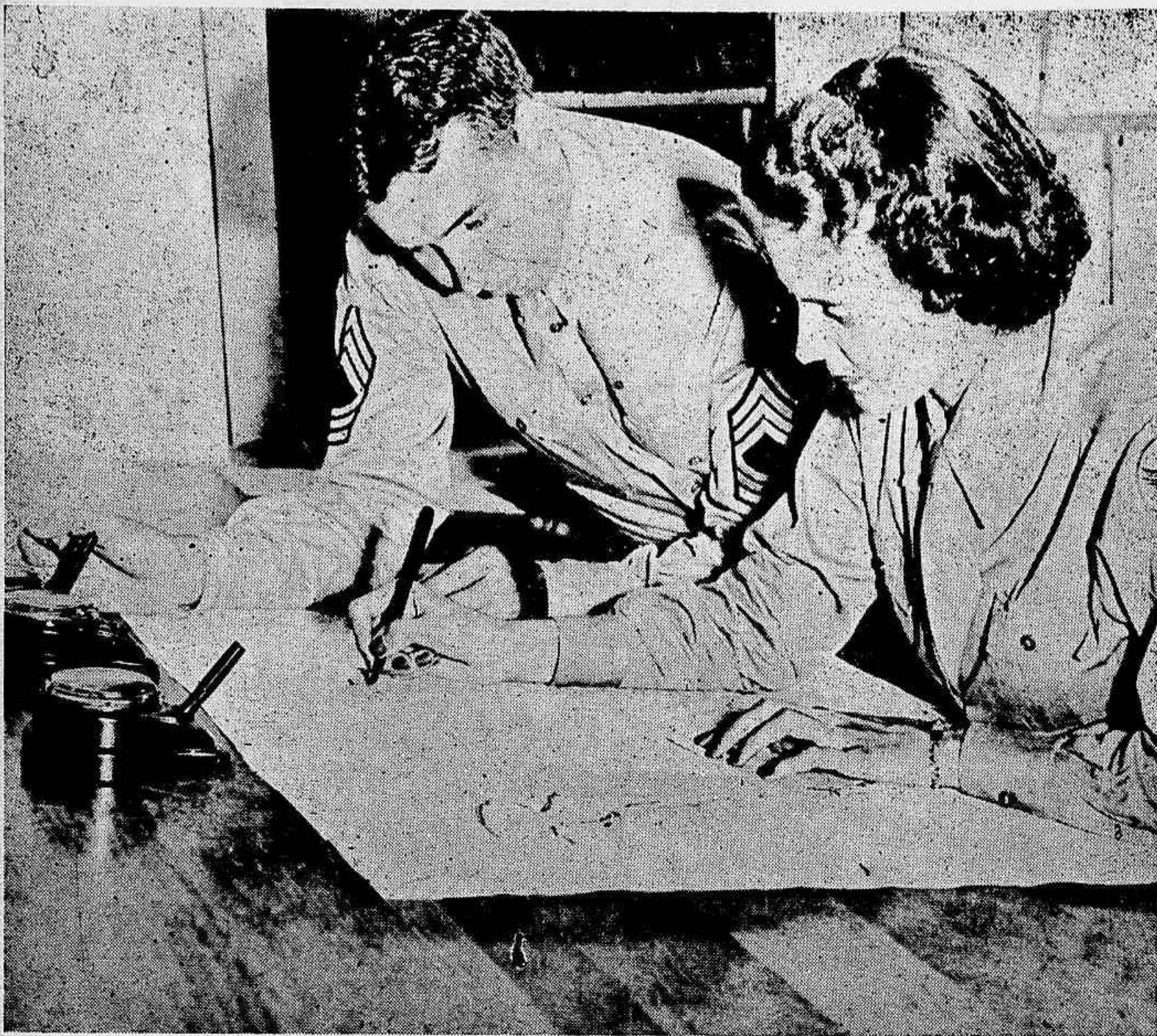


O dr. Edgard de Almeida, presidente do Sindicato dos Hospitais, Clínicas e Casas de Saúde do Rio de Janeiro, ofereceu, no dia 21 de Dezembro último, no restaurante do aeroporto Santos Dumont, um almoço aos seus colaboradores diretos naquela importante entidade de classe. Por motivo de força maior não puderam comparecer os conselheiros drs. Simões Corrêa e Barros Terra. Nesta fotografia vêem-se os drs. Edgard de Almeida, João Borges Filho, Bernardo Scheinkman, Sthel Filho e Erasto Carlos de Carvalho, durante o almoço referido.

E F A T O S

RIO GRANDE DO NORTE. — Sob o alto patrocínio da exma. senhora general Fernandes Dantas, interventor federal no Rio Grande do Norte, realizou-se em Dezembro próximo findo na Vila Potiguar, em Natal, concorrida distribuição de brinquedos de Natal às crianças pobres, a qual deixou a quantos lhe assistiram uma grata impressão. Estampamos aqui flagrantes referentes ao ato de louvável filantropia.



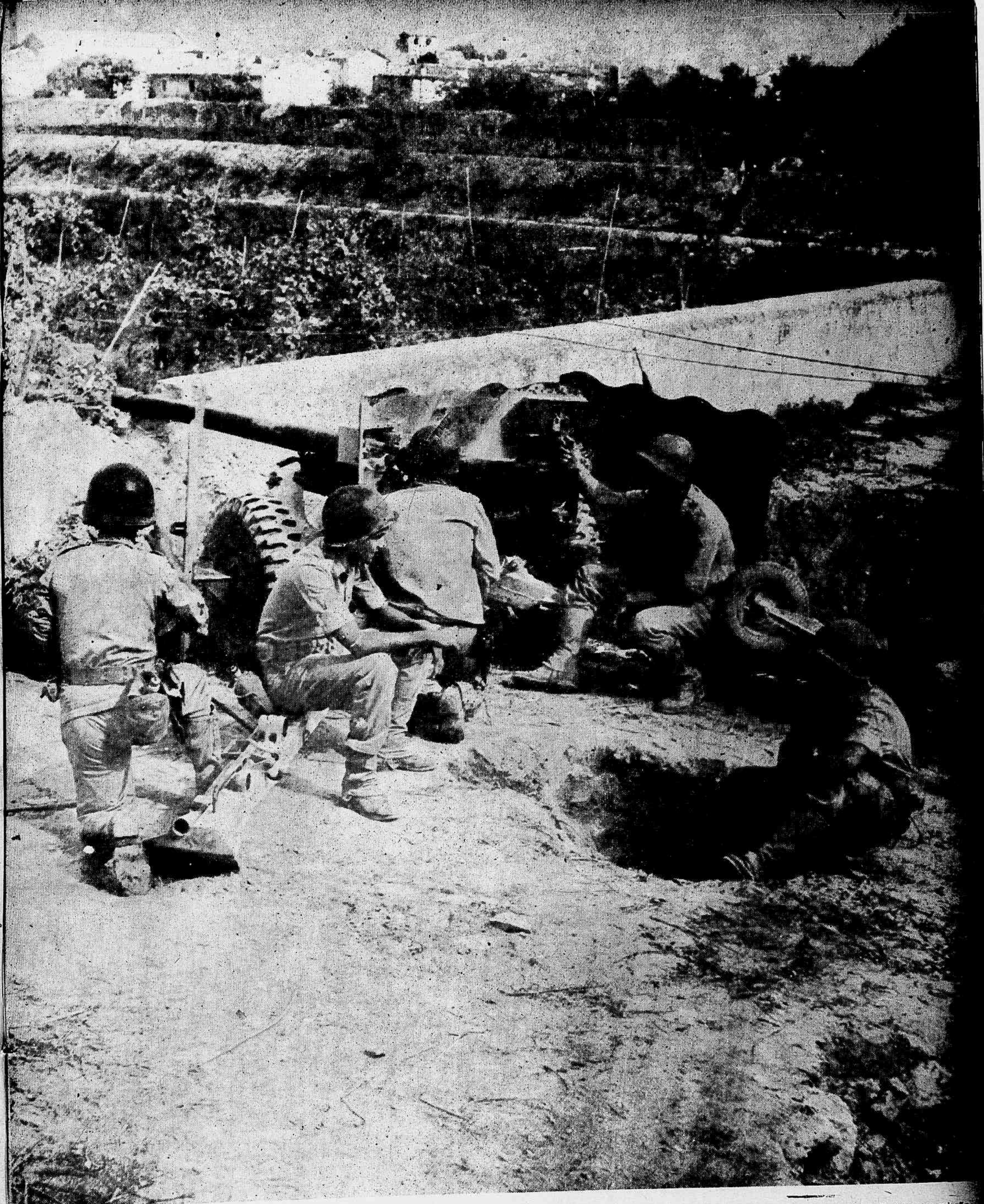


SARGENTOS MASCULINOS E FEMININOS. — A Força Aérea do Exército dos Estados Unidos tem sargentos dos dois sexos, como se vê na gravura acima, onde ambos recebem um gráfico das condições atmosféricas e cuidam de elaborar um traçado que servirá para orientação dos pilotos durante seus vôos mais próximos. O Corpo Feminino do Exército é tão eficiente quanto o masculino. E as mulheres-sargento contam-se aos milhares.

PATRIOTAS ITALIANOS ADEREM AS TROPAS BRASILEIRAS. — Com o objetivo de libertar sua cidade dos alemães, patriotas da Itália juntam-se aos soldados da F. E. B., e são vistos em animada conversa com os nossos rapazes, depois que estes expulsaram os nazistas. Numa rua da Itália brasileiros e italianos confraternizam, vendo-se no frontispício do prédio, ao fundo, muitos vestígios das balas deflagradas no ardor da luta. As mulheres partilham dessa harmonia e apressam-se a tributar homenagem aos brasileiros, oferecendo-lhes um copo de vinho... quando ainda o tem...

ESTA primeira quinzena do ano vale por um atestado frisante de não terem esmorecido os combatentes aliados, mesmo quando, ao apagar das luzes de 44, os generais nazistas tentaram levar de vencida a sua "campanha da paz". Viram-se os alemães na contingência de dar uma satisfação ao seu povo, insinuando-lhe que não estava tão próxima a derrota, mas tudo não passou de fogo de palha. Certamente o epílogo da luta ainda está muito longe, como agora mesmo vem de afirmá-lo o próprio Churchill, depois de mais um giro proveitoso pelos campos de batalha. Mas quanto mais se estender a guerra mais radical será o desaparecimento do perigo nazi-fascio-nipônico. Justamente o perigo maior estava na possibilidade de existir um armistício, meses atrás. E realmente, não vai ninguém negá-lo, Hitler, lançando mão de todos os recursos diplomáticos, por detrás da cortina, insuflou o armistício, que resultaria numa derrota indireta para as Nações Unidas. Então, se repetiria o desastre do armistício de 11 de Novembro de 1918. Mas, experimentados como não o estavam nossos antepassados da outra guerra, Churchill, Roosevelt e Stalin negaram-se a aceitar qualquer insinuação nesse sentido. Diante da atitude dos três "bigs", Hitler resolveu voltar à carga, com a "ofensiva da paz", ainda esperando que este novo sôpro de vida — quem sabe se o derradeiro! — não acabaria desanimando os aliados. Puro e lêdo engano! Se Churchill está, hoje, declarando que a guerra se encontra muito longe do final, então é porque os aliados se encontram dispostos a arrazar o último nazista e a só discutir a paz em Berlim, com o rival de Charles Chaplin devidamente julgado, se ainda for vivo... Esse é o panorama da guerra, ao entrarmos na segunda quinzena do ano. Uma perspectiva só aparentemente sombria, porque, bem refletido, nunca pudemos contar tanto com a vitória quanto agora. A vitória depende de luta, muita luta...





UMA PEÇA ANTI-TANK DA FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA EM FUNÇÃO. — Operando na frente de combate da Itália, uma peça anti-tank da F. E. B. tem por missão cobrir as tropas que acabavam de capturar uma cidade italiana em poder dos alemães. E' quando realmente a cobra "está fumando", e os "pracinhas" nossos patrícios, guarnecendo postos de grande responsabilidade, fazem jús à confiança neles depositada pelos seus superiores. Enquanto êsses aí se encontram, outros palmilham a estrada, pondo em fuga o inimigo e ocupando, sem maiores embaraços, mais uma cidade italiana, onde hoje se vê desfraldado o pavilhão da "Ordem e Progresso".

A GUERRA EM MARCHA

ESCRAGNOLLE DORIA

Três CCC

CANA, CHÁ e CAFÉ

JANEIRO impõe a troca de folhinhas desfolhadas de Ano Velho por outras em massa de dias de Ano Novo, sempre esperado com alegria por suposto feliz.

Outrora a distribuição de folhinhas era copiosa, em oferta comercial ou individual, razões economicas hoje racionando tais modos de presentear.

Entre as poupadas folhinhas do momento destaca-se uma a conservar uma vez finda. Editou-a o Departamento Nacional do Café em cuidada apresentação e com bastantes retratos, tanto quanto possível fieis, frequentemente preciso recorrer a supositícios.

Galeria Historica do Café no Brasil — tal o titulo da folhinha de propaganda, informação, e de retratos acompanhados de breves noticias sobre alguns dos promotores do inicio e do desenvolvimento da nossa cultura cafeeira, do seculo XVII ao atual.

Abre a serie dos promotores João da Maia da Gama, governador do Pará-Maranhão, e um dos bons administradores da nossa era colonial. Nesta como em todos os tempos, outros administradores houve nocivos blasonando de uteis.

João da Maia da Gama ao terminar governo prezou-se junto ao rei de Portugal de ter o Pará produzido e embarcado milhares de arrobas de cacau e assucar.

Entre colaboradores de administração Maia da Gama contou Francisco de Mello Palheta, Capitão-Tenente de Guarda Costa da Amazonia. Bem lhe ia o titulo. Conhecia as aguas de largura ou estreiteza da região amazonica. Explorador ousado, afrontara os misterios e os perigos que esperam os visitantes de ignotas paragens.

Prova-o manuscrito copiado de papeis da Torre do Tombo e doado à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro pelo popular e antigo livreiro da cidade, João Ribeiro Martins.

O citado manuscrito consente leitura da "Narração da Viagem de Mello Palheta ao Madeira, segundo um de seus companheiros de viagem em 1722 e 1723".

Ao explorador do Madeira e de outros cursos amazonicos confiou João da Maia da Gama, por Sua Magestade Governador do Pará-Maranhão, a incumbencia de ir à Guiana Francêsa, em 1727. Iria procurar resolver questões fronteiriças, eternas questões em paizes desbravados quanto mais meio em incultos.

Para missão partia Mello Palheta munido de Regimento ou regulamento da lavra, de Maia da Gama. Num

fim de certo capitulo do Regimento algumas linhas aconselhavam Mello Palheta a não tratar só de limites.

Maia da Gama devia conhecer a existencia do café na Guiana ao recomendar a Palheta que "se acaso entrasse em quintal, jardim ou roça onde houvesse café, com pretexto de provar alguma fruta, visse se podia esconder algum par de grãos com todo o disfarce e com toda a cautela."

O "se acaso entrasse" da recomendação é de chiste tratando-se de quem já levava sem duvida o proposito de esconder um par de grãos de café, justificado por um surrupio o *je prends mon bien où je le trouve* mormente em terra de lingua franceza.

Se bem o disse Maia da Gama melhor o fez Palheta, multiplicador de primeira ordem. Mais tarde perante a D. João V, queixando-se da insuficiencia do soldo de quarenta e um mil reis, alegou Mello Palheta serviços à corôa, entre eles o da viagem a Caiena.

Dela Mello Palheta deu ao rei a seguinte conta:

"E vendo o supplicante que o governador de Guyana deitava hum bando à sua chegada que ninguém desse caffè aos Portugueses capaz de nascer, se informou o Supplicante do valor daquella droga, e vendo o que hera fez diligencias por trazer algumas sementes com algum dispendio de Sua Fazenda, zeloso dos augmentos das Reais rendas de Vossa Magestade, e não só trouxe mil e tantas fructas que entregou aos Officiaes do Senado para que as repartissem com os moradores, como também cinco plantas, de que já hoje ha muito no Estado". As instruções de Maia da Gama haviam sido cumpridas e ultrapassadas.

Para acompanhar o Café na sua marcha historica e economica mundo afóra e no Brasil, ainda é de lêr-se com proveito o que sobre a nossa planta das plantas escreveu Freire Allemão, botânico ao qual nos Estados Unidos, com sanção dos meios científicos europeus, foi dado o titulo de De Candolle Brasileiro.

Entregar qualquer questão, mormente botânica, ao nosso De Candolle era ter dessas certezas que se dizem matematicas, no receberem as questões estudos profundos e conscienciosos.

Assim succedeu quando, em Dezembro de 1852, o Instituto Historico e Geografico Brasileiro confiou a Freire Allemão a resposta do seu saber a esta pergunta: "Quaes são as principaes plantas que hoje se acham aclimatadas no Brazil?"

Estudar de verdade, com o desejo do minimo de erros, sempre ha de repelir afogadilho. Freire Allemão assim tratou da cana de assucar, do café e do chá.

As memorias de Freire Allemão apresentadas em separado ao Instituto, sobretudo quanto ao Rio de Janeiro, são curiosas por indicarem na cidade ou seus arredores os primeiros dedicados ao cultivo da cana, do café e do assucar.

A cana de assucar do Pará e da Bahia passou para o Rio de Janeiro por cuidados do Caldeira Brant ainda não marquês de Barbacena. Nem se esqueça a remessa das canas doces vindas de Caiena para o Principe Re-

gente, apressado em mandal-as para o seu dileto Horto Botanico da Lagôa Rodrigo de Freitas.

Segundo Freire Allemão ao Bangú e ao Gericinó, tão Campo Grande, coube a primazia no estabelecimento dos engenhos de assucar da mesma senhora, D. Ana de Castro, a palavra engenho no Rio de Janeiro de até hoje evocando Jesuitas.

Não vá sem reparo a circunstancia de serem encontrados militares promovendo e animando cometimentos agricolas. Em 1812 o chefe de divisão Luís de Abreu mandou vir ao Brasil sementes de chá da China vindas a prosperar no Rio de Janeiro.

Do que sei — palavras de Freire Allemão — quem primeiro teve a idéa de se transplantar para o Brazil o arbusto do chá foi Domingos Vandelli. Dele disse Freire Allemão que devia ser mais conhecido no Brasil, grato este à memoria do paduano ilustre chamado por Pombal á cathedra em Coimbra.

As tradições propagam-se pelo de boca em boca, portanto sujeitas a alterações maiores ou menores. Considerou Freire Allemão a vinda do Café ao Rio de Janeiro à luz das tradições, delas tirando o que mais provavel lhe parecia para asseverar.

Ao chanceller da Relação do Rio de Janeiro, João Alberto Castello Branco coube o cuidado, como ora lhe cabe o reconhecimento do serviço, de ter mandado trazer do Norte as sementes do Café, plantadas na cerca ou terreno fechado do hospicio dos Barbadinhos, aos franciscanos tão ligados à historia carioca até na guarda tumular de Estacio de Sá.

Outrora a palavra hospicio tinha a significação de casa religiosa prodiga de hospitalidade, hoje reservada a alienados.

O Hospicio onde primeiro se deitaram as sementes do Café ficava onde agora se estende a rua Evaristo da Veiga.

Conforme Freire Allemão, na cerca dos Barbadinhos, para variar Barbonos, em 1782 o conego Januario Barbosa vio dois pés de café da primitiva plantação, o sacerdote expressivamente a declarar que "lhe batia o coração ao lembrar-se dos pés de Café restantes da incipiente sementeira".

Bastantes nomes se ligam aos primeiros tempos da cultura cafeeira na cidade carioca que aos poucos tanto havia de prezar a planta levando muitos o seu uso ao abuso.

Em meia majestade prestou-lhe atenção um vice-rei, o marquês de Lavradio, dizendo-se que o interesse do capitão general despertou o de duas pessoas, de condição e crenças diferentes. Tais o bispo D. Joaquim de Mascarenhas Castello Branco e o holandês João Hoppman, de nação que provavelmente o indica luterano.

Vá de nota o interesse do clero pela cultura do Café no antanho carioca. O bispo Mascarenhas, o padre Antonio Fonseca, o padre João Lopes nas suas propriedades do Capão, do Mendanha e de São Gonçalo, trataram não só de cultivar a planta como de distribuir-lhes as sementes.

João Hoppman voltou desvelo ao plantio do café. Então no Rio de Janeiro seculo XVIII sobrava terra para plantar, amanhando aquela o agricultor, sem previsão de bem distantes vindouros edificadores na illusoria pretensão de arranhar o céu.

Hoppman, do paiz da agua, dedicava-se ao sólo carioca, arroteando-o para as bandas do atual Estacio de Sá, lado impar da rua Haddock, Lobo, talvez logo após a igreja do Espirito Santo, no largo do Estacio. Esta informação, alem de outras proveitosas, é encontravel em "Vida Maravilhosa e Burlesca do Café", de Teixeira de Oliveira. A obra desprestenciosa de apparencia encerra bem util fundo documentario.

No meritorio trabalho ha menção de não poucos nomes de recomendação no tocante à propagação do Café no Brasil e no mundo onde o produto é agora de tanto peso na balança comercial?

Cicero deu a Historia por mestra da Vida. De tal mestra em aula universal a melhor lição é a da memoria dos bons e dos uteis de qualquer categoria em qualquer ramo de atividade profícua.

Pouco importa que os locais se transformem com apagamento do passado visivel. Lá estão a Mestra e a sua melhor Aula para lembrança do tempo ido.

Assim em dois sítios cariocas, para quem sabe recordar, revive o primitivo verdejo do Café em terra carioca. Um no pantanoso Estacio de Sá onde João Hoppman agricultava, outro no Hospicio de N. S. das Oliveiras, residencia dos frades menores observantes até 1808. Hoje no quarteirão da atual rua Evaristo da Veiga tem sede um batalhão de força policial constituída em brigada, levantada no quartel a igreja privativa de N. S. das Dôres substituindo o templo colonial de N. S. das Oliveiras. Do Rio antigo não ha mais muito que vêr, sim muito que saber.

CASA DE RESIDENCIA DE FREIRE ALEMÃO. FAZENDA DO MENDANHA EM CAMPO GRANDE, RIO DE JANEIRO.





MARILYN JOHNSON (COLUMBIA)

NOS BASTIDORES FEMININOS

Quando se atinge a uma certa idade, já a beleza não vem ao nosso encontro e, nesse caso é necessário que a mulher vá ao encontro da beleza.

Dizem os franceses que a mulher de quarenta anos deve escolher entre um rosto bonito, uma figura atraente. Obter-se uma figura jovem e um rosto sempre belo, não é efetivamente um dom da natureza... O que é preciso, é que haja sempre uma luta constante contra o tempo, uma luta que deve começar pelo menos aos trinta anos de idade. Não pense, por isso, que a mulher aos quarenta anos deve "maquillar-se" como uma jovem de vinte e vestir-se como uma menina de 15 anos. Isto seria extramamente ridículo... Referimo-nos aos cuidados com a pele e com o físico. Aos trinta anos de idade deve a mulher preocupar-se com a conservação da sua figura; é aí que você deverá escolher qual a dieta, qual o exercício ou qual a massagem que o seu corpo precisa para manter-se em forma. E quando isso estiver determinado, procure não relaxar nunca, cumprindo a risca aquilo que você acha indispensável à conservação do seu corpo. Quanto ao rosto, si não tem o hábito de franzir a testa e fazer careta, si procura usar sempre produtos de melhor qualidade e adequados à sua pele, não se guiando pelos conselhos das amigas (você conhece o "amigo da onça"? poderá ter uma aparência fresca até mesmo aos cinquenta anos. Tudo depende de você mesma; dos seus cuidados e do seu espírito... Está nas suas mãos assegurar uma maturidade onde não falte a dignidade e a graça.

Kitty



Vestindo bem

1 — A radiante "dona sol", a que com a sua beleza conquistou um genio, surge-nos mais bela ainda com esse modelo para a noite em seda branca com grandes ramagens estampadas. Uma *echarpe* á guisa de gola, é presa á frente com um *elipse*, caíndo, solta, para trás.

2 — Outro interessante modelo para a noite apresentado por Rita Hayworth. É feito em três côres: vermelho para a saia, verde para a faixa e rosa para a blusa, a saia tem um lindissimo drapeado para o lado, sendo drapeados também as mangas e a frente da blusa. Rosas de veludo em tons vivos são aplicadas sobre o drapeado da saia.

3 — Novamente Janet Blair, e novamente uma admiravel sugestão às elegantes cariocas. Em seda mostarda é esse seu novo modelo, feito todo sobre o largo. As mangas são amplas, apertando-se ao pulso por punhos da propria fazenda; a blusa também é bastante folgada, sendo a gola feita com uma tira que se alarga formando um laço. A saia tem franzidos dos lados.

4 — Elegantissimo sem duvida é esse modelo que Janet Blair apresenta às nossas leitoras. Feito em seda preta, tem a saia pregueada, formando interessante movimento para os lados. A blusa é originalissima e de grande efeito; finissima renda preta é aplicada sobre gazeê côr de carne, formando o decote e as mangas. Você sem duvida, deliciosa leitora, ficará um verdadeiro encanto vestindo essa *toilette* de Miss Blair.



A semelhança de um inseto minúsculo e amedrontado que se refugiava na base de um penedo, fugindo a inimigos invisíveis mas certos, a povoação de Graça, com a sua capela, e a sua dúzia de casas, repousa, há mais de um século, no sopé da Ibiapaba. As três horas da tarde, quando o serião imenso, para os lados da Meruoca, ainda fulgura iluminado, já está ela mergulhada no seu manto cinzento, preparando-se para o descanso da noite. E' que o sol, descendo por trás da serra cortada a pique, projeta sobre aquela parte do serião a sombra larga da montanha, como se Deus a quisesse esconder, antes das outras povoações cearenses, contra os incontáveis perigos da terra e do céu.

Foi nesse pequeno recanto sertanejo que o Joaquim Lucrécio, parindo das margens do Acaraú, onde era lavrador, se deveu em 1878. O seu objetivo, de quem fugia ao flagelo que tudo devastava, era alcançar a Serra Grande por uma das lajeiras de Leste. Ao chegar, porém, às proximidades da encosta, caiu a primeira chuva. O Jaibara encheu, arrastando na descida detritos de árvores e ossadas de animais. E como a esperança de fartura voltasse ao coração dos homens, o relutante recebeu um convite para o serviço e levantou, à margem do rio, a pequenina casa de palha para abrigo da mulher e dois filhos, o João e a Carolina, que a morte poupou no êxodo.

Foi aí, sob a proteção da serra enorme e verde, que os dois irmãos se criaram, apurando a coragem nas lições da natureza e na áspera vida de privações. Enquanto a velha mãe gemia, entrevada, sobre a esteira de carunábua estendida no chão de barro batido, e o pai, tostado pela soalheira e curtido pela miséria, procurava trabalho nas fazendas vizinhas, ia a menina à cacimba, no leito seco do rio, com o pote à cabeça, buscar a água para os serviços domésticos, ao mesmo tempo que o irmão, mais velho que ela dois anos, cortava, em companhia de outros da sua idade, as folhas tenras das carnaúbeiras para extração de cera e aproveitamento das palhas na confecção de chapéus.

Assim cresceu a Carolina. Assim cresceu o João.

II

Aquela vida de penúria, em que se sucediam, às vezes, os dias em que o sustento de cada pessoa se limitava a um punhado de farinha e a um pequeno pedaço de rapadura, não podia, porém, perdurar sem protesto. Carolina tornava-se moça. Morena e pálida, opilada pela alimentação deficiente, possuía, contudo, os traços finos, delicados, do mameluco originário, em que predominavam, no entanto, as características da raça branca. Andava pelos quinze anos e não parecia ter mais de treze. Apenas, traído a idade, os seios se lhe avolumavam opulentos, como uma árvore tenra que concentra toda a seiva destinada ao tronco no esplendor e na glória dos frutos. Os cabelos, cor de mel, apertados em trança desculpada, punham-lhe à mostra a testa

bem feita, desenhando-lhe, ao mesmo tempo, a corção da cabeça pequena. Os olhos negros, pareciam mais negros na esclerótica acentuada pela anemia, e os dentes mais alvos através dos lábios descoloridos pela miséria. Não fosse o vestidinho sujo e rôto, de riscado grosseiro, e dir-se-ia uma dessas antigas imagens da Virgem que tivesse permanecido sepulcra durante séculos e perdido, ao contacto da terra, a alvura fresca do marfim. O irmão, planta agreste do mesmo terreno, pobre, desenvolvia-se com a mesma lentidão. Lia-se-lhe, entretanto, nos olhos pequenos, de luz concentrada, não a mesma resignação, mas o desejo incontinente de romper as cadeias que o prendiam à terra madrastra, e partir pelo mundo em busca de pão, de dinheiro e de felicidade.

E esse dia chegou. Tinha ele dezessete anos quando soube, no Graça, que se achava no Pacujá um paraóara, um cearense enriquecido no Amazonas, o qual estava contratando trabalhadores para o serviço de seringa. O primeiro pensamento do sertanejo foi correr à casa, pedir licença ao pai, e abraçar a irmã e a velha mãe entrevada. Refletiu, porém, rapidamente. Se fosse pedir o consentimento paterno certamente não o obteria. O velho sentia-se doente, acabado. E com a convicção da morte próxima, não admitiria, naturalmente, que faltasse à companheira, e à filha moça, o único arrimo com que elas poderiam contar. Seria melhor, pois, não tornar mais à casa, e partir sem o consolo, a dor e os riscos da despedida. No regresso, com o dinheiro economizado, redimiria, com a fartura no lar humilde, o pecado de ingratidão.

Partiu, assim, a pé, viajando à noite, para o Pacujá. Apresentou-se ao paraóara e foi aceite. Três dias depois chegava a Camocim, onde o esperava o navio. Dois dias rolou no convés da proa, sacudido pelo balanço do mar. No terceiro surgiu-lhe no fundo de um estuário coalhado de navios uma cidade enorme, com os seus trapiches de mil pernas avançando sobre a água e as suas torres espelhando o céu baixo, com chaminés de navios imensos, formados desde o pórtico pelas casas de três andares. Era Belém, o Pará. Outro navio pequeno, um "gaiola", achava-se, porém, à espera dele e dos companheiros. Uma barcoga levou-os, amontoados, como gado humano, de um para outro. E a viagem, agora por um rio, continuou. Do segundo dia em diante o "gaiola" começou a parar de quinze em quinze minutos, ou de hora em hora, atracando a pontes ligeiras, em que embarcava bolas de borracha, e desembarcava sacas e caixas de mercadorias. Dia e noite a mesma faina. Até que, uma noite, por volta das duas horas, todo o pessoal vindo com o paraóara teve ordem para preparar-se, afim de desembarcar. Um apito na curva do rio e, em breve, aparecia uma pequena luz no alto de um barranco, dominando uma frágil ponte de táboas. Sombras imprecisas moviam-se na sombra.

— Salta, gente! — gritou o agenciador. Sessenta e dois homens tristes, maceados pela viagem e pelos sofrimentos na terra do berço, desembarcaram, trazendo à mão, à cabeça, ou ao ombro, o seu saco, a sua trouxa, o seu baú.

O SERINGUEIRO

E João Lucrécio estava entre eles.

III

Oito anos decorreram, acumulando sobre esse dia ou, antes, sobre essa noite, Confido a outro seringueiro, veterano de faina, para que o iniciasse na extração do antigo ouro negro, o rapazola do Graça sentiu, logo nos primeiros dias, o inominável suplício do arrendimento. As estradas de seringueira que lhe haviam sido destinadas ficavam em plena selva, longe dos dias do barracão. Para moradia, encontrara, já, a barraca de palha, com o lho de troncos de palmeira, rachados ao meio. Fora, ao lado da barraca, a pequena latada para a defumação da borracha e que lhes servia, ao mesmo tempo, cozinha. Próximo, rolava, o rio, para lá, as suas águas escuras, deslizando entre suas paredes de vegetação composta de que se desgarravam caules de aniseiros, como braços de condenados que atravessando as grades de suas células pedissem perdão ou socorro. E em toda a barraca humilde, sufocando-a, asfixiando-a, comprimindo-a, a mata imensa ameaçadora, impenetrável, o tronco entalado ao tronco, a fronde presa à fronde, e os cipós amarrando tudo em um vazio feixe compacto, no qual a estrada para o centro se abria pequena, estreita, insignificante como um buraco de rato em majestade de um muro.

As três horas da manhã o companheiro levantava-se, empurrava a porta de estora, empunhava o búcio, e um rugido e dor, de angústia, de saudade, cortava a solidão silenciosa. Outro búcio, ao longe respondia, na mesma queixa resignada. E outro, ainda mais distante. Eram os galés daquele presídio, vasto como um mundo, que se comunicavam sem, às vezes, se conhecerem, dando a notícia que ainda viviam. E o silêncio caía e seguia, sepultando, de novo, centenas de homens vivos.

Preparado o café, ingerido às pressas com farinha ou bolacha, tomava cada um o seu lampião de querosene, o facão, machadinha, e penetrava a estrada de seringueiras, abrindo no coração da selva espessa o ôlho vermelho do farol. Ao chegar a uma das árvores cuja posição determinava as oscilações da vareta zigzagante, — árvore mártir, sangrada mil vezes, durante anos seguidos, desde as raízes até a maior altura do tronco, sei ou oito metros acima do solo — o seringueiro subia os "mulás" ou giras superpostos, indo lá em cima golpear a casca sugosa e o cerne generoso, que logo lhe respondiam jorrando o seu leite. Fixadas, sob os golpes, as tijelinhas de fôlho o homem descia, e continuava, silencioso como um fantasma, o seu caminho. Se prendia-o nessa peregrinação a madrugada. Encontrava-o o sol, de que ele tinha notícia apenas pela claridade das folhas que se coava pela copa das árvores, e

vastidão lhe impedia a vista do céu. As onze horas, então, o seringueiro desembarcava outra vez, pelo lado oposto da estrada, diante da barraca. Almoçava a romaria da madrugada, recolhendo num grande frasco de fôlho, no "bóido", o leite recebido pelas tijelinhas, que ficavam junto às próprias árvores para o trabalho do dia seguinte. À tarde, chegava à barraca, defumava o leite, preparava a barraca, e, pôsto ao fogo o feijão e o pedaço de carne seca ou de caça apanhada casualmente durante o dia, deixava-se, fatigado, na rede macia e suja, ouvindo a orquestra imensa, constituída por todas as vozes da natureza, que o insultavam, e o viajavam, e o desafiavam, da sombra das fôlhas, da cavidade dos troncos, do cimo das árvores, da margem do rio — no coar das sapos, no zumbir dos insetos, na reza do vento, no estalido dos galhos, no rugido das onças, acordadas para comer...

IV

Ao fim de oito anos de trabalho heróico e de economias desesperadas João Lucrécio solicitou a sua conta ao patrão. Tinha de saldo na casa nove contos de réis. Pediu uma ordem para lhe ser paga essa quantia no Pará, e embarcou no primeiro "gaiola". Viera menino, e voltava homem. Não era mais o mesmo, nem de figura, nem de alma. A natureza bárbara do Pará, a tez queimada do caboclo do nordeste substituiu a amarelidão doente e opilada dos que vivem na humidade e na sombra. Um bigode alourado e grosseiro completava-lhe a fisionomia, que uma cicatriz aberta pela unha de uma onça encontrada certa manhã no seu caminho, modificara profundamente.

la, então, rever o seu Ceará, e, nele, o seu pai, a sua mãe, a sua irmã, aos quais nunca enviara a mais ligeira notícia. E perguntava a si mesmo:

— Viverão todos ainda?

Se alguém lhe pudesse responder, ter-lhe-ia dito que o seu sonho era vão. A mãe, a velha Rosminda, morrera pouco depois da sua partida, não de mágoa, porque em seu coração não havia mais lugar para o sofrimento, mas de miséria e de fome. O pai falecera mais tarde, vitimado pelo veneno de uma cobra, que o surpreendera na limpa de um rogado alheio. Não, porém, sem ter visto, na vida, a sua filha mais ou menos emparrada, pois que a casara com o Vicente Monteiro, um rapaz das bandas do Cariré, que possuía, de seu, algumas cabeças de gado, a casa de taipa e um rogado de milho. Homem pobre, mas trabalhador e honrado.

Ao desembarcar em Camocim, João Lucrécio soube, logo, pelas pessoas que foram a bordo procurar serviço da estiva ou no desembarque de bagagens, que a

sêca lavrava, intensa, em todo o serião. E se ninguém lhe desse a notícia, ele lê-la-ia adivinhando pelo movimento da pequena cidade marítima, arranchada sob as árvores da rua da frente, pa-tenteando na fisionomia e na nudez toda a extensão do seu infortúnio. Inlamente, porém, rejubilou. A sua chegada era, agora, oportuna, pois que levava, no di-nheiro que lhe enchia o bolso, a saúde, a fortuna, a alegria. E imaginava com volúpia íntima o que seria o contentamento na casinha das margens secas do Jaibara, quando ali chegasse com as suas quatro malas pregueadas, e mostrasse à mãe entevada, ao pai envelhecido, à irmã bonita e ainda moça, os cortes de fazenda, as sandálias de couro, os brinços de pla-quê, os lenços de cambraia vistosa, os trinta presentes, em suma, que lhes trazia. E ainda mais quando apalpassem o di-nheiro, as cédulas de quinhentos, de du-zentos e de cem mil réis, que eles, por lá, jamais tinham visto.

João Lucrécio desembarcou para um hotel, em frente, mesmo, ao trapiche a que atracara o vapor. Pela madrugada tomava o trem, com passagem para a estação de Cariré. As nove horas estava em Granja. Ao meio dia em Sobral. E às três horas na pequena vila onde pre-tendia saltar, afim de arranjar condução para o Graça. Ao verem sair do carro a sua bagagem rica, e a sua figura de paraóara feliz, os retirantes que se abri-gavam nas vizinhanças da estação cer-caram-no, pedindo-lhe uma esmola, a mão estendida. O choro de vinte vozes, em que se misturavam a das mulheres, a dos velhos e a das crianças, era como uma reza alta, que se avolumava a cada instan-te. O seringueiro deu alguns níqueis, e procurou sair dali, naquela mesma tarde.

— Quer me comprar um cavalo e dois burros, moço? — indagou um fazendeiro que pretendia desfazer-se do que possuía, antes que a sêca lhe matasse o que ainda restava.

— Quanto quer?

Feito o prego, João Lucrécio adquiriu os três velhos animais. E como se lem-brasse ainda dos caminhos, e preferisse, para efeito da surpresa, viajar sozinho, mandou pôr as malas sobre os muare e, montando no cavalo de sela, tocou-os ser-tião a dentro, e partiu.

V

O serião estava, então, todo sêco, sem sombra de arvoredor ou vestígio d'água, entre o sopé da Ibiapaba e a linha da Es-trada de Ferro. Na quietude da tarde, João Lucrécio sentia isso. Ao fundo, no horizonte, a serra azulava, como se cor-resse para ele, tão perto lhe parecia, na atmosfera sem vapores. De um lado e de outro do caminho, os mofumbos e marme-leiros agrestes estavam reduzidos a talos comburidos, como um tabocal após a pas-sagem do fogo. A noite caía lenta, envol-vendo tudo, como um sudário imenso, lan-gado sobre a terra pela piedade divina. O céu, estrelado e baixo, parecia a cúpula enorme da tenda suntuosa de um pode-roso rei oriental. As estrelas luziam tanto, e pareciam tão próximas, que iluminavam a estrada. Uma coruja começou a garça-

lhar à pequena distância, no galho em cruz de uma árvore morta. João Lucrécio persignou-se, arrepiado. Lembrou-se que nunca fizera isso no Amazonas, porque, por lá, mesmo nas horas de medo, nunca se lembrara de Deus. O cavalo e os burros resfolegavam, sopravam forte, que-brando a serenidade da noite. Grilos zu-niam, insistentes. E ele, vivo, marchava, a passo, como um fantasma, pela tristeza dos caminhos mortos.

Em certo momento divizou, porém, à margem da estrada, uma casa humilde, sem luz. Resolveu fazer alto ali, para con-tinuar a viagem pela manhã. Aproximou-se, tocando o cavalo na frente, puxando os muare pelo cabresto.

— O de casa! — chamou.

A porta de madeira lôca abriu-se tími-damente, e uma figura humana desenhou-se-lhe na meia escuridão.

— Boa noite! — saudou o paraóara.

— Deus lhe dê boa noite — respondeu uma voz de homem.

— Seria possível, amigo, eu passar a noite aqui, para seguir de madrugada?

— Se quiser, pode; mas, como o senhor sabe, por aqui não tem água nem p'ra bicho, nem p'ra gente.

— Isso é o menos — atalhou João Lu-crécio, apeliando-se. — Eu trago ração de milho e uma borracha com água. O que eu quero é só licença para ficar.

Meia hora depois, na salinha da casa pobre, cejava o paraóara o rancho com-prado em Sobral: um pedaço de carne, fa-rinha, um quilo de bolacha, uma lata de sardinha e uma garrafa de vinho. Ao lado dele, junto ao tamborete improvisado em mesa, o dono da casa, um caboclo de musculatura forte, escurvelado, acompa-nhava-o na refeição, a que se associava a mulher, esquelética, em cujos olhos afun-dados nas órbitas luziam a dor e a fome. Em poucos instantes o pequeno farnel foi todo devorado. E como se sentissem, to-dos, por um momento, felizes, o seringuei-ro pôs-se a falar, com a indiscrição alegre da meia embriaguez.

— O senhor não é mesmo daqui... — aventurou o dono da casa, atordoado tam-bém pelo vinho que açeitara do hóspede, e que começava a atuar sobre a sua de-bilidade.

— Não, senhor — informou o paraóara — Eu sou do Rio Grande do Norte. Vim por aqui para passear... Fui p'ra Amazo-nas e fui feliz. Ganhei um dinheirinho, e agora vim ver isto por aqui... Quero ver se compro alguma fazenda barata, lá para o pé da serra...

E, jovial, por efeito do álcool, e, não menos, por vaidade, para escandalizar a miséria alheia:

— Dinheiro é que não falta!

E arrancou do bolso um forte maço de cédulas, capeado por duas de quinhentos mil réis, que passou às mãos trêmulas do sertanejo e da mulher, que as examinaram, piscando.

Em seguida, os donos da casa armaram, mesmo na sala humilde, a rede do hó-s-pede. Desejaram-lhe boa-noite, e recolhe-ram-se, pensativos, para o fundo da ca-bana. Voava-lhes no cérebro o bando agoureiro dos pensamentos sinistros, que

(Continua na pag. 53)

Conto de HUMBERTO DE CAMPOS

Ilustração de JOSÉ ANTONIO



O CUIDADO COM OS OLHOS

Conselhos de Janet Blair, "estrelinha" da Columbia, para a beleza dos olhos:

1 — Miss Blair usa cosmético sobre as pestanas, mas logo em seguida separa os pêlos com uma escova seca, eliminando ao mesmo tempo os excessos. 2 — O mesmo cosmético é aplicado sobre a escova e com ele Janet alonga as suas bem formadas sobrancelhas. 3 — Com um lapis, alonga o formato dos seus olhos. 4 — Finalmente Janet aplica sobre as palpebras um pouco de vaselina com sombra azul.





Uso e costumes, aspectos pitorescos do interior do Brasil, tipos e figuras que o carioca desconhece. Cenas de província, das graciosas cidades sertanejas e de plena roça. Gente que não se preocupa com a maneira de trajar, que veste como pode, mas que trabalha de sol a sol, dando conta das mais exaustivas obrigações para viver...

Aqui estão dois sugestivos exemplos nesta página. Ao alto, uma sequência de 'odo-o-dia, em São João d'El-Rey, Minas. Os garotos, pequenos vendedores ambulantes, transportam seus balaos

sobre o ombros e vencem longos percursos, picadas e escarpadas violentas, para ajudar os pais que ficaram em casa. Em baixo, outros garotos, esses, porém, baianos. Eles vivem em São Gonçalo, nos arredores da cidade do Salvador, na Bahia. No lombo do burro, colocam as cangalhas que vão carregadas de roupa, transportada para o rio distante, onde será lavada. E, de contrapézo, nas cangalhas vão também pequenas encomendas dos caixeiros-viajantes, das casas comerciais, de vila para vila. Os meninos são de confiança,

muitas vezes incumbindo-se da entrega de grandes quantias, que lhes são entregues pelos negociantes. E ganham, em troca, pequenas esportulas, gratificações ínfimas...

A gente do sertão é boa, honesta e simples. Ela não pensa em se apoderar do que lhe não pertence e quando volta à casa, noite fechada, os pés doloridos, a garganta seca de poeira, o bolso quase vazio, ainda assim voltam satisfeitos. Viveram mais um dia — e viveram com a mesma compostura e humildade de seus antepassados...

COISAS DO BRASIL



Faltavam poucas horas para a execução e ela ainda não conseguira provar que era inocente!

O carrasco não espera

(Adaptado de uma peça radiofônica de JOHN DICKSON CARR)

O Dr. Fell era um personagem simpático e, por mais estranho que isso possa parecer, não provocava o riso, apesar de sua complexão que ele insistia em qualificar de robusta.

Quando diziam que ele pesava mais de noventa quilos, Dr. Fell, indignado, protestava:

— Isto é uma calúnia!

E, por mais que lhe quisessemos fazer ver que o fato dele pesar mais ou menos noventa quilos nada tinha de deshonroso e não prejudicava a ninguém, trazendo prejuízos somente para ele mesmo, Fell não se conformava.

Era seu hábito, além de diminuir o peso, aumentar a idade. E este, pelo menos, poderia ser

explicado pelo bom senso. Na verdade, uma senhora de certa idade pôde ser gordo sem suscitar comentários, mas um rapaz de trinta anos, não. Assim é que o Dr. Fell juntava, invariavelmente, algumas dezenas de anos à sua idade real.

Era, entretanto, um detective extraordinário e, por isso, todos os que o conheciam se sujeitavam às suas manias, afinal de contas inofensivas. Como não fazê-lo se elas o tornavam feliz!

Afirmar que ele era um detective extraordinário. Ora, isso está reclamando uma prova urgente e imediata. Não se deve afirmar nada sem comprovar o assêrto de maneira inofensiva. Esta é, pelo menos, a minha opinião. Procuremos, portanto, nos casos que ele, com tanta habilidade, resolveu um que nos mostre a sua perspicácia.

"O CARRASCO NÃO ESPERA" foi uma de suas aventuras mais emocionantes. Ele mesmo deu-lhe esse título que, com o verão, é perfeito e exprime, perfeitamente, a angústia daquela noite. Não. Não vou contar o caso. Darei a palavra a ele, para que, a seu modo, diga o que aconteceu.

— Em primeiro lugar, meus senhores e minhas senhoras, quero salientar um aspecto do caso que é inteiramente inédito nos anais do crime. Foi um caso em que todos erraram. Sim, meus senhores e minhas senhoras, por mais incrível que isso possa parecer é essa a verdade. O juiz errou, como errou o promotor e os jurados erraram, errando também — o que é ainda mais extraordinário — o próprio advogado da acusada. Da acusada, sim. Já vêem, senhores, que se trata de um crime por amor. Ou, melhor, que parece tratar-se de um crime por amor. Um crime em que o réu é uma mulher é, via de regra, um crime por amor, quer seja ciúme, quer seja ódio, quer seja uma outra paixão violenta.

De qualquer forma, o que preocupa as mulheres é o amor. Mas, senhores, nesse caso não era o amor o movel do crime. Ou, melhor, não era o amor, quando se descobriu a verdade, mas, no início, era, de fato, o amor. E, mesmo, no final, quando se descobriu o erro continuou a haver um caso de amor. Sim, meus senhores e minhas senhoras, porque o amor não se elimina assim com tanta facilidade. Mas o que eu queria salientar é que o crime mesmo, nada teve a ver com o amor. Para falar a verdade, até hoje eu não sei o motivo do crime. Assim que descobri o criminoso desinteressei-me do caso. Mas só agora reparo que por enquanto ainda não disse uma palavra sobre ele. Limitei-me por enquanto a intrigá-los. Estão suficientemente intrigados. Então ouçam...

A moça mexeu-se no leito e, imediatamente, as duas mulheres se aproximaram. Lentamente, os lindos olhos azuis de Helen foram se abrindo e ela viu, à sua frente, duas mulheres. A princípio, não compreendeu bem. Depois, pouco a pouco, foi voltando a memória. Quê acontecera?

De repente Helen deu um grito estridente. Não seria capaz de explicar porque. Acordara, naquele quarto escuro, sózinha com aquelas mulheres... Sentira, de repente, uma sensação de pavor tão grande e Philip não estava ali para ajudá-la...

— Calma, minha filha! Não adianta você se assustar dessa maneira...

Helen olhou para a mulher que falara com uma expressão de terror:

— Eu estava sonhando...

— Foi um pesadelo, minha filha, mas agora já passou, não é?

— Não sei...

A mulher continuou a confortá-la:

— Ninguém vai maltratá-la...

Mas, de repente, soou a voz zombeteira da outra mulher:

— Hum! Ninguém vai maltratá-la por enquanto, por enquanto...

A primeira mulher virou-se, zangada:

— Cale-se!

A outra não insistiu.

— Quer que acenda a luz?

— Quero, acenda, acenda depressa.

Onde estou eu? Quem é a senhora?

Quem é aquela outra? Onde estou eu?

Que dia é hoje?

A segunda mulher olhou-a com surpresa:

— Será possível que ainda não tenha desistido dessa comédia?

— Comédia? Que Comédia?

— Ainda vai repetir que não sabe seu próprio nome?

— Meu nome? É claro que sei meu nome. Chamo-me Helen Barton. Mas onde estou eu? Porque está fazendo tanto frio?

— Não é surpreendente que faça frio em Dezembro na Inglaterra, disse a segunda mulher.

— Dezembro? Dezembro? Não é possível! Que brincadeira é essa? Nós estamos no fim de Agosto e eu vou ver Philip... Philip! Onde está ele? Onde está meu noivo?

— Quem é seu noivo?

— Philip Gale, ora essa!

A segunda mulher ficou boquiaberta — Ela está mais doida do que eu pensava!

A primeira mulher afastou a outra:

— Hannah acenda a luz e depois é melhor você ir embora. Você só faz perturbar essa pobre moça como se não fosse bastante o que ela vai sofrer! Vamos! Deixe-me a sós com ela!

Helen não compreendia nada:

— Mas, onde estou eu? Onde estou eu? Diga-me depressa ou enlouqueço!

A primeira mulher então falou:

— Olhe em torno? Vê o luxo, o conforto, a lareira acesa? Você hoje terá tudo o que quiser menos a liberdade e amanhã... Não adivinha?

— Não sei de que se trata...

— Essa é a cela dos condenados! Hoje você pôde ter tudo o que quiser porque amanhã, pela madrugada, você vai morrer... executada... pelo crime que cometeu...

— Eu!?

— Sim. Num ataque de loucura, você matou seu noivo!

— Meu Deus! Será isso outro pesadelo.

Eu peço aos senhores que imaginem o estado dessa pobre moça, acordando de repente, depois de um ataque de amnésia e sabendo pela carcereira que, num súbito ataque de loucura, matara o noivo que adorava.

Enquanto ela acordava de um pesadelo para outro, eu conversava com o diretor do presídio...

Odeio as execuções!

O diretor, evidentemente, estava nervoso. Ouvindo-o dizer aquilo, eu repliquei:

— Um sentimento humanitário muito louvável!

Minha ironia foi perdida. Ele nem ouviu o que eu disse, preocupado como estava.

— Não há dúvida alguma? perguntei.

— Não é possível! Ela é evidentemente culpada.

— Então porque você está tão nervoso?

— É que, de certo modo, eu tenho certeza de que há alguma coisa de errado nisso tudo.

— Mas errado, como? Errado, de que maneira?

GAÓ O VIRTUOSO DO TECLADO!

Compondo aos onze anos e brilhando até hoje — Tocando piano na Educadora Paulista e regendo orquestra na Cosmos — Do palco de um casino para a frente de um microfone.

Por ARMANDO MIGUEIS

No silêncio da noite que chega, na beleza da manhã que surge ou na melancolia da tarde que agoniza, a música é um dos motivos que nos levam à recordação de momentos felizes, horas amargas, minutos de tédio. E, ela, a companheira de nossa alma insatisfeita, sempre à busca de novas emoções que a façam vibrar, impulsivamente, como que dominada por um poder estranho até atingir o êxtase supremo, afim de sentir toda a grandiosidade de uma página imortal desse grande amoroso que foi Liszt, ou desse inesquecível sofrido que foi Schubert... E aquelas notas que fizeram da Rhapsódia Hungara e da Sinfonia Inacabada, criações de magistral beleza, usufruídas ou sentimento de dois apaixonados músicos, representam para o artista que as executa e para quem as ouve o momento culminante de uma existência feliz.

Odmair Amaral Gurgel, esse paulista nascido na cidade de Salto de Itú, que aos onze anos de idade compôs uma interessante mazurka intitulada "Primeira Inspiração"; que estudou música no Conservatório Dramático de São Paulo, recebendo como prêmio a sua dedicação pela arte a medalha de ouro, além de conseguir a cadeira de professor de piano; que mereceu da crítica musical os mais rasgados elogios à sua atuação artística, quer como exímio alabarista do teclado ou como regente de vários conjuntos orquestrais é uma dessas criaturas que nasceram para a execução do belo, fugindo ao brouhaha inquietante das horas que passam na vertigem do tempo.

Compenetrado do seu papel no que diz respeito à música, Odmair Amaral Gurgel, popularizado como "Maestro Gaó", tornou-se em curto espaço de tempo uma figura de relevo no cenário artístico brasileiro, impondo-se como um competente orquestrador, um musicista de vasto tirocínio e um pianista que jamais se sentiu indiferente àquilo que apresenta, razão porque os seus números constituem em sua maioria, minutos de enlevo espiritual, dada a harmonia e a sensibilidade com que ele os executa.

Fazendo sua estréia frente a um microfone, através da Rádio Educadora Paulista, no ano de 1926, quando teve a oportunidade de se apresentar como um dos mais destacados alunos do Conservatório de Música, logo depois abandonava o rádio para se dedicar à gravação de discos, além de aparecer em vários concertos, onde o público acorria em grande número, pois reconhecia nele um artista de valor a quem não se deviam regatear aplausos.

Mas não tardou muito o seu afastamento das lides radiofônicas, pois com a inauguração da Cruzeiro do

(Continua na pag. 43)



PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Momentos desagradáveis...



...Que podem ser evitados!

Muitas vezes as coceiras são causadoras de situações muito desagradáveis. Evite-as com PARASITINA. PARASITINA elimina os parasitos causadores da coceira, impedindo que eles se reproduzam. Os resultados de PARASITINA são notáveis, também, para frieiras e sarnas. Não mancha a roupa nem a pele e deixa um cheiro agradável.

PARASITINA

MATA OS PARASITOS QUE PROVOCAM COCEIRAS

Livros

HOTEL BERLIN, romance de Vicki Baum, tradução de Leonel Vallandro — Livraria do Globo, editora — Porto Alegre, 1944.



Este romance, satisfaz, por assim dizer, absolutamente, o velho preceito de teatro: unidade de ação, tempo e lugar. Todo ele se passa dentro dum hotel, sem se desviar da direção traçada na primeira linha, e em menos de vinte e quatro horas. Quando a heroína, hóspede do estabelecimento, vai tomar um automovel, e não sendo verossímil a sua volta, acaba a história.

Nesse *palace* berlinense, moram permanentemente o general von Dahuwitz, vencedor de Karkhov e removido da Rússia, na nota oficial para prestar serviço no ministério, em verdade para ficar sob as vistas diretas da Gestapo, a atriz Lisa Dorn, grande estrela da época, "protegida" daquele cabo de guerra; a mundana Tilli, espécie de empregada galante da casa e cujas funções consistem em manter a atmosfera de alegria e de farra, no bar do hotel e sobretudo durante os bombardeios; um escritor inglês, doente e na miséria, forçado a falar pelo microfone aos seus compatriotas, dando-lhes as notícias e fazendo-lhes as advertências formuladas pelo serviço de Goebbels; Johannes Koenig, sempre embriagado e que é o "último dos grandes poetas alemães"; outros tipos de randões arrogantes, gozadores inconscientes ou para esquecer, várias espécies de sacrificados. Temporariamente, estão entre os hóspedes, um estudante revolucionário, cujo rasto numerosa matilha da Gestapo anda furiosamente farejando; um herói do ar, o tenente Cauders, que obteve três dias de licença e quer empregá-los numa pândega rasgada... E o ambiente de brutalidade, libertinagem e terror é mantido com tal propriedade e tal intensidade, que deveras o leitor o respira e sente tudo o que ele contém.

Certas cenas deixam profunda recordação, assim: os antecedentes imediatos e o próprio momento do suicídio do general von Dahuwitz; o desespero do locutor que, de repente, não mais podendo suportar seu martírio, desata a gritar para a Inglaterra a verdade da situação do Reich e a dizer a RAF que venha, destrua, incendeie, arrase tudo; o inferno dum desses ataques de centenas, milhares de máquinas gigantes despejando ferro e fogo sobre a metrópole alucinada... Mas a nota dramática, impressionadora é constante no livro.

Corro romance de guerra e entre os tantos que nos tem vindo às mãos, seria a este que daríamos o primeiro lugar.



LER E BRINCAR, cartilha de Juraci Silveira, ilustrações de Giselda Z. de Melo — Rio de Janeiro, 1944.



Em nota liminar, diz a autora deste livro que "serão as crianças as julgadoras do seu mérito". Não importa isto, de certo, em reconhecer no guris a autoridade necessária para o examinar e criticar... É, em verdade, o trabalho da Sra. Juraci Silveira se destina, em primeiro lugar, aos professores. E' a estes que ela ensina a maneira que lhe parece mais eficiente e fornece os elementos que se lhe afiguram mais adequados para inspirarem aos alunos a curiosidade da leitura, depois o interesse pelas lições de coisas, o gosto das histórias, a noção dos princípios de bondade, generosidade, amor ao próximo. Para orientar os mestres, há cerca de vinte páginas de conselhos e elucidacões, concernentes às matérias: Período preparatório, Métodos e processos, A cartilha, Função da cartilha, O uso da cartilha, O uso do quadro-negro, Plano de uma aula de leitura, Trabalho oral, Trabalho no quadro-negro, Leitura na cartilha e A escrita. E seguem-se os exercícios progressivos que deverão levar os alunos a ler correntemente e, tanto quanto possível, a pensar.

Os desenhos da Sra. Griselda E. de Melo são espontâneos, joviais, sempre interessantes. E tudo parece organizado de maneira a obter plenamente o êxito que a Sra. Silveira ambiciona para o seu livro e que está exposto no período seguinte:

NÃO SOBRÁRA NADA!

• Pudera! Tão saborosos...
E aqui está o segredo de alimentos deliciosos, apetitosos e de fácil digestão:

MAIZENA DURYEA

Verifique o acampamento índio em cada pacote

A MAIZENA DURYEA 49
Caixa Postal, 6-8 - São Paulo 37
Peço enviar-me, GRATIS, o livro "Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

Novos

"Se ele tiver a ventura de interessá-las, suavizando-lhes a tarefa de aprender a ler, estimulando-as a vencer as inúmeras dificuldades peculiares à fase inicial, e, sobretudo, se lograr despertar-lhes a curiosidade e o gosto da leitura, a autora se sentirá feliz, pela convicção íntima de haver concorrido, de maneira positiva e direta, para a solução de um problema que preocupa e angustia grande número de professores — a aprendizagem da leitura e escrita — e, indiretamente, para a elevação cultural das novas gerações, que farão da leitura um instrumento de trabalho, de integração social e de formação da própria personalidade".

POR ONDE CORRE O SÃO FRANCISCO, romance de Prado Ribeiro — Norte, editora — Rio de Janeiro, 1944.



Anuncia-nos o Sr. Prado Ribeiro, no frontispício deste volume, um romance regional; logo, porém, numa nota liminar, nos adverte de que talvez não haja muita propriedade em tal classificação. Francamente, não valia a pena ter-nos prometido um gênero literário para imediatamente nos avisar: "olhem que talvez o gênero seja outro..." Quem poderia saber isso mais seguramente que o próprio romancista? Ou entenderia ele ser a nós, leitores, que competia resolver a questão?

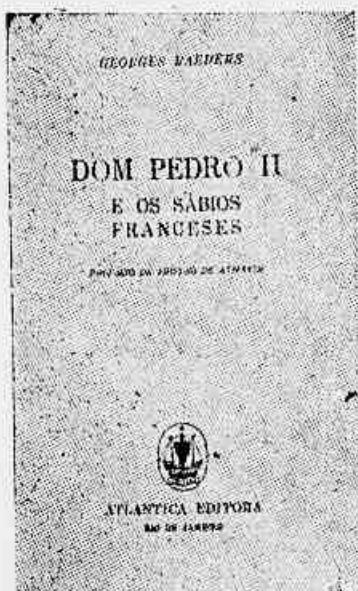
Mas, a rigor, não põe o Sr. Prado Ribeiro em dúvida a expressão "romance regional" e sim apenas o substantivo que dela faz parte. Quanto ao adjetivo, implicitamente o deixa ficar. Nestes livros e nos seus antecessores, explica: "O meu intuito principal é o de descrever os usos, costumes, folclore, caráter e o meio da região em que se desenrolam".

Quiz, portanto, fazer mais regionalismo que outra coisa. E nem, como romance, a feição doutrinária ou educativa, o resultado como efeito moral lhe interessa sobremaneira pois que acrescenta: "A fabulação é para mim um motivo secundário."

Logo às primeiras páginas, às primeiras linhas o autor patenteia, a propósito duma cheia do São Francisco, o mais amplo e profuso conhecimento da zona em que situa a sua história. História bem curta e em que ele não quis introduzir delongas de imaginação... Conta-a como pretexto para a série de panoramas, práticas familiares, festas de pequena localidade ou de roça, noções correntes e superstições que lhe apraz ensinar-nos ou, pela sua interpretação, fazer-nos apreciar. Trata-se dos amores em má hora suscitados entre um pobre diabo, casado e pai de filhos, que recebe a hospitalidade e a proteção afetuosa dum varão sertanejo, e a filha deste, moça bastante romântica... ou coisa que o valha para não só se deixar seduzir em tais circunstâncias mas ainda contribuir, em boa parte, para a sedução. Ciente do horrendo atentado contra o seu lar e o seu nome, o patriarca não hesita em proferir diante dos filhos a sentença tradicional: "Vocês sabem como se resolvem esses casos de honra no sertão. Esse desgraçado que traiu duplamente: a nossa amizade e a nossa confiança, deve morrer". No seu entender igual castigo merecia a filha perdida; mas o tribunal de família a que ele entrega a segunda parte do caso, acaba decidindo que só o homem pague com a vida a culpa de ambos. No penúltimo capítulo efetua-se a caçada ao criminoso que se foragira. Nessa montaria a uma fera humana — pobre fera, na realidade — entra toda a gente, pelo menos todos os homens das imediações. E ainda depois de morto o réu execrássimo lhe cravam de balas o corpo que tombou diante da igreja da terra, como se Deus, considerando excessiva tal sentença, lhe houvesse permitido chegar até ali, para lhe perdoar...

Tal a reduzida história "mais ou menos real" que o Sr. Prado Ribeiro nos oferece através de páginas ricas de observação, de verdade, e nas quais não raro nos revela belas e curiosas coisas daquela sua tão conhecida e tão amada região.

DOM PEDRO II E OS SÁBIOS FRANCESES, de Georges Raeders, prefácio de Tristão de Atlântica, editora — Rio de Janeiro de 1944.



O Sr. Georges Raeders, um dos notáveis homens de letras franceses que, nos últimos anos, se tem vinculado à cultura brasileira, não é apenas um nobre pensador e um escritor excelente. O rumo da sua vida, tão de acordo com a sua tendência espiritual, fez dele um mestre no sentido mais directo e eficiente, de professor. No Liceu Pasteur, de São Paulo, de que é director, exerce a missão de ensinar com perfeita convicção e uma fé verdadeiramente inspirada nos resultados do seu contínuo, apaixonado esforço. Como todos os educadores julgam ou dizem fazer mas bem poucos, na realidade, praticam, o Sr. Raeders estende aos seus alunos e a todos os moços que o escutam ou leiam, o melhor sentimento paternal. Fora das matérias do curso ou dos capítulos do livro, com eles vive familiarmente, levando-os a participar, a assenhorar-se do seu saber como de coisa que naturalmente lhes pertencesse. Associa-se de alma e coração aos seus projectos, às suas lutas, e tanto ao seu culto da tradição quanto à justa aspiração que tenham a reformas e renovamentos. E, notando-lhes o desejo e a capacidade de realizar, alheio aos programas escolares e a empreendimento de inteligência e de arte a eles se junta

propriamente ditos, algum empreendimento de inteligência e de arte a eles se junta e assume a sua direção, como uma espécie de estudante um pouco mais idoso e muito mais culto que os outros. Foi assim que o vimos, ha alguns anos, vir ao Rio de Janeiro com um luzido elenco acadêmico que representou no João Caetano, excusez du peu, uma peça de Shakespeare.

No presente volume ensina o Sr. Georges Raeders os Brasileiros em geral a conhecer o seu último monarca. Faz que o encarem e exaninem por um prisma absolutamente diverso daquele que Medeiros e Albuquerque — entre cujas virtudes se acusava, como sendo das maiores, a da lealdade literária — tanto insistia, tratando de Pedro II, em apresentar aos seus leitores. O autor de *Pedro II e os sábios franceses* coloca o soberano brasileiro, tanto quanto possível em plano igual e com legítimo direito, coloca o soberano brasileiro, tanto quanto possível em plano igual e com legítimo direito, entre vultos dos mais insígnies das letras e da ciência francesas: Hugo, Lamartine, Pasteur, Renan, Georges Sand, Sully Prudhomme, Ferdinand Denis, Maspero. Apresenta uma série de documentos inéditos, tais com o cartas das celebridades referidas e ainda de Alexandre Herculano e Gonçalves Dias. E pelo livro adiante, entremeadas com a matéria informativa que reuniu em bibliotecas e arquivos, distribue dados e conceitos colhidos em outros autores: Alferes E. de Taunay, Ferdinand Denis, Pedro Calmon, Magalhães de Azeredo, Renato Almeida, Heitor Lyra, Macedo Soares, Argeu Guimarães, Múcio Teixeira, etc.

Todos os que estudam tirarão proveito desta obra tão conscienciosa e tão clara. Os que estudam — e os que ensinam, também.

J. L.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Cetrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

A MARINHA DOS ESTADOS UNIDOS PRESTA HOMENAGEM A UM GRANDE MEDICO NORTE-AMERICANO

Os Estados Unidos acabam de enriquecer o patrimônio de sua Frota da Liberdade com o lançamento de mais uma unidade mercante, a que deram o nome "Edward R. Squibb".

Poucas pessoas há entre nós que não estejam familiarizadas com esse nome, através dos produtos farmacêuticos distribuídos em nosso país pelos Laboratórios Squibb. Mas, o que talvez muitos ignoram, são as razões especiais que levaram o Governo dos Estados Unidos a dar à sua nova unidade mercante o nome do ilustre médico fundador da organização Squibb. É que, além dos assinalados serviços prestados à medicina, no sentido do maior aperfeiçoamento da farmacopéia, o dr. E. R. Squibb iniciou sua carreira como médico da Marinha de Guerra dos Estados Unidos, onde deixou seu nome vinculado aos mais relevantes desempenhos profissionais.

Essa circunstância e a inestimável cooperação que a Squibb vem prestando ao esforço de guerra das Nações Unidas, tornaram-na credora da gratidão do Governo norte-americano, ora traduzida nessa excepcional e honrosa homenagem do batismo de uma unidade com o seu nome.

Num crescendo de atividades, que se desdobram dos campos de batalha aos setores da vida civil, a Squibb estendeu até nós os benefícios de sua operosidade criadora, havendo já estabelecido uma companhia no Brasil e iniciado os trabalhos em seu laboratório de produtos químicos, farmacêuticos e biológicos, em São Paulo, para distribuição direta de suas especialidades em nosso país.

Sem dúvida, a grande experiência de E. R. Squibb & Sons, seus modernos laboratórios e seu Instituto de Pesquisas, tão bem conhecidos pela classe médica mundial, vão prestar relevantes serviços e benefícios à comunidade.



Na gravura ao alto, duas jovens "estrelas" aperfeiçoando-se no esporte que é também uma arte requintada — a pescaria. Gloria Jean (à esquerda) e Ann Blyth, duas amigas inseparáveis mesmo quando não tem obrigações nos estúdios da Universal. Gloria vem de posar "Mocidade Destemida", e Ann fez o mesmo em "Tradição Artística". Na ilustração em baixo, a mais recente foto de Betty Field, "partenaire" de Joel McCrea em "The Great Moment", da Paramount, dirigido por Preston Sturges. E' assim, com esses novos elementos femininos, que o cinema americano procura fazer face à deficiência de intérpretes do outro sexo.



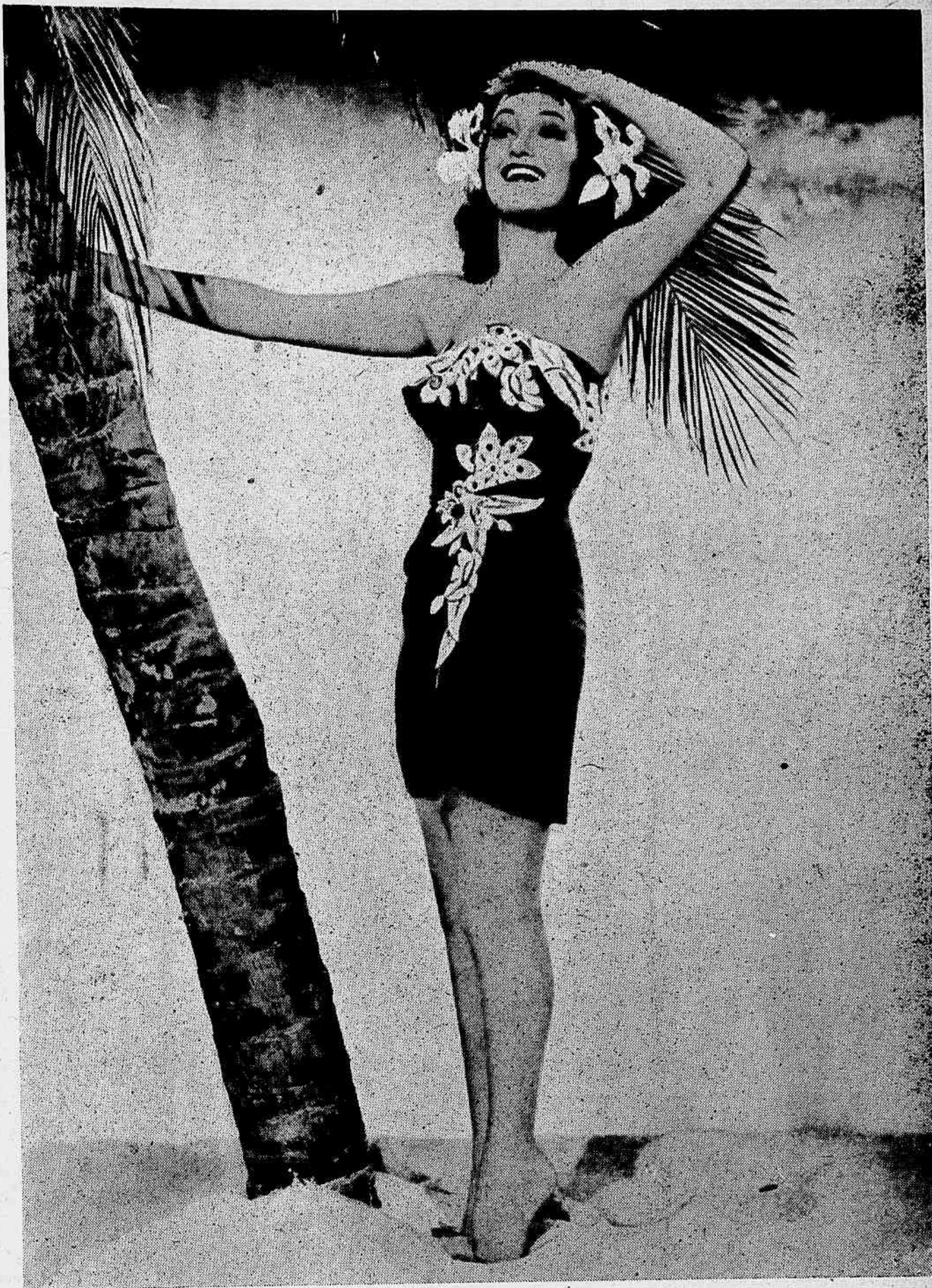
Walt Disney vem de terminar "Você já foi à Bahia?", outro desenho animado de metragem maior, dedicado às coisas brasileiras e posado com Aurora Miranda. Pela primeira vez Disney obtem, de maneira impecável, a associação do desenho animado com a filmagem de seres humanos. Vamos ver Zé Carioca entregue a um "week-end" adorável nas areias de Copacabana, batendo bola com as pequenas do Pôsto 6 e correndo o risco de ser desbançado pelo Pato Donald... Daremos em nosso próximo número interessante e sugestiva série de fotografias de "Você já foi à Bahia?", enviadas diretamente para a nossa revista, pelos estúdios de Walt Disney.

GRAFICAS DE HOLLYWOOD



Maria Montez continua sendo a companheira inseparável de Jon Hall — nos filmes, bem entendido. E a Universal dá-se por satisfeita com a dupla, que deve ter concluído, por estes dias, uma nova história de aventuras, "Gypsy Wildcat", como os anteriores, em technicolor e tendo Peter Coe um papel destacado. Em nosso idioma o filme será "Alma Cigana".

Thereza Wright é uma das mais graciosas e simpáticas pequenas da mais nova geração de Hollywood. Reparem no seu petulante sorriso e apreciem um detalhe da roupa, talhada sob a influência dos marujos europeus, com que vai fazer a protagonista de "Casanova Junior", na RKO. Mas o Casanova será Gary Cooper. Novas e sensacionais aventuras do conquistador emérito...



Um coqueiro, um sarong e, dentro desse sarong, a morena tropical denominada Dorothy Lamour, pronto. Tere-mos ideado mais um romance transcrito nos mares do Sul, mesmo quando tudo seja reconstituído em um "set" da Paramount... Ela pode não ser uma grande intérprete dramática, porém, no gênero onde se especializou, nenhuma a suplanta. A gravura é de sua última filmagem, "Rainbow Island", feita com Eddie Bracken, Gil Lamb, Barry Sullivan, e a direção de Ralph Murphy.

Em Los Angeles realizou-se uma interessante festa, Pan American Festival, com a presença de alguns proeminentes vultos do cinema. Na primeira gravura à esquerda vemos Jinx Falkenburg, da Columbia, ladeada por Joe E. Brown, Walt Disney e Charles Ruggles. Na gravura ao centro novamente Jinx em companhia de mrs. Rex Ross, locutora da festa, admira uma pintura típica mexicana. No "clichê" à direita homenagem de boa vizinhança ao México, ainda com a "estrela" de "Modelos" e outros elementos que abrilhantaram a festa.



COMO SE EDUCAM OS MENORES NA INGLATERRA

H. C. DENT, especial para
a REVISTA DA SEMANA

Londres, Janeiro. — A lei sobre o ensino, de 1944, que foi aprovada pelo parlamento britânico é, em meu parecer, um dos atos mais importantes em matéria de educação jamais conhecido no país. Além de reformar completamente o sistema de ensino gratuito na Inglaterra e País de Gales, a lei cria maiores e melhores facilidades educacionais, fazendo recair sobre as autoridades públicas e os pais a obrigação de assegurar e manter essa disposição.

Até o presente o sistema do ensino público na Grã-Bretanha obedecia a duas divisões: ensino elementar e superior, este último compreendendo a educação secundária, técnica e adulta. Mas a educação secundária não estava, infelizmente, senão ao alcance de apenas dez por cento da população escolar, ao passo que o ensino técnico não podia ser seguido senão por uma proporção diminuta de jovens, havendo assim uma grave deficiência educacional para os adolescentes.

A lei atual elimina esse inconveniente, estabelecendo que "o sistema da educação pública será organizado em três fases progressivas: a primária, secundária e a superior" (cláusula 7).

Até agora era dever do presidente da Junta de Educação apenas "superintender certas questões relativas à educação na Inglaterra e País de Gales", sem que dispusesse de poder legal para compeli-las autoridades locais a conservar o ensino em padrões desejáveis. De acordo com a nova lei o seu dever será "promover a educação do povo da Inglaterra e País de Gales e o desenvolvimento progressivo das instituições destinadas a esse fim, bem como assegurar a execução efetiva, por parte das autoridades locais sob seu controle e direção, da política nacional visando proporcionar um serviço educacional variado e compreensivo em cada região" (cláusula 1).

Em suma, será dever da autoridade educacional local, atuando sob a direção do ministro da Educação, fornecer um serviço educacional adequado que satisfaça as necessidades de cada jovem de ambos os sexos, de cada homem e mulher na Inglaterra e País de Gales. Os pais farão com que os filhos recebam educação adequada. Até aqui o dever legal de um pai era "providenciar para que o filho, entre as idades de 5 e 14 anos, recebesse uma instrução elementar eficiente na leitura, escrita e aritmética".

Presentemente "será dever do pai de todo filho em idade escolar compulsória fazer com que ele receba instrução eficiente e plena, adequada à sua idade, capacidade e aptidão" (cláusula 35). A responsabilidade é diferente e maior.

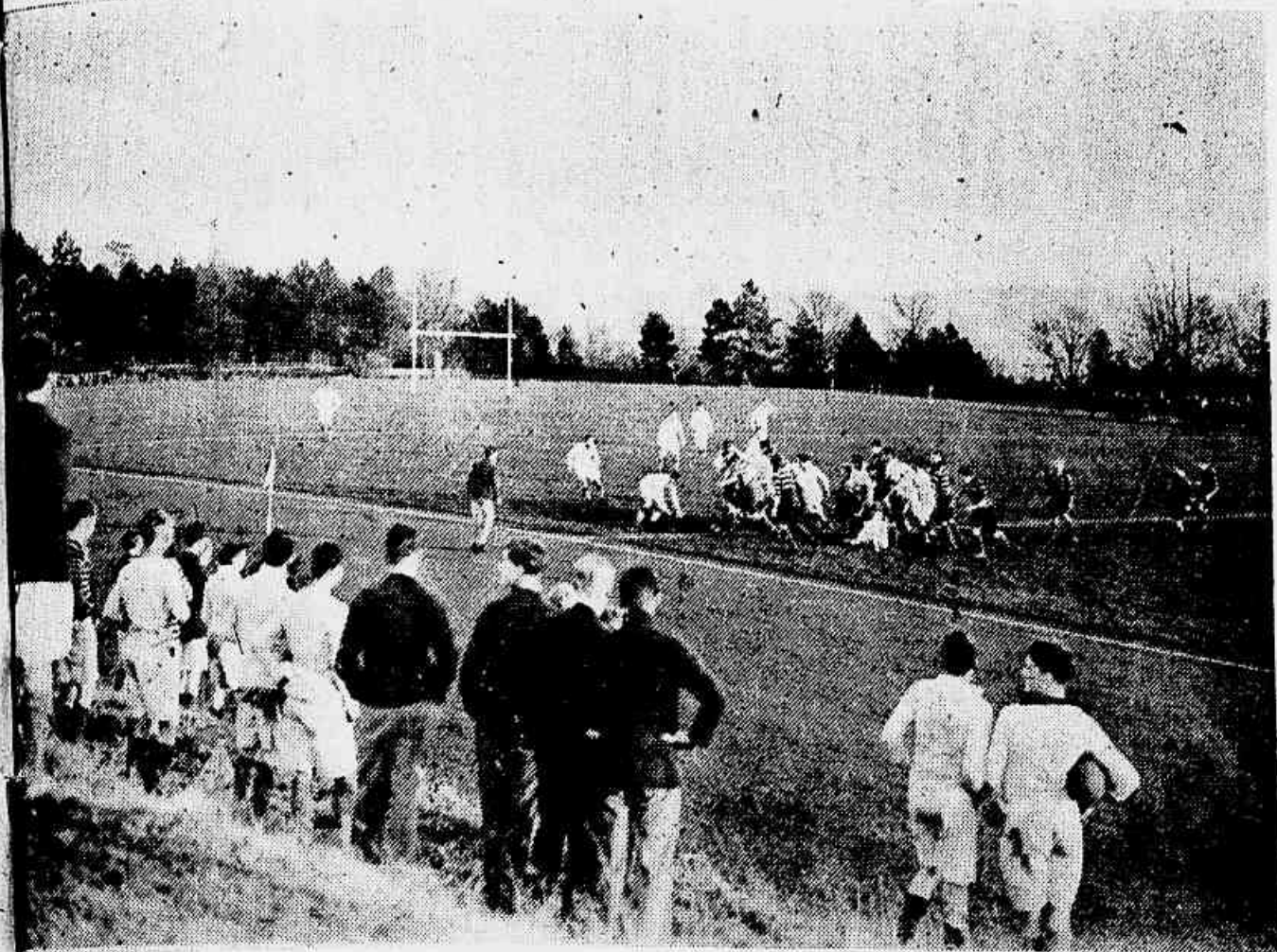
Será aumentada para 15 anos a "idade escolar compulsória" e, logo que se tornar praticável, para 16 anos, como será estabelecido um sistema de ensino de horário parcial, não mais tarde do que depois da elevação da idade escolar para 15 anos, para todos os jovens de menos de 18 anos que não estejam recebendo instrução de horário completo. Nenhuma escola pertencente ou auxiliada por autoridades locais poderá receber taxas pagas pelos pais dos alunos.

O serviço médico escolar fornecerá tratamento e inspeção a título gracioso a todos os frequentadores, desde a idade de 2 anos (escolas-creche), até 18 anos. Será ainda do dever das autoridades locais fornecer leite e refeições nas escolas, fornecer escolas-creche e "um tratamento educacional especial" a todas as crianças com incapacidade física ou mental. As escolas particulares serão registradas e inspecionadas pelos delegados do ministro, o qual disporá de poderes para fechar qualquer estabelecimento escolar cujas acomodações, eficiência educacional ou pessoal docente não esteja de conformidade com o padrão estabelecido.

(CONTINUA NA PÁGINA 55)

A super-escola que será brevemente aberta. Escada toda cercada de vidraças.

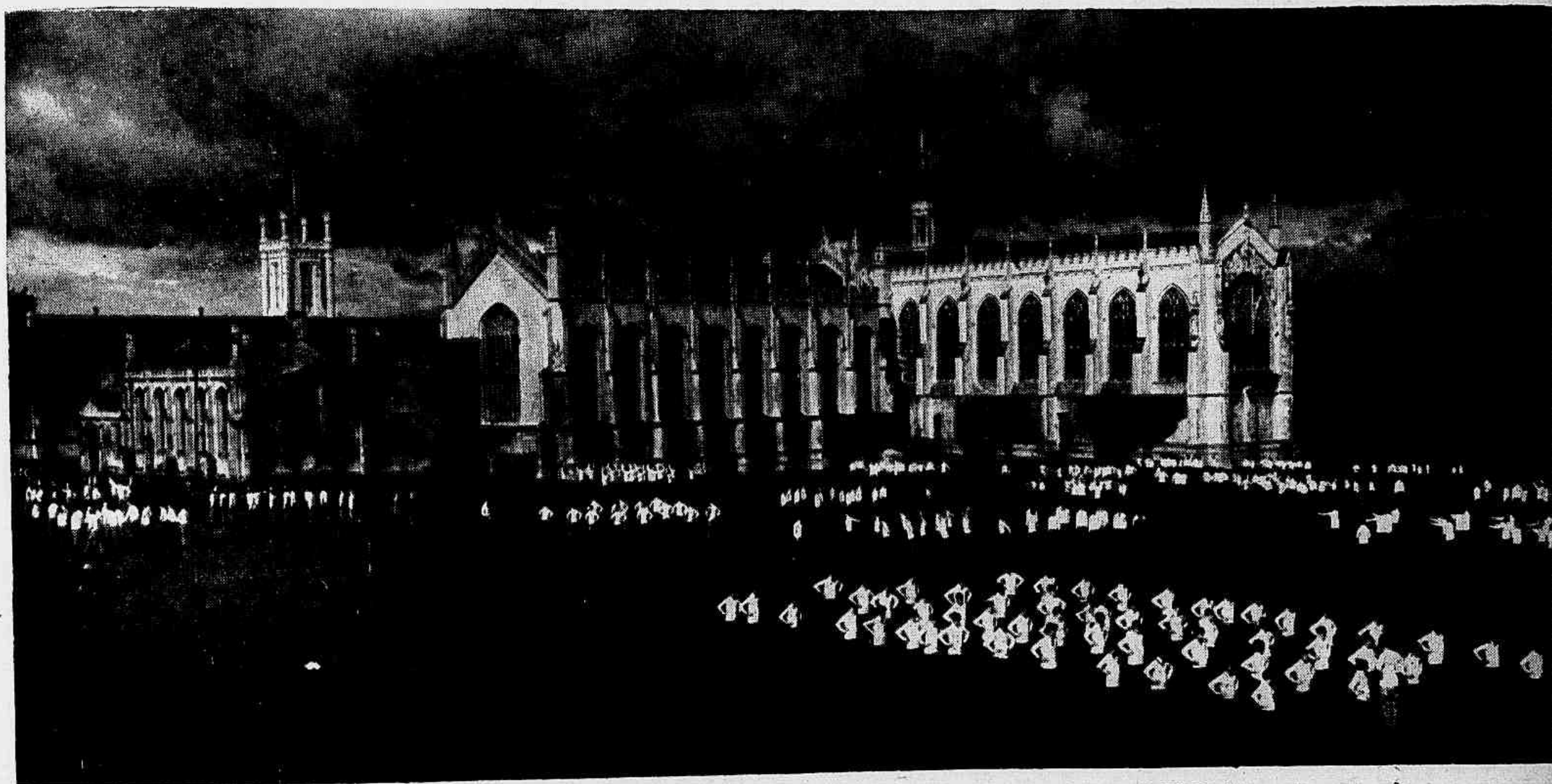




Um match de foot-ball entre alunos do Marlborough College e de Clifton School, em Marlborough.



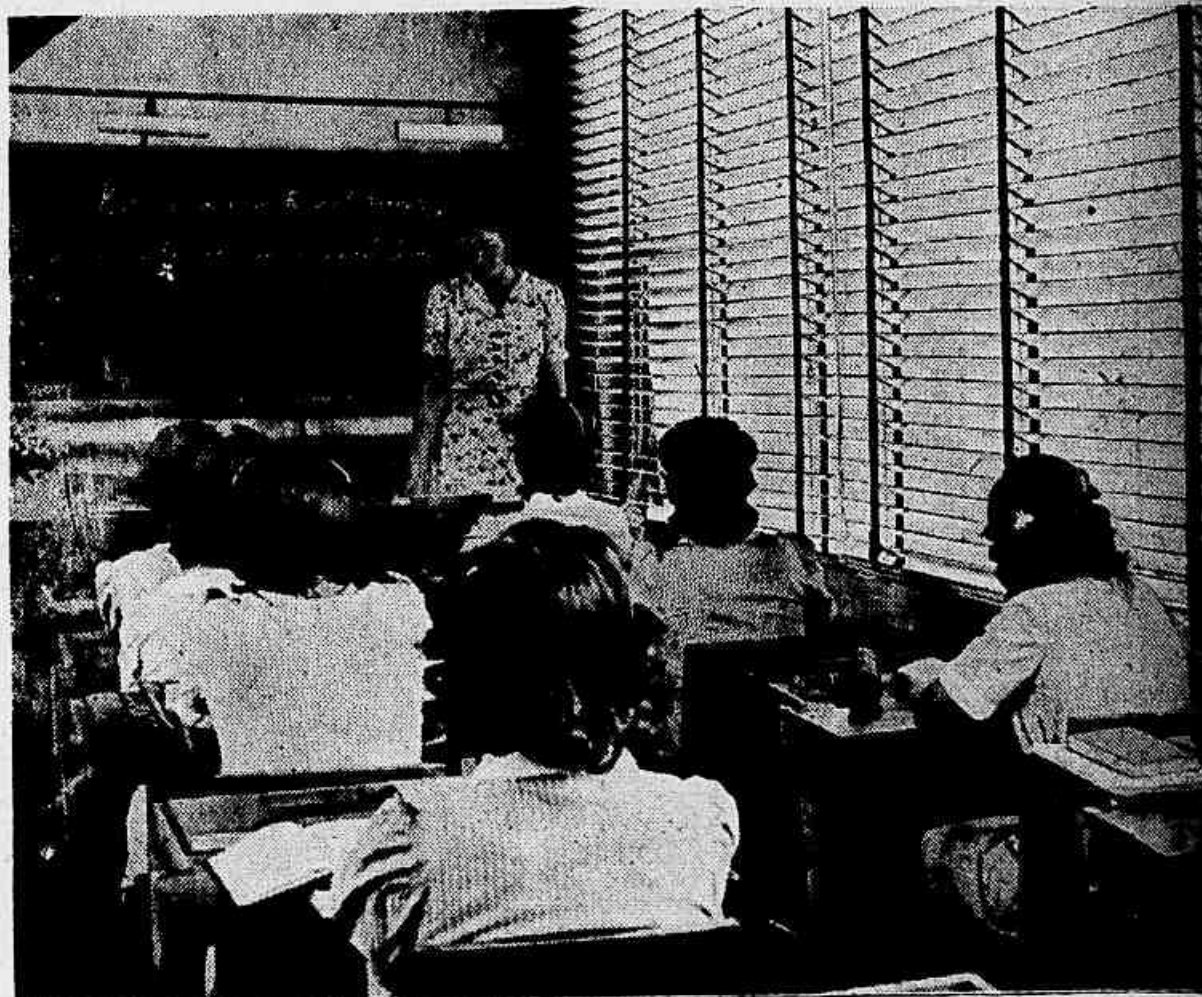
Biblioteca de Dounside, uma das mais famosas escolas públicas católicas da Inglaterra.



Uma escola pública inglesa: Cheltenham College.



Alunos de uma escola pública católica estudando zoologia num dos laboratórios do estabelecimento.



Uma aula na Richmond High School, para moças.

PRESENTE E PASSADO: UM CIGARRO E UMA PITEIRA

DE MARIA LUIZA

Em "Uma Velha Amizade", um dos mais belos filmes dos últimos tempos, tivemos ocasião de ver reunidas duas das maiores atrizes da arte dramática mundial: Bette Davis e Miriam Hopkins. A primeira representava a mulher moderna, com tôdas as suas características: independência, sinceridade, lucidez, naturalidade. A segunda simbolizava os defeitos da mulher que através dos séculos dominou o homem com os seus mimos de gata e seus caprichos artificialmente femininos. Ambas eram escritoras; Bette Davis, porém, representava uma escritora consciente e humana. Miriam Hopkins, a sub-literatura falsamente romântica e estéril. Até na forma de vestir e de fumar, essas duas mulheres, aparentemente modernas, souberam destacar a enorme distância psicológica que as sepa-

rava. Bette Davis, como é fácil verificar por essa fotografia, procurou modelos simples e esportivos e fumou, durante todo o filme, simplesmente, como qualquer homem, também moderno, sem empregar o artifício da piteira. Miriam Hopkins, ao contrário, levantou os cabelos, enfeitou-se de rendas, peles, joias, sedas caras e brocados antigos, não esquecendo a piteira, para completar o quadro da feminilidade à moda antiga.

E' assim que fazem as grandes atrizes, nos grandes trabalhos artísticos, pois não é possível criar uma personalidade sem destacar seus menores detalhes.





DYNAMOGENOL, restaura as energias do cérebro, dos músculos e do sangue fortificando e revigorando o organismo.

É o tônico de todos

DYNAMOGENOL

É um produto do

Laboratório Sian



Gaó o virtuoso do teclado

(Continuação na pag. 35)

Sul, bandeirante, seu nome foi lembrado para a direção artística da mesma, o que evidencia o seu completo conhecimento dos problemas musicais, a ponto de ser colocado num posto de responsabilidade, onde teve de arcar com a elaboração e organização, de "broadcasts" afim de que a novel emissora se impusesse ao arado público, o que conseguiu de modo satisfatório. Tanto assim, que quando a Cosmos foi anexada á Cruzeiro, Gaó passou a dirigir a ambas. Das emissoras paulistas, ele vem para uma "peérre" guanabarina, desfrutando ainda do cargo de diretor-artístico. E' nessa estação, a Ipanema, que durante o período carnavalesco, Gaó se recorda de Odemar Amaral Gurgel, o pianista de músicas clássicas, preparando um interessante arranjo, baseado na "Sinfonia Inacabada", ao qual deu o nome de "Rhapsódia mal começada". Este, representa o segundo arranjo inspirado em composições de mestres imortais, pois ainda no início de sua carreira, teve ensejo de preparar um "arranjo" extraído de "Thais", do genial Massenet, afora a composição "Brasil Antigo" composta de uma seleção de músicas nossas.

Deixando a Ipanema, rumo para Buenos Ayres integrando uma caravana composta de Raul Rolien, Conchita Montenegro e Joraci Camargo, afim de cumprir excelente contrato com a Rádio Belgrano que o co-

loca á frente de uma orquestra composta de 40 professores além de realizar audições em várias casas de espetáculos.

De retorno, recebe vantajosa proposta da Rádio Nacional, estreando ali com "Músicas modernas sincopadas". Depois desse "broadcast", lança "Blues Babies", com o concurso de Roxane, Dolly Enor e Silvinha Melo. E' curta, porem, a sua estadia no Rio. A Cruzeiro entrega-lhe novamente a direção artística. Sua estréia é feita com a revista de sua autoria "Ecos do Carnaval". Apresenta também a Orquestra Colúmbia, integrada por músicos de valor. E' nesse novo período de atividades que Gaó vem a esta Sebastianópolis, realizar uma temporada ao microfone da PRD-2 e da PRA-3. Obtem enorme sucesso, despertando de pronto o interesse de uma das "boites" cariocas que lhe faz uma proposta. Gaó volta a São Paulo para regressar no ano seguinte, já sob contrato de um cassino, onde vem a constituir uma das grandes atrações, como regente de um homogeneo "outfit" que acompanhou artistas de cartaz internacional, tais como Ilona Massey, a estrela do filme "Balalaika"; Tito Guizar, "astro" do cinema americano; Jean Sablon, cantor das "boites" parisienses; Pedro Vargas, intérprete da música mexicana e outros.

E' aí, nessa casa de espetáculos, que a Rádio Globo vai buscá-lo para dirigir as suas programações. Odemar Amaral Gurgel, mais uma vez volta ao rádio. Volta disposto a pôr em prática o seu largo tirocinio de músico honesto, competente e criterioso, que sabe tirar proveito do cargo que lhe é dado ocupar, a favor daqueles que buscam nas ondas hertzianas, alguma cousa de aproveitavel para a elevação espiritual.



3 RAZÕES PARA UMA SÓ ESCOLHA!

★ Quem exige um sabonete fino e de preço econômico - prefere o DORLY. Quem prefere um sabonete consistente e suavemente perfumado - usa o DORLY. Quem usa um sabonete de classe - escolhe também o DORLY, porque o sabonete DORLY - preço por preço é o melhor!

Sabonete DORLY

A VENDA EM TODO O BRASIL

R.F

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUANAMIDINA

**UM DESODORANTE
DE AÇÃO DUPLA**



**ARRID EVITA MANCHAS
E ODOR NAS AXILAS**

SEM IRRITAR A PELE

Arrid lhe oferece uma proteção dupla contra o odor desagradável do suor. Protege você contra o mau odor e a sua roupa, contra as manchas. Arrid é um desodorante de delicada fragrância, com a fina consistência de um creme de beleza. Desaparece instantaneamente pelos poros... produzindo efeito imediato. Com Arrid você pode ficar completamente despreocupada, e divertir-se à vontade, onde quer que seja — sem levar em conta o calor. Proteja sua beleza e encanto com Arrid... comece a usá-lo hoje mesmo. Extremamente econômico: Preço Cr.\$ 4,80 — Pote grande: Cr.\$ 9,50.

ARRID

O desodorante que mais se vende



Três esplêndidas caricaturas de gente de teatro, feitas por gente de teatro: Oscarito (Dercy Gonçalves, num divertido "travesti"); Odilon em "Cesar" (Francisco Moreno), e Jaime Costa na "Família Lero-Lero" (Manuel Vieira). Este é um dos momentos mais engraçados da revista carnavalesca "Momo na Fila".

Dama Antiga, outra composição de Dercy Gonçalves.

Tipos do Carnaval Antigo — o Índio, o Noivo e a Noiva, a Fada, o Bebê Chorão, o Doutor Burro e outras figuras que vão desfilando na peça, feita ao sabor das platéias populares mas rendendo tributo às coisas do Rio de nossos antepassados.



TIPOS POPULARES DE REVISTA

Em vésperas de Carnaval, mesmo quando tudo faz prever que a festa máxima do povo carioca será também, este ano, espontaneamente racionada, nossos teatros de revista, mantendo uma velha tradição, continuam apresentando peças onde impera "o reinado de Momo e Folia". Agora mesmo, Luiz Peixoto e Geysa de Boscoli assinam a revista "Momo na Fila", levada à cena em um dos mais antigos e históricos teatros da Cidade, o velho Recreio Dramático, hoje apenas Recreio. Uma sucessão de tipos e figuras populares de nossos teatros, caricaturados pelos seus colegas daquele elenco, desperta alguns momentos de hilariante bom humor na platéia. Dercy Gonçalves incumbe-se de imitar Oscarito, e o faz com rara felicidade.

Outros conhecidos artistas reproduzidos pelos seus colegas do Recreio: Procopio e seu nariz (Almeidinha), Beatriz Costa (Jujú Batista), e Ducina em "Cleopatra" (Zaira Cavalcanti). A "charge" à gente de teatro realmente faz sucesso. E os caricaturados são os primeiros a bater palmas, da platéia...



"O morro não desce para a cidade", uma "charge-fantasia". Gente das Favelas diverte-se lá mesmo, no alto, resolvendo as "paradas" de qualquer jeito mas sem disposição de baixar à Avenida. Salvo quando comparece ao clássico desfile dos blocos, na segunda-feira "gorda".





LINGERIE

- 1 — Encantadora camisa de noite em cambraia branca com bordados nas mangas, gola, cintura e barra da saia.
- 2 — Bastante "chic" é esta camisa de noite em seda branca, com ombros e mangas em renda.
- 3 — Combinação de seda guarnecida de rendas aplicadas com ponto de Paris.
- 4 — Camisola azul-celeste com rendas verdadeiras e fitinhas de veludo azul marinho.
- 5 — Combinação branca de seda mate enfeitada com viezes de setim rosa ou azul e "pois" da mesma cor.
- 6 — Combinação de setim lingerie com babados de tule plissado e aplicações de renda.
- 7 — Combinação de setim de corte original, enfeitada com folhas feitas do mesmo tecido.
- 8 — Conjunto de 3 peças em seda branca com incrustações de renda verdadeira. Na parte superior da combinação, bem como na barra da mesma e da calça, tule duplo.
- 9 — Conjunto de duas peças enfeitado com babadinhos do mesmo tecido e entremeios de rendas.

Duas peças em BRANCO



- 1 — Duas peças em seda branca. Gola e cinto com pespontos de diversas cores. Saia réta.
- 2 — Traje de corte clássico realizado em "shantung" branco. "Sinhainha" vermelho vivo e aplicações da mesma cor enfeitam o casaquinho.
- 3 — De corte elegante é este modelo de linho branco. Grandes botões e laços do mesmo tecido.
- 4 — Duas peças de "shantung" branco, com pregas horizontais. Botões dourados.
- 5 — Juvenil traje de verão em piqué branco. Aplicações em cores nos bolsos.
- 6 — Também em "shantung" branco é este modelo enfeitado com pespontos em cores.



Mrs. Ford e Falstaff em "As Alegres Comadres de Windsor".

Embora a Grã-Bretanha se orgulhe de proclamar Shakespeare como um dos grandes homens ingleses e, apesar de muitas das obras do poeta se passarem na Inglaterra, Shakespeare é verdadeiramente um grande homem internacional, sendo as suas peças representadas nos idiomas naturais da maior parte dos países do mundo. Mesmo quando a magnífica beleza do seu trabalho sofre com a tradução, permanece nele um grande surto de emoções humanas. Shakespeare foi um mestre supremo da sua própria língua, e no entanto a sua linguagem não constitui uma barreira.

E' esse o motivo por que o poeta vive em Stratford-on-Avon. A cidade e o teatro que lhe foram dedicados não são visitados unicamente pelos seus compatriotas, pois ali se encontram estrangeiros vindos de todas as partes do mundo. Mesmo durante a guerra Stratford é visitada por norte-americanos, franceses, tchecos, poloneses e homens dos Domínios e colônias britânicos, quase todos em uniforme. Vagueiam pelas ruas e entram nas casas — das quais as principais foram declaradas públicas — e os que chegam no verão aguardam o Festival de Shakespeare.

Esse festival — já realizado pela quinta vez durante a guerra — é celebrado no novo e magnífico Memorial Theatre, à margem do rio. Quando se considerou a construção do edifício, efetuou-se uma competição para decidir sobre a arquitetura. O vencedor foi Miss Elizabeth Scott, e o teatro hoje existente é de sua construção. E' um edifício amplo e bem proporcionado, desenhado à maneira moderna e edificado com tijolos vermelhos. Não foi efetuada nenhuma tentativa para seguir a tradição da arquitetura da época da rainha Elizabeth, o que teria parecido artificial e pretencioso. O edifício, com as suas belas linhas, entretanto, harmoniza-se com a cidade e os seus arredores, e está magnificamente equipado. Foi inaugurado em 1932, sendo provavelmente um dos teatros mais bem equipados no mundo.

Do ponto de vista espectadores, o teatro é dos mais satisfatórios — não há um só lugar incômodo no seu recinto. De todos domina-se perfeitamente o palco. Os atores representam num palco amplo, dispoendo de ótimos camarins, com o aquecimento necessário em tempo frio. O jogo de cenários torna-se fácil devido a um esplêndido maquinismo de controle.

Na época do festival é costume representar um repertório completo das obras de Shakespeare (especialmente "Hamlet", com uma brilhante representação em 23 de Abril). São igualmente representadas certas obras de outros autores dramáticos da época elizabetiana, como Ben Johnson ou Marlow, sendo todos os espetáculos muito concorridos. Era costume, em tempo de paz, os amantes do bom teatro passarem os fins de semana em Stratford durante a estação do festival, costume esse que continua e é uma das poucas excursões praticáveis em tempo de guerra.

Há na cidade uma bela igreja antiga, mais antiga do que a maioria dos outros edifícios. E' a Igreja da Santíssima Trindade, onde está registrado o nascimento de Shakespeare e onde o poeta foi enterrado. Junto ao túmulo,

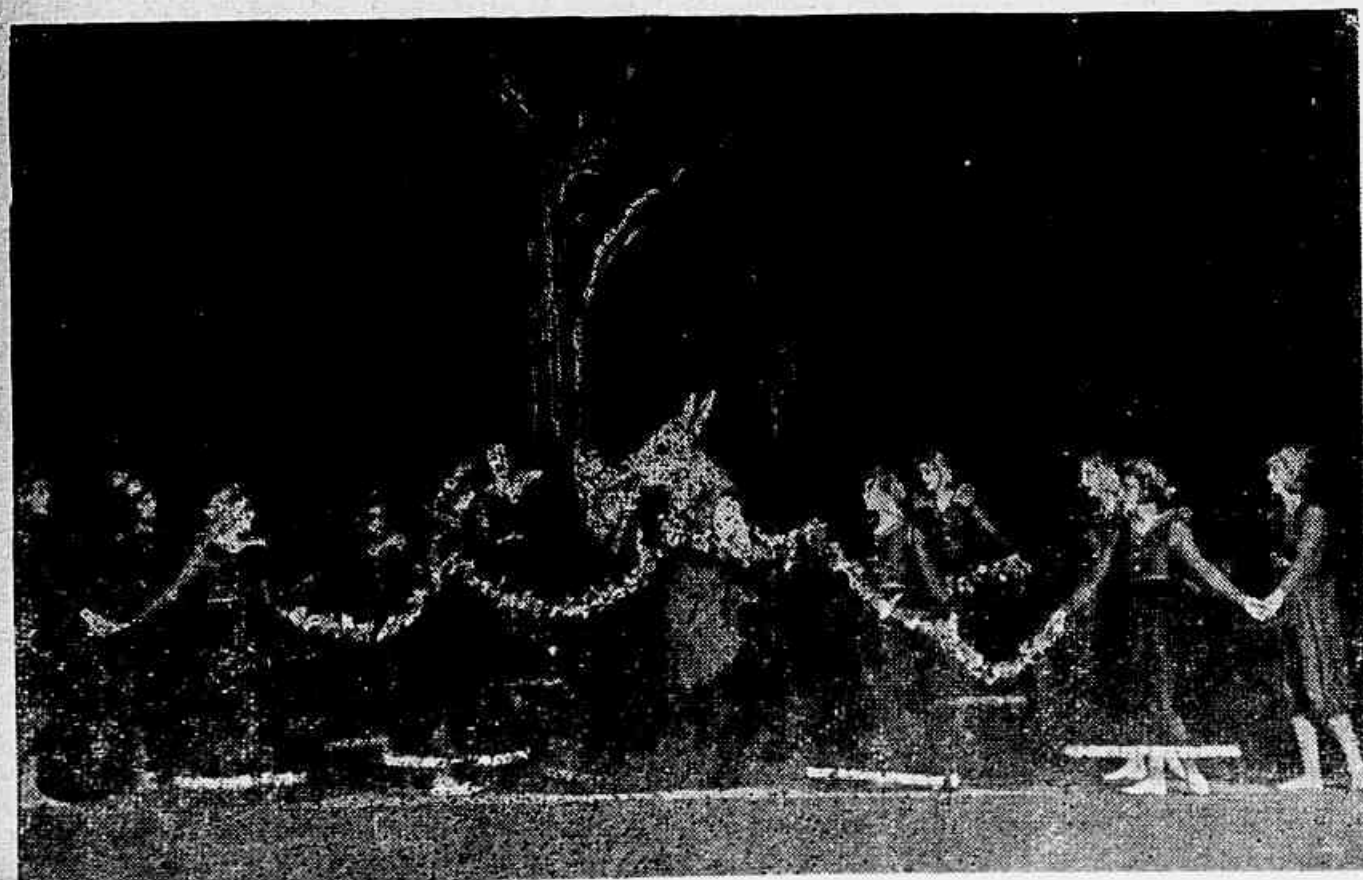
Stratford-on-Avon, a cidade de Shakespeare

Quase no centro da Inglaterra, na linda região do Warwickshire, fica a pequena cidade de Stratford-on-Avon, atravessada pelo largo rio Avon. Ali Shakespeare nasceu,

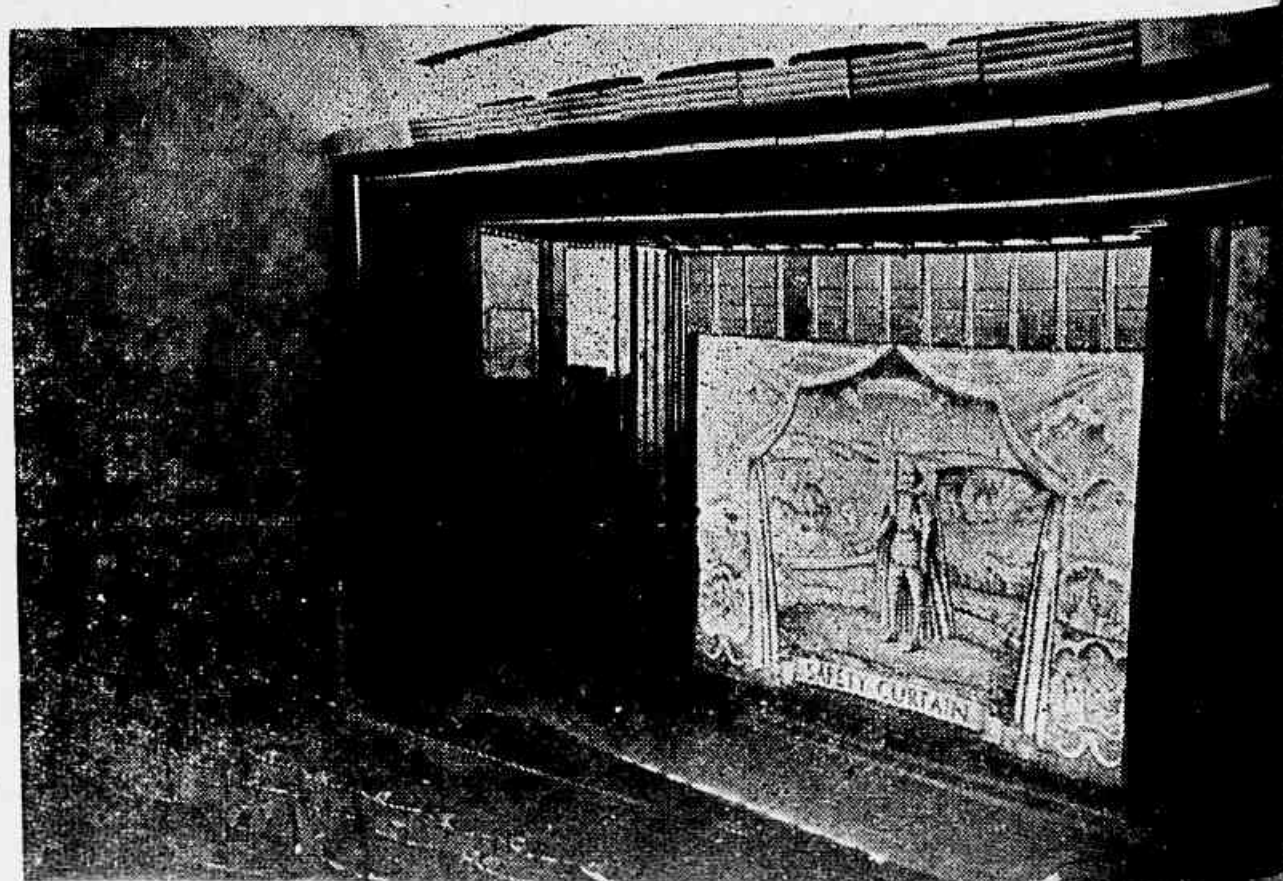
viveu e morreu. Desposou Anne Hathaway, nascida num "cottage" perto da cidade, e adquiriu para si uma bela vivenda — "New Place".

no chão de pedra, há uma simples placa ao lado da qual o povo deposita flores, em que se lê: "Túmulo do poeta William Shakespeare, A. D. 1616".

Uma cena de "Sonho de Uma Noite de Verão".



Cortina de amianto do palco.



BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÉ AS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

O carrasco não espera

(Continuação da pag. 34)

— Não sei. Francamente, não sei.
— Mas, como foi o caso?
— É um caso complicado. Se, ao menos, ele deixasse de dizer que não se lembra...
— Não se lembra de que?
— Ah! É que está. Não se lembra de nada. Amnésia total.
— Mas não há uma lei que proíbe que uma pessoa atacada de amnésia seja julgada e sentenciada?
— Há, porém, quando se está certo de que esta pessoa realmente tem amnésia...
— Mas, então...
— O médico disse, no seu parecer, que a amnésia dela era puramente fingida...
— E então...
— O juiz ordenou que se julgasse. Ainda assim, ela não teria sido condenada à morte se não fosse a natureza do crime...
— Não me diga que cortou o noivo em pedacinhos!
— Não. Mas matou-o de uma maneira particularmente cruel. Ele tinha evitado as vistas, quando ela disparou o revólver e, então, ele ainda pediu clemência...
— Mas eu vejo que até agora você só me contou uma outra particularidade. Vamos proceder com ordem. Conte-me tudo, desde o início e — quem sabe? — duas cabeças juntas...
— Pois bem, vou contar.

Helen Barton era uma moça pobre. Muito jovem ainda, morreu-lhe o pai e a mãe lutou com muitas dificuldades para dar à filha a educação que ela merecia. Quando a moça completou dezoito anos a mãe também faleceu, mas ela, apesar de só no mundo, tinha uma boa educação e obteve, facilmente, um emprego. Aos vinte anos, ficou noiva de Philip Gale, o carneiro preto de uma distinta família. Todos a avisaram a tempo que ia ser infeliz e que ele, mais cedo ou mais tarde, haveria de abandoná-la. Mas ela não quis dar ouvidos a ninguém. Muito pelo contrário: cortou relações com várias pessoas somente por causa de Philip. Mais tarde, quando o dia do casamento já estava marcado e ela se preparava para mostrar a todos que se haviam enganado, recebeu uma carta lacônica do noivo desmanchando o noivado sem uma explicação. Philip arranjara uma viúva muito rica que estava louca por ele, e, naturalmente, canalha como era, achou mais proveitosa a situação que a oferecia a outra. Assim, desmanchou o noivado. Mas Helen não sabia disso. Recebera somente a carta e recusara-se a acreditar no que ela dizia. Foi à casa de Philip para falar com ele. E' conveniente explicar, aqui, que Philip tinha um irmão, Herbert, completamente diferente dele, um rapaz honesto, trabalhador, muito conceituado na cidade. Pois bem, quando Helen chegou na casa de Philip, ele estava esperando a outra. Houve uma alteração que os criados ouviram. Quando Herbert ia chegando na casa do irmão e entrando na sala em que ele se achava com Helen, esta acabava de matá-lo. Herbert ainda

chegou a tempo de presenciar o crime, mas não de evitá-lo.

— E, com estas provas, condenaram-na?
— Que mais era preciso? Tínhamos uma testemunha do crime...
— E que disse ela em sua defesa?
— Nada.
— Nada? Mas alguma coisa...?
— Fingiu que tinha perdido a memória e foi isso que acabou de convencer o júri.
— Mas...
— Não havia dúvida. A bala atravessou o paletó, o colete e a camisa entrando no coração, em linha reta...

— E suponhamos que agora, ela recupere a memória; que dirá?

— E' isso que eu queria saber... Mas é impossível. Faltam poucas horas para a execução e ela...

Nesse momento, ouviu-se um barulho de vozes no corredor e a carcereira entrou, nervosa e com os olhos muito arregalados:

— Dr. Andrews! Dr. Andrews! Ela recuperou a memória! E diz que é inocente! Ela diz que é inocente!

O diretor ia sair, imediatamente

para correr à cela da moça, quando uma guarda aproximou-se.

— Eu queria falar com o senhor, Dr.

— Que há? Diga depressa que eu tenho uma coisa muito urgente a fazer.

— Bem, eu queria avisar ao senhor que...

— Vamos falar...

— Eu posso falar na frente desse senhor?

— Claro! Diga!

— Bem, há alguma coisa de suspeito aqui, hoje. Receio que estejam planejando alguma fuga...

— Uma fuga? Como?

(Continua na pag. 52)



Novo e Moderno Leite de Beleza LALIQUE

Base para o "Make-Up" à Hollywood

Para aplicação no Rosto, Colo, Braços e PERNAS

LALIQUE apresenta o seu novo e moderno Leite de Beleza — base indispensável para um "Make-Up" perfeito; — não engordura nem resseca a pele, devendo ser aplicado leve e uniformemente

com uma pequena esponja ou mecha de algodão. Esta aplicação, que se mantém inalterável por longas horas, deve ser feita sempre de cima para baixo e nunca em sentido contrário, ou circular.

Leite de Beleza LALIQUE



Nas cores:

- ★ Clara
- ★ Morena
- ★ Ocre
- ★ Bronzeada
- ★ Praiamar
- ★ Hawaiana



DR. A. MENDES MONTEIRO
OBESIDADE, MAGREZA E
ENXAQUECAS — REGIMES
ALIMENTARES
2.as, 4.as, 6.as, das 14 às 19 horas
Rua Senador Dantas, 20 —
salas 1.306/9 — Fone: 22-1776

À VENDA EM TODO O BRASIL



O REGULADOR SIAN é o melhor remédio, que eu conheço, para todas as doenças, próprias da mulher, como sejam as regras dolorosas, escassas ou excessivas

REGULADOR SIAN

É um produto do
Laboratório Sian

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
À VENDA EM TODA A PARTE

SAIAS E BLUSAS

Cabelos Brancos??
Escurecedor Discreto
Informações:
Rua Flack, 163-Blo. T. 29-2840
OLEO — LOÇÃO



- 1 — Blusinha de cambraia com gracioso "jabot" que tem na ponta uma rendinha.
- 2 — Blusa de seda com quatro bolsos de grande originalidade.
- 3 — Sália esportiva com prega funda e dois grandes bolsos.
- 4 — Sália de seda preta com recôrtes terminando em pregas.
- 5 — Sália de lã ou linho com bolsos sobresalentes.

CORTE E COSTURA

Aprenda pelo método moderno POR CORRESPONDÊNCIA, o Curso completo de Corte e Costura. Estude em sua própria casa, nas horas livres, sem deixar suas ocupações habituais.

Em pouco tempo e com poucos gastos, será uma excelente modista, perfeitamente preparada para fazer qualquer trabalho nessa profissão.

GRATIS

Cada aluna receberá:
Figurinos da última moda - Carteira de identidade - 100 cartões de visita - Serviço especial de consultas sobre o curso.

MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS

ENVIE-NOS HOJE MESMO O COUPON ABAIXO

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

CAIXA POSTAL, 5058 - SÃO PAULO

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS E SEM COMPROMISSO, o folheto e as informações completas sobre o Curso de Corte e Costura.

235

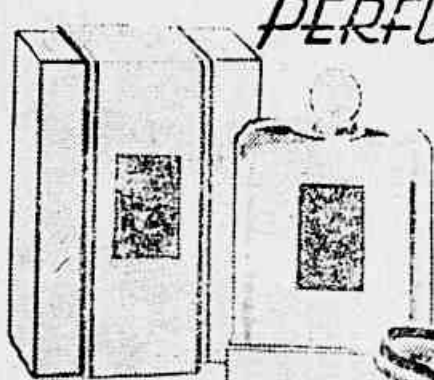
Nome _____

Rua _____ N.º _____

Cidade _____

Estado _____

UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES



PERFUMES

BELLES FLEURES
MUSGO CHINE

05

DE RADIO

Euterpe está zangada

Sucedeu alguma coisa no Parnaso... Euterpe deixou o ambiente sossegado das musas para se espalhar nas mesas de redação de um jornal carioca, dizendo cobras e lagartos de seus colegas versejadores e musicistas... Estofou o peito como qualquer lutador de catch as catch can, mandou passear a fraqueza e, esquecida das pautas musicais, dos minutos de inspiração fecunda e da cobrança do direito autoral, deitou por terra todos os deuses do Parnaso, sem o menor respeito às divindades de barro que alguns cantores veneram e várias fábricas de discos protegem... Ela sentiu-se humilhada quando pela primeira vez teve de bater às portas de uma "pêerre" para deixar um disco e recebeu o severo fogo de barragem do discotecário, sempre amigo dos que lhe garantem uma gravata... Euterpe está zangada. Zangadíssima. Nunca poderia imaginar que o ingresso no Nice representasse alguma coisa de fenomenal, capaz de levar o sujeito ao píncaro da glória ou ao lugar comum da mediocridade, por isso ela não procurou fazer cabala para colocar seu trabalho em lugar de destaque; não foi solicitar a um "medalhão" que desse o sopro da existência à sua composição, nem mesmo cuidou de adquirir algumas gravatas para distribuir com os deuses das discotecas... Euterpe falhou julgando que o Parnaso tivesse uma sucursal ali na Avenida Rio Branco, bem juntinho de duas emissoras... Como qualquer sêr extraordinário, assumindo um "aplomb" capaz de deixar tonto o seu colega Apolo, ela transpôs os umbrais do importante centro de reuniões melodiosas e deglutição de preciosas rubiáceas, sentou-se com toda a pompa de uma figura do Parnaso, chamou o garçon com um ar pouco cerimonial, mandando trazer um copo de água gelada, e deu início à leitura de um jornal de modinhas, órgão oficial da classe. Conhecedora perfeita de todos os sistemas métricos existentes na escala decimal, Euterpe achou graça nos versos ali estampados, provocando a indiscreção de vários compositores, que no momento estacionavam pelas mesinhas do café à espera de que a inspiração surgisse... Nasceu, então, o bate-boca inevitável, pois a representante do Parnaso, sem desejar entregar os pontos, rebateu tudo quanto lera no tal órgão, crente de que da discussão nascesse a luz... Sem conseguir convencer os seus antagonistas, que afirmavam estar ela metendo a mão em cerca de arame farpado, Euterpe retirou-se do cenáculo sambístico com suas "frevo... lidades", consciente de ter prestado à música popular brasileira um inestimável serviço, com a entrevista concedida a um órgão da imprensa carioca.

Euterpe brigou à vontade. Com seu alfanje de cortar papel, ela provocou maior estrago do que qualquer samurai com sua adaga afilada. Fez ferver o Nice com suas palavras, deixando em xeque muito "astro" de primeira grandeza. Parece até que — o Carnaval está aí! — essa deusa tão corajosa outro não é senão Júpiter fantasiado de representante da Música.

Ah! Se aparecessem outras Euterpes, quanto compositor entregaria os pontos...

Subst.

ALÔ... ALÔ...

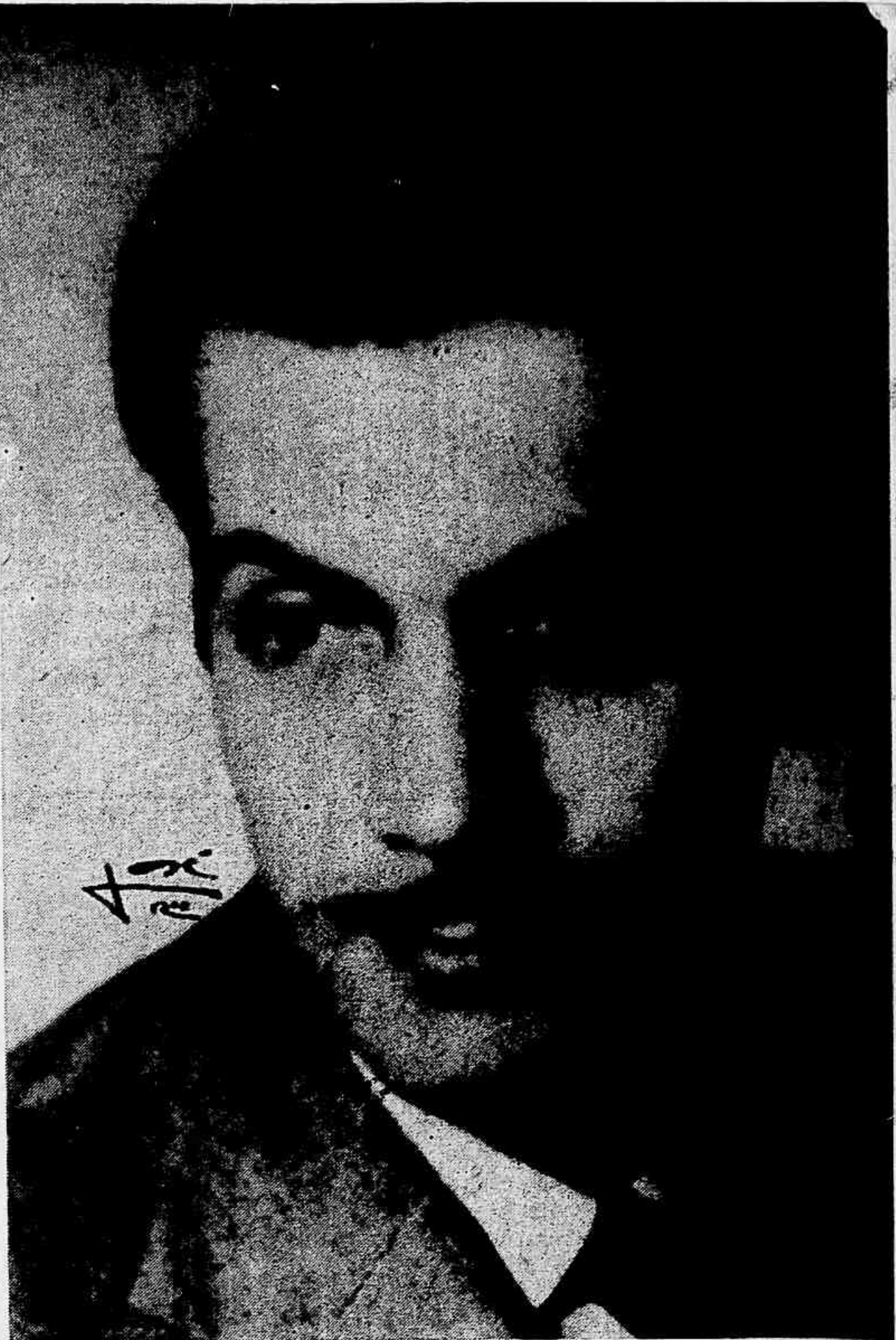
Amália Rodrigues, festejada intérprete da música portuguesa, que tanto sucesso alcançou em nossa terra quando de sua apresentação ao microfone da Rádio Globo, segundo telegramas que nos chegam de Lisboa foi contratada para fazer uma película. Trata-se da imortal obra de Júlio Dantas, "A Severa", que será filmada em technicolor.

Luiz Tito, recém-chegado de São Paulo, onde trabalhou na Companhia Dulcina-Odilon, estará hoje ao microfone da E-3 concedendo interessante entrevista a Cine Rádio Jornal.

Linda Batista, Jorge Tavares e os Pás Douradas dançarão logo mais o frêvo, no auditório da Tupi. Nessa mesma ocasião será inaugurada no hall da emissora associada uma exposição sobre os motivos coreográficos dessa composição pernambucana.

Mario Lago, autor de tantas composições de sucesso e teatrólogo consagrado, após uma temporada ao microfone da Panamericang, vem de transferir-se para a Nacional, onde trabalhará no seu "cast" radiatral.

Zezé Fonseca, uma das mais completas rádio-atrizes do "broadcasting" carioca, ora integrando o "cast" da emissora de edifício sul-riograndense, está vivendo com muita propriedade o papel feminino do programa "Casal de Bicudos", escrito por Sílvia Autuori.



URBANO LOES, locutor sóbrio, animador moderado e um bom radiator da família mairinquiniana.

FERNANDO BOREL, astro do cinema argentino e intérprete perfeito das melodias hispano-americanas, é o novo cartaz internacional da Rádio Globo.



O Carrasco não espera

(Continuação da pag. 49)

— Há um camarada lá no portão do presídio...
 — Você não avisou que é proibido ficar parado perto do portão?
 — Avisei.
 — E então?
 — Então ele começou a andar para cima e para baixo e eu não posso impedir que desça e suba a rua quantas vezes quiser...
 — Como é ele? E' algum conhecido?
 — Não parece cúmplice de nenhum dos prisioneiros. Está muito bem vestido, de smoking, sobretudo, cartola e cache-col de seda. Tem também uma bengala.
 — Bem. Não o perca de vista. Eu tenho uma coisa mais urgente a tratar. Se ele fizer alguma movimento suspeito mande chamar os guardas, e prenda-o.
 — Sim, senhor.

A moça olhou para o diretor, e disse:

— Acredito que o senhor não esteja contra mim.
 — Então por que se obstina em não falar?
 — De que adianta?
 — Poderá ser suspensa a execução.
 — Não me acreditarão. E minha palavra contra a dele.
 — Ele quem?
 — Herbert. Ele inventou toda essa história que o senhor me contou. Eu cheguei à casa de Philip. Encontrei-o morto, caído no chão. Depois, senti um golpe na cabeça e desmaiei.
 — E' só isso de que se lembra?
 — Sim... E juro-lhe que é a verdade.
 Dr. Fell que ficara mais para trás avançou e disse:
 — Miss Barton, eu acredito!
 Ela deu-lhe um olhar de agradecimento. Mas as esperanças eram poucas...

Era o guarda, novamente. O diretor perguntou:
 — Que há?

— Aquele camarada do portão...
 — Sim...
 — Prendi-o.
 — Ele fez alguma coisa?
 — Bem, ele tornou a parar diante do portão, depois empurrou a grade como se quisesse forçá-lo, em seguida tentou escalá-lo.
 — Ele sabia que você estava espiando?
 — Não. Eu tinha me escondido.
 — Traga-o para aqui.

Um rapaz de boa aparência, elegantemente vestido entrou, seguido pelo guarda:
 — Boa noite Dr. Andrews.
 — Mr. Gale!
 — Eu mesmo. Quer ter a bondade de dizer ao guarda que me retire as algemas?
 — Pois não. Ora essa! Que coisa! Guarda! Solte esse cavalheiro.
 Mas Fell interveiu:
 — Um momento!
 — Que há?

CABELO BRANCO?
LOCÃO
Brilhante

— Você vai soltar este honer sen-
 lhe fazer algumas perguntas?
 Andrews pareceu ficar contrariado.
 — Mas, afinal de contas, deve haver uma explicação muito simples do procedimento de Mr. Gale...
 Herbert Gale falou:
 — Espero que não me julguem sanguinário. Mas eu queria a todo o custo assistir à execução daquela moça. E não era permitido... Afinal de contas eu sou humano e vi meu irmão ser assassinado com as mãos levantadas, pedindo piedade!
 Andrews franziu as sobrancelhas:
 — Compreendo, mas o senhor deve saber que isso é muito irregular e as execuções não são públicas...
 Fell tornou a interromper.
 — Peço licença para dizer mais um coisa...
 — Pois não.
 — Mr. Gale sabe que, se conseguirmos provar que mentiu, seu testemunho não terá valor, mesmo que tenha mentido num detalhe?
 Herbert encarou-o, espantado.
 — Ela já foi julgada...
 — Ainda há um recurso... O perdão do rei...
 — Mas, para isso, são precisas provas.
 — Sim, e eu tenho as provas.
 — Desafio-o a mostrá-las!
 — O sr. afirma que seu irmão estava de mãos levantadas como quem se rende?
 — Sim.
 — E afirma que a ré matou-o assim?
 — Sim.
 — Nesse caso, mente.
 — Como?!
 — Seu irmão não estava de colete?
 — Sim.
 — E o senhor não reparou que, quando uma pessoa levanta os braços o colete levanta mais do que o paletó e a camisa? Como explicar então que a bala tenha penetrado em linha reta?
 — Oh!

Como lhe disse, senhores, o motivo do crime eu não averigui. Mas, de qualquer forma, interessa-nos a história de Helen Barton e não do seu futuro — cunhado-assassino Herbert Gale...

CUTIS
CANSADA

e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo

Em passeios
ao sol

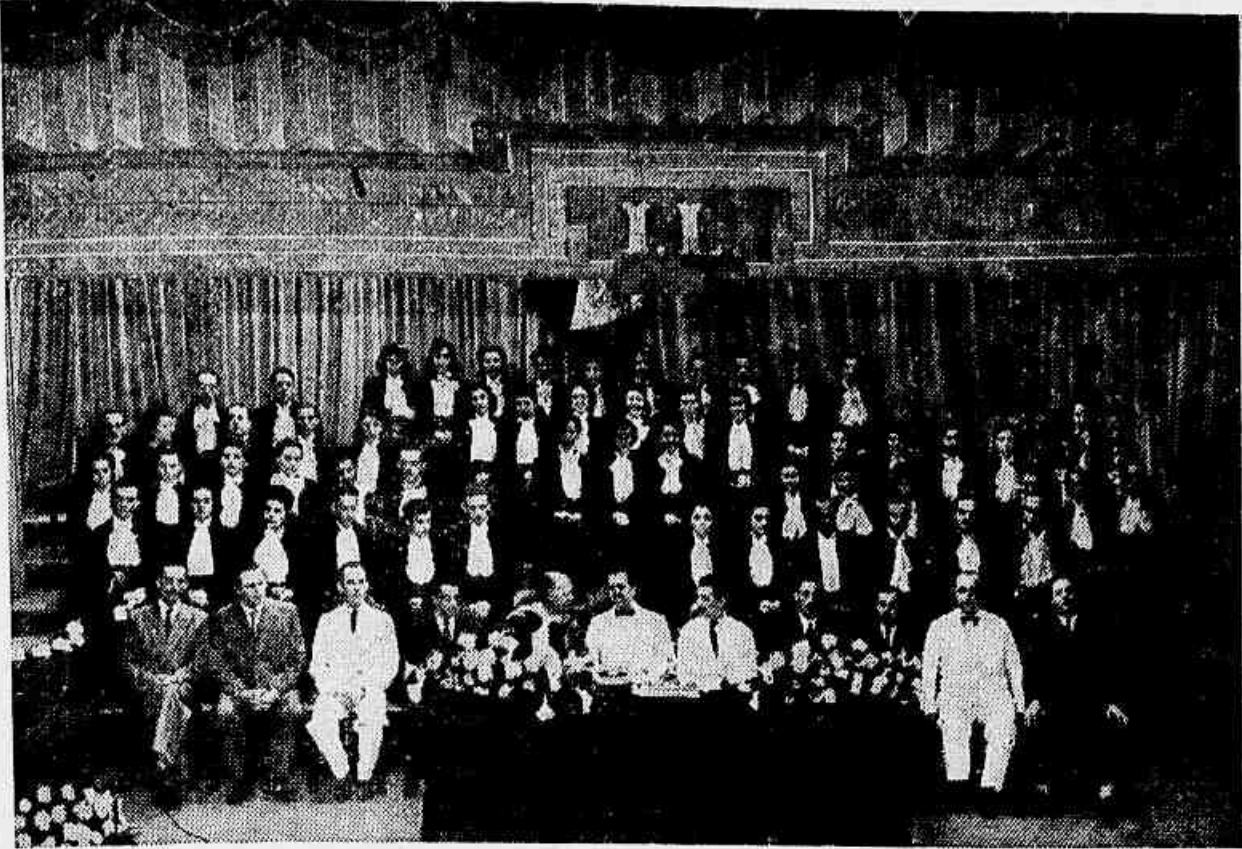
ÓCULOS ESCUROS

para os olhos...

LEITE DE COLONIA para sua pele!

Renove o prazer de viver praticando sports e realizando passeios ao ar livre... Mas proteja sua delicada epiderme, afim de evitar o aparecimento de sardas e manchas. Antes de sair, e assim que regressar ao seu lar, faça uma aplicação de Leite de Colonia sobre o rosto, colo e braços. Filtrando os raios solares, Leite de Colonia protege sua pele e aumenta sua suavidade e seu fascínio. Leite de Colonia limpa, rejuvenesce e amacia a pele! Use-o sempre!

Leite de Colonia



Aquela solenidade do Instituto La-Fayette marcou uma fase da Pedagogia no Brasil. Era a colação de grau das primeiras turmas de bacharéis da Faculdade de Filosofia deste conhecido instituto de ensino.

E em lugares de destaque, em arquibancadas, lá estavam as turmas de Matemática, de Física e de Filosofia, à direita; e as turmas de letras clássicas, néo-latinas e germânicas, à esquerda da turma de História e Geografia.

O professor La-Fayette Côrtes mostrava-se confiante naquela noite de gala. O Instituto La-Fayette obtinha mais uma grande vitória no terreno das iniciativas pedagógicas, tão necessárias ao Brasil na atualidade.

Presidindo à solenidade, via-se o representante do Presidente da República, dr. Geraldo Mascarenhas, pessoas gradas, o Inspetor Federal, membro do Corpo Docente, representantes do ministro da Educação, Corpo de Bombeiros, Departamento Nacional da Educação e de outras autoridades.

Foi uma festa agradável aquela. Elegante e heráldico, o discurso do orador da turma, diplomando Mário Newton de Figueiredo; conciso e sóbrio, o do paraninfo, professor La-Fayette Côrtes, que mereceu da seleta assistência aplausos prolongados.

As fotos aqui reproduzidas mostram os bacharelados em sua arquibancada de honra e um aspecto da festa quando falava o orador da turma, Mário Newton de Figueiredo.

O Seringueiro

(Continuação da pag. 31)

nenhum dos dois tinha coragem de confessar ao outro.

VI

Qual dos dois falou primeiro, não se poderia, talvez, descobrir. E ainda menos o que teria primeiro lembrado ao outro o insulto que constituía, perante Deus, a presença, ali, daquele estranho, tão despreocupado e tão rico, precisamente no dia em que eles, tendo perdido todos os haveres, representados pelo gado morto de sede e pelo rogado destruído na fogueira do sol inclemente, pretendiam abandonar, a pé, aquelas terras adustas, afim de se irem unir em Sobral aos milhares de retirantes que viviam da caridade pública. A verdade é que, cerca de meia-noite, quando se não ouvia na cabana escura senão o roncar compassado do viajante e, lá fora, em torno à casa, o chocalho dos animais por ele trazidos, os dois, marido e mulher, penetraram, pé ante pé, na sala pequena. Um baque surdo e fôfo, um gemido abafado, um barulho de líquido em jorro, estremecimentos de um corpo que cessa de viver, e foi tudo. Minutos depois a enxada do antigo lavrador cavava, na escuridão da noite, atrás do curral vazio, uma cova estreita e rasa. E nela desaparecia, para sempre, com a rede em que adormecera, o parvoara feliz. Tiradas as peias dos animais, foram estes espantados para longe, afim de faltar suspeitas, se estas surgissem. Acesa uma vela de carnaúba, contaram os dois, de mão sôfregas, no interior da casa, o dinheiro encontrado nos bolsos do assassinado. Havia quatro contos e duzentos mil réis.

— Vamos ver a bagagem — convidou o marido, com tremores na voz, como quem começa a despertar de um sonho terrível.

Abertas as malas foi examinado, às pressas, o que nelas havia. Cortes de chita, espelhos, anéis, broches baratos, vidros de perfume, pentes, miudezas para presentes humildes. E latas de conserva e doces. E roupas novas, algumas não vestidas ainda. De repente, no meio de tudo, um papel, uma conta, que talvez esclarecesse a identidade do morto.

— Lê tu, que sabes — pediu o caboclo, passando a conta à mulher.

A sertaneja soletrou o primeiro nome. Soletrou o segundo até o meio. Os lábios tremiam-lhe, como uma flor murcha acossada pelo vento. O papel caiu-lhe da mão, e a vela depois, apagando-se. E foi no escuro que ela, o estupor estampado na face, se atirou ao pescoço do companheiro.

— Vicente, meu marido da minha alma! — exclamou.

E agarrada ao espóso, num grito de desespero, os olhos escancarados na treva:

— Era... meu irmão...




50 Anos

A SERVIÇO DA EUGENIA E DA BELEZA!

QUANDO VOCÊ, consumidor brasileiro, adquire hoje um produto Gessy, você sabe que está adquirindo um artigo de qualidade superior, criado em fábricas brasileiras que constituem a maior e mais importante indústria do gênero existente no Brasil e no continente sul-americano!

Esse artigo, porém —, quer seja o creme dental, o sabonete, os perfumes, os sabões ou os vários produtos de toalete —, não representa, apenas, uma marca que se impôs no mercado nacional por sua alta qualidade e sua pureza garantida. Ele representa, mais do que isto, um exemplo da capacidade industrial brasileira, que soube transformar uma pequena saboaria, fundada em 1895, na grande

indústria dos nossos dias. Nesse meio século de trabalho, a capacidade de produção da Gessy elevou-se de 100 quilos de sabão por mês, para mais de dois milhões de quilos! E, ao sabão, foi adicionada toda uma série de produtos de beleza que asseguram a higiene, a saúde, a eugenia, de milhões de brasileiros.

A pureza de cada um desses produtos é assegurada por laboratórios próprios, que controlam desde a água e a matéria prima consumidas, até o produto final, através de sucessivos e rigorosos testes. Por isto, quando você adquire um produto Gessy, sabe que está adquirindo um produto brasileiro da mais alta qualidade e da mais absoluta pureza.






Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais completo para higiene e conservação dos dentes.



- 1 — Para a praia, conjunto original composto de short em setim preto e casaco de linho rosa de linhas retas e bolsos pespontados.
- 2 — Vestido em algodão ou seda, com "pois". Bolsos em feição de envelope na saia.
- 3 — Modelo graciosíssimo. Saia ampla com dois bolsos verticais. Blusa listrada, sem gola, fechada por tres botões.
- 4 — Duas peças em "shantung". Gola listrada.
- 5 — Vestido para a tarde em seda branca com grandes pastilhas verdes.



BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE

Dra. HELENA N. DAHER
CLINICA DE CRIANÇAS
Avenida Copacabana, 209
Apart. 704
TELEFONE 27-0252

Mmes. Eva e Sylvia

JUNGERMAN COSTA
(Ex-auxiliares de Mme. Campos)
no seu INSTITUTO DE BELEZA
Rua Ouvidor, 138-1.º — Tel. 42-8775
Insc. S. N. F. M.



Modas

incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO • RIO

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

COMO SE EDUCAM OS MENORES NA INGLATERRA

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 40)

No concernente aos adultos a autoridade de educação local fornecerá facilidades para instrução em horário integral ou parcial, bem como para as suas atividades culturais e recreativas nas horas de lazer. Essa disposição inclui a educação vocacional.

São essas as disposições principais de lei, sendo que o ministro terá igualmente poderes para elevar o padrão dos locais escolares, reduzir o tamanho das classes, determinar os métodos de recrutamento, o treino, os vencimentos e o estatuto profissional dos professores.

Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL
REGULA!

NOTA ELEGANTE

Realizou-se, no dia 15 do corrente, nesta Capital, o enlace da sta. Hilda Pereira da Silva, filha do sr. Demetrio Pereira da Silva, e de D. Laura Pereira da Silva, com o Dr. Aloysio Silvino Pereira, filho da viuva Manoel Coelho Silvino.

No ato civil serviram como padrinhos da noiva o sr. Raymundo Silvino Pereira e D. Minervina Silvino Pereira e do noivo o sr. Amaro Silvino Pereira e D. Maria Helena Moura Silvino.

A cerimonia religiosa foi paraninfada pelo sr. Severino Pereira da Silva por parte da noiva; e pelo Sr. Demetrio Pereira da Silva e D. Laura Pereira da Silva por parte do noivo.

O enlace foi assistido pelos elementos mais representativos da nossa sociedade, onde as famílias dos nubentes gozam de ampla estima e consideração.

A benção nupcial foi dada pelo arcebispo metropolitano D. Jayme Camara.

A noite, os pais da noiva ofereceram em sua residência elegante recepção, com a qual comemoraram a passagem de suas bodas de prata, que também transcorreu naquela data.

O General Batista no Rio

(Continuação da pág. 21)

aeroporto, porque os jornalistas tomam de assalto ao seu hóspede e o crivam de perguntas, algumas, francamente, não muito discretas... Batista é habilidoso: lança mão de hábeis e sutis escapadas, resvala para a direita, pula para a esquerda e agrada à maioria com suas respostas. O homem é mestre, nem do contrário teria ficado tanto tempo no governo...

De lado, procuramos observá-lo melhor. E' sempre um material novo e precioso para dissecar, quando nos defrontamos com um cidadão que logrou fugir do lugar comum e impor-se a um povo, mesmo sofrendo fortes oposições, como no caso do ex-presidente da Pérola das Antilhas. Procuramos, naqueles escassos minutos, descobrir o verdadeiro Batista, o que não esleja amarrado às convenções das frases

gentis, e descobrimos, ou pareceu-nos descobrir, ligeiros fluidos de um olhar mais penetrante, com qualquer coisa de desconfiança, enquanto escuta as perguntas mais audaciosas ou enquanto pensa o que deve responder. Mas responde sempre e sem reservas, ao menos aparentemente. Faz o elogio da função do jornalista; lembra o que realizou pela classe, durante o seu governo, e lamenta não ter sido também homem da pena, ao contrário dos homens públicos que se ufam de já ter exercido a profissão. Mesmo quando foram nada mais que oportunos colaboradores políticos no início da carreira.

Seu olhar, suas inflexões denunciam vestígios muito mal disfarçados do índio. E que é, na realidade, o ex-presidente cubano, senão um autêntico índio, com todas as características? Ele há de confiar desconfiando sempre, à maneira de Floriano. Seus indícios de energia apare-

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

cem mesmo de relance, no modo de morder os lábios, de curvar a cabeça fitando o conteúdo da taça, e desviando muitas vezes o olhar do seu interlocutor. Porque os olhos não servem de espelho da alma apenas para inspirações poéticas...

E a entrevista coletiva termina. Moses já fez, nessa altura, uma advertência de amigo ao visitante: — "Cuidado, cuidado com essa gente, muito boa mas muito perigosa"...

Desnecessário o aviso do presidente da A. B. I. Fulgencio Batista satisfez-nos, a nós, os reporters, sem trair a sua condição de estadista. E se alguma coisa disse a mais, na intimidade, isso é uma outra história. Sem alusão a Kipling...

As mulheres mais fascinantes...



*usam os
produtos Harriet
de New York*

A mulher de hábitos refinados tem nos produtos de HARRIET HUBBARD AYER, importados diretamente da América, o mesmo tratamento de que se servem as mulheres mais lindas do "grand-monde" norte-americano.

- NIGHT CREAM - Especialmente preparado para nutrir a pele seca.
- LUXURIA CREAM - Creme de limpeza que amacia a pele.
- SPECIAL SKIN (TEXTURE) CREAM - Rico e suave creme de massagem que nutre e alisa a pele cansada.
- SPECIAL ASTRINGENT - Tonifica os tecidos e fecha os poros.
- SKIN LOTION - Delicioso estimulante que tonifica os tecidos.



Harriet HUBBARD AYER
(NEW YORK — U. S. A.)



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA E APERITIVA

NA ANEMIA CLOROSE E CONVALESCENÇAS

T. TARQUINO



Dê beleza aos seus lábios com baton ZANDE. É a maneira perfeita de obter um encanto duradouro. Experimente as suas lindas tonalidades e verá que não há nada melhor.

Para economizar, obtendo os mesmos resultados, não inutilize o tubo de metal do seu baton. Adquira um sobressalente, adaptando-o ao tubo já usado.

Zande

MARCA REGISTRADA

BATON E SOBRESSALENTE

O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA

Desperte a Bilis do seu Fígado!

e saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

Carantônhas



Carafus



Caráça



Cara-coláda



Carapinha



Cara à banda



Cara n'agua



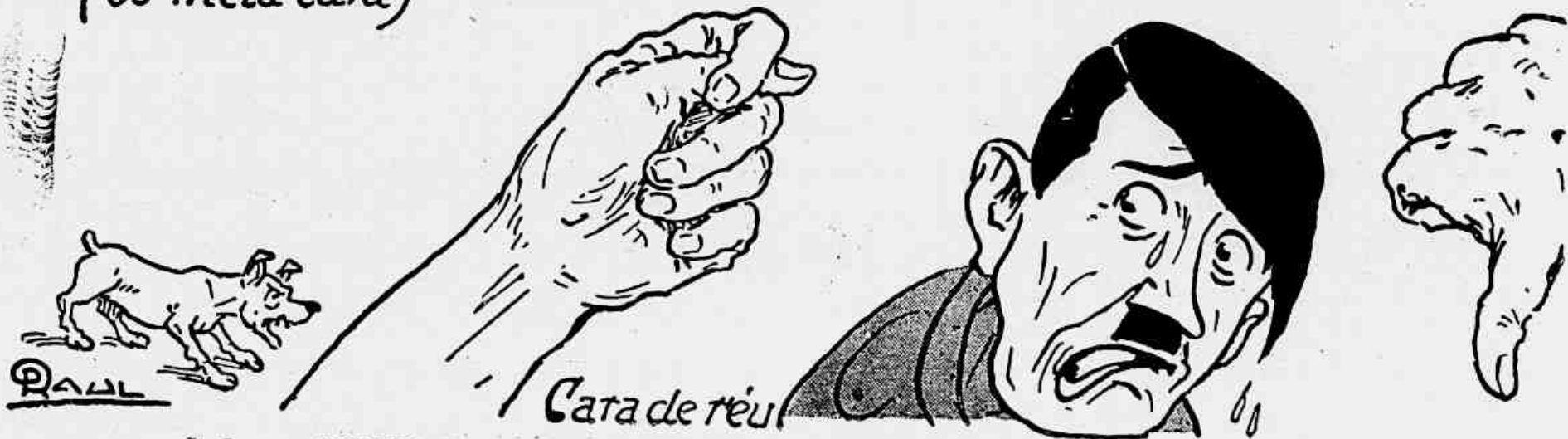
Cara metade
(Ou meia cara)



Cara melada



Carão



Cara de réu

IRENE (perturbada) — Oh!... Capitão Wehringer...

WEHRINGER — Madame... Monsieur de Kergueven, o jantar vai ser servido... Quer me conceder a honra de conduzi-la?

IRENE — Oh!... Capitão... a honra é toda minha...

INTERLÚDIO

Técnica: disco de restaurante e murmúrios; risos leves.

DUISBERG — Meu caro doutor Kergueven... tenho uma repreensão a fazer ao amigo.

ALAIN — Oh! Fazer uma repreensão! Repreender-me, coronel Duisberg?

DUISBERG — Sim! (cessam ruídos anteriores).

ALAIN (grave) — A propósito de que, meu coronel?

DUISBERG — Deveria dizer de quem... Trata-se de sua irmã.

ALAIN — Minha irmã?

IRENE — Minha cunhada Denise?

DUISBERG (sorrindo) — Não é tão grave assim... Por que não veio ela a este jantar? Está fazendo falta a este ambiente. Eu mandei Wehringer convidá-la, porém ela recusou o convite...

ALAIN — Perdão, meu coronel... mas deve saber... assim creio eu que ela partiu para Brest...

DUISBERG — Perdão... mas a doença do general Kergueven foi um pretexto, senhor... Ela está viúva... Reconhecerá que o lugar de uma mulher que respeita a memória do seu marido não é aqui, entre estes cavalheiros que comemoram alegremente os seus triunfos...

ALAIN — De acordo, de acordo, coronel Duisberg... Não obstante, pessoalmente não posso deixar de deplorar a sua ausência... Não sou, além disso, coronel Duisberg, senhor do coração da senhora Westbury...

DUISBERG — Eu sei... mas eu gostaria que de vez em quando usasse de sua influência para persuadi-la de que o passado está bem morto... e de que nós, os alemães, não somos mais inimigos... Não acha, senhor de Kergueven? Vejamos... acredito que os seus sentimentos sobre a colaboração dos nossos países lhe ditarão argumentos decisivos para convencê-la...

ALAIN — Convencê-la de que, meu coronel?

DUISBERG — Da sinceridade de minha admiração...

ALAIN — Por que não o faz pessoalmente, coronel Duisberg?

DUISBERG — Eu já lhe disse, mas senti uma reticência de sua parte... Bem... falaremos mais detalhadamente deste assunto depois, meu caro Kergueven... Sirvam o vinho! (ruído de vidros, gorgolejar líquido).

Técnica: murmúrios até nova rubrica, leves.

DUISBERG — Senhor Kergueven!... Quero apresentá-lo aos heróicos oficiais dos cruzadores Breslau e Augsburg de uma forma diferente... Uma forma original... a forma pela qual em breve se modelarão todos os franceses e pouco depois todos os povos da Europa... Vou ler diante de todos os convidados um relatório especial do qual o nosso jovem amigo é objeto... Ouçam! (lendo) Alain de Kergueven, filho do general reformado de divisão Luiz de Kergueven... Soldado em convalescença. Claramente anti-militarista e contrário à declaração de guerra da França à Alemanha. Tendências socialistas, mas espírito aberto ao nosso programa para a nova Europa. Utilizável mais tarde, quando se restabelecer, para uma propaganda ativa. Relações muito tensas com o pai por motivos políticos. Elemento de real valor. (Solene) Eis portanto apresentado o senhor Alain de Kergueven aos nossos ilustres visitantes!

Contra-regra: palmas efusivas.

DUISBERG — À sua saúde, Alain de Kergueven... (murmúrios em back-ground).

Técnica: disco de restaurante.

ALAIN — Um momento, senhores... antes de tocarem os vossos copos... desejo dirigir-vos algumas palavras... (palmas efusivas).

DUISBERG — Honra-nos imensamente, Kergueven...

ALAIN — Antes de levar o copo aos lábios, senhores... quero justamente falar do vinho com que os ordenanças acabam de encher os copos... E' a propósito do Chateau Lafite que brilha em vossos copos... Tenho necessidade de contar um pequeno fato acontecido ontem, quando desci à adega para apanhar estes vinhos finos a fim de festejar mais dignamente a nossa reunião... (silêncio). Herr doctor Schultz, o anjo da guarda do estado maior alemão em Benoet e mui digno substituto do não menos digno herr doctor Zimmerman, que naturalmente está em gozo de bem merecidas férias, pois bem... doctor Schultz, agora que estou reparando... não está presente à nossa reunião...

IRENE — Alain! Meu Deus!...

DUISBERG — Continue, senhor Alain de Kergueven... Herr Schultz não pode comparecer a esta festa... Está em diligência...

ALAIN — Ah... sim...

WEHRINGER — Continue, senhor Alain de Kergueven...

ALAIN — Pois bem... como ia dizendo... coronel Duisberg... Herr Schultz, vendo-me retirar as garrafas da adega, me pediu para entregá-las a uma das ordenanças... Levou-as para o laboratório... para analisá-las... (ri).

WEHRINGER — Que quer dizer com isso, Alain de Kergueven?

ALAIN (rindo) — Pela palidez do capitão Wehringer, já sei o que lhe passou pelo pensamento... Não creia que seria capaz de fazer semelhante coisa... Acreditou que eu tivesse envenenado o vinho, não foi, capitão Wehringer?

CÓRO — Oh!

DUISBERG — Absurdo!... Claro que não faria tal coisa...

ALAIN — Obrigado, coronel... portanto para convencê-lo completamente da inocuidade deste Bordeaux, vou bebê-lo todo dum trago... Antes... Mais algumas palavras, coronel Duisberg... Se eu tivesse intenção criminosa, não iria envenenar o vinho servido neste jantar. Minha linda esposa nada tem de Lucrecia Borgia. Estamos nesta noite, na terra aprazível da velha e poética Armória e não num palácio florentino, no meio dum parque da Toscana, onde cada lacuio é um esbirro e cada esbirro um assassino!

DUISBERG — Senhor Alain de Kergueven... devemos desculpar a nossa polícia secreta. Ela por vezes exagera, por ser obrigada a tomar certas precauções.

ALAIN — Naturalmente. Aliás falamos disso como dileitante. Notou, meu caro coronel, como certas pessoas tem o hábito incômodo de falar de mortes e de catástrofes nos momentos mais alegres e agradáveis? Confesso que esse é o meu fraco... Desde a juventude que gosto de aborrecer as pessoas felizes lembrando-lhes esta velha inscrição latina sobre certos relógios: "Vulnerant omnes, ultima necat"...

DUISBERG — Conheço a inscrição... Todas elas ferem... a última mata!

IRENE — Basta... Basta! (murmúrios).

DUISBERG — Madame vai cair... está desmaiando...

WEHRINGER — Ela está terrivelmente pálida!

ALAIN — Oh! Querida... que é isso?

IRENE — Deixe-me, Alain!... Eu quero ir daqui...

DUISBERG — Madame Kergueven... Sente-se mal...

IRENE — Eu quero sair... Conduza-me aos meus aposentos, capitão Wehringer...

DUISBERG — Madame... embora desconheça no momento a razão do pavor que a assaltou, asseguro-lhe, sob a minha palavra de militar, que nada lhe acontecerá...

ALAIN — Mas o que pode acontecer à minha esposa?

IRENE — Olhem... Olhem... o olhar do meu marido...

CÓRO — Oh!

LESLIE — Deve perdô-lo, meu general... foi um momento de fraqueza mas do qual já se reabilitou.

KERGUEVEN — Reabilitou? Por que diz isso, Leslie?

LESLIE — Mais tarde saberá... Quem sabe se a carta o dirá!...

KERGUEVEN — Carta? Qual carta?

LESLIE — Que tem em seu poder e que só poderá abrir amanhã em Brest...

Contra-regra: pancadas na porta e girar de maçaneta.

DENISE — Tudo arrumado, Ives?

IVES — Sim, madame...

KERGUEVEN — E a carruagem?

IVES — Já está atrelada, meu general...

DENISE — Leslie... sabes o conteúdo da carta que meu irmão deixou com meu pai?

LESLIE — Não. Sei apenas que algo de nobre se encontra nela... e que valerá pela desonrosa atitude que ele teve para com a Pátria!

DENISE — Oh!... Então sabes... Ele...

KERGUEVEN — Denise! Se teu irmão vai fazer algo pela França, tudo que lhe possa acontecer é honroso e alegremente por nós deve ser aceito.

LESLIE — Ives... Pode arrumar as malas na carruagem...

KERGUEVEN — E o que é teu também, Ives.

IVES — Não ficarei servindo o senhor Alain?

KERGUEVEN — Não! Irás conosco para Brest.

IVES — Sim, meu general...

INTERLÚDIO

OFICIAL — Meu coronel... Acaba o pôsto oito de receber esta mensagem...

CORONEL — Identificado?

OFICIAL — Código Z J. Prefixo 43.

CORONEL — Remetente?

OFICIAL — Senhor 44.

CORONEL — Local?

OFICIAL — Benoet.

CORONEL (lendo) — Cruzadores Augsburg e Breslau... (música emoldura) acabam de lançar ferros em Brest... Permanecerão nesse pôrto vinte e quatro horas para reabastecimento... ancorados um do outro distância aproximada de trezentos metros... quase toda oficialidade achar-se-á ausente quinta-feira... será homenageada pelo Estado Maior do General Lehmbach, chefe do segundo exército de ocupação atualmente em Benoet, na Bretanha... Senhor 44 e agente F. L. 6.

Técnica: cessa música.

CORONEL — Tenente Crook, faça imediatamente uma ligação direta com o aeródromo 76 (manivela telefone).

OFICIAL — Alô! Chefe da Sexta Divisão... (pausa) E' o coronel Abbot! (pausa) Alô... Um momento, meu coronel... (pausa) Meu coronel... ao telefone o chefe da Sexta Divisão Aérea...

CORONEL — Alô... Abbot! Acabamos de receber a informação de Brest. Acabam de chegar cinco esquadrilhas...

INTERLÚDIO

Técnica: — Música em back-ground.

VOZ — Contactol

PILOTO — Contactol (ruído de hélices de avião).

VOZES — Good Luck, Stevenson! (saída de avião bem forte, seis segundos).

Técnica: música forte 5 segundos.

VOZ — Contactol

PILOTO (pausa) — Contactol (ruído de hélices de avião; saída forte 5 segundos).

INTERLUDIO

Técnica: disco de esquadrilhas de aviões.

PILOTO — Alô!... Brown... Atenção... vou descer... oitocentos pés... Primeira e segunda esquadrilhas... oitocentos pés... (disco forte aviões).

PILOTO — Alô, alô, Briggs!

BRIGGS — Alô, meu comandante... sobre alvo! Inclinação sobre a asa esquerda... 50 graus... (disco forte de avião).

BRIGGS — Sobre o alvo

PILOTO — Augsburg?

BRIGGS — Não!... O Breslau!

PILOTO — Largal (ruído de alavanca).

Técnica: bem distante o matraquear de baterias anti-aéreas.

PILOTO — Atiram!... As baterias anti-aéreas dos dois cruzadores...

BRIGGS — Pronto!

Técnica matraquear durante oito segundos, distante. Várias explosões sucessivas.

PILOTO — Bravos, Briggs!... Bravos!... Um impactol...

BRIGGS — Vale um whiskey?

PILOTO (rindo) — Só depois da prôa empinar... e a pôpa olhar o céu...

BRIGGS — Olhe o formigueiro... aderna de estibordol Olhe o Augsburg... O Lobo II acertou um impacto no Augsburg... entre as duas chaminés.

CÓRO — Bravos!

Técnica: explosões distantes.

VOZES — Submergel... Submergel...

BRIGGS — Captain... Ganhei o whiskey... O Breslau conta as estrelas com a pôpa...

PILOTO — Alô... Boys... Tarefa otimamente executada... Voltemos...

Técnica: ruído de avião oito segundos; música impressionante.

INTERLÚDIO

Contra-regra: pancadas discretas na porta.

ALAIN — Entrel (girar de maçaneta) Viva!

IRENE — Boa tarde, meu nobilíssimo espôso...

ALAIN — Boa tarde, Irenel... Olá!... Como está encantadora a minha graciosa cotovia... Veio visitar o seu maridinho?

IRENE — Mais ou menos... Ainda não se preparou?

ALAIN — Ah! Realmente... não é que me havia esquecido! Já chegaram os oficiais dos dois cruzadores alemães?

IRENE — Não tardam, meu querido... e bem sabe que foi convidado oficialmente... O Estado Maior alemão o considera como uma persona grata...

ALAIN — Aliás... dois... você e eu... não?

IRENE — Sim... nós dois... Ciumes?

ALAIN — Ciumes? Eu? (rindo) Por que diz isso, meu bem?

IRENE — Nada... pensei que se enciumasse... o coronel Duisberg, não me deixou durante toda a soirée de ontem... Pensei... pensei...

ALAIN — Oh!... Bobinha... eu me enciumar... e depois... você é espécie de anjo bom do Estado Maior...

IRENE — Basta!... Sei que ferve de raiva!

ALAIN — Quem?

IRENE — Você.

ALAIN — Que incoerência a sua...

IRENE — Conheço esses momentos de falsa calma, Alain... que pensa?

ALAIN — Sua felicidade, meu anjo...

IRENE — Você planeja algo?

ALAIN — Querida... está tão pálida... passou mal a noite... deixe-me sentir as suas mãozinhas... oh! como estão geladas!...

IRENE — Que esteve você fazendo na adega a manhã toda de ontem?

ALAIN — Eu? Ora... fui procurar vinho, meu bem...

IRENE — A sua calma de três dias para cá me enerva. Alain de Kergueven! Tem alguma coisa preparada para mim?

ALAIN — Está se lembrando da pobre mulher que o tal agricultor estrangulou em 1896... aquele caso... hein?

IRENE — Sim... Penso nisso... mas eu não tenho medo, ouviu? Eu não tenho medo de você... (mais forte) Eu não tenho medo de você... (exaltada) Ouviu? Ouviu, Alain de Kergueven?... Eu não estou com medo de você...

ALAIN — Mas como está exaltada, meu anjo... e por que há de ter medo de mim?

IRENE — Você é um avarento!... Você é um homem calculista... lembro-me de tudo que me disse ontem... um homem que tem a vida dependendo da vontade de uma mulher...

ALAIN — Hum... ótima memória tem você, querida... guardou então essas palavras?

IRENE — Eu pedi ao coronel Duisberg que colocasse um sentinela perto da porta do meu quarto à noite... nada me fará, fique ciente!

ALAIN — Passa então a noite em claro, benzinho?

IRENE — E a sentinela tem ordem de atirar no primeiro que tentar forçar a porta. Até meu marido em pessoa!

ALAIN — Mais um na rede de tua sedução... Duisberg... (rindo alucinadamente).

IRENE — Bastal... Está louco... Para de rir, Alain... (continua rindo).

Técnica: música trágica.

ALAIN — Então minha esposa mandou um estranho guardar a porta do quarto onde você se aloja? E não quer que eu ria? Não quer?

IRENE — Bastal!

ALAIN — Saia daqui, senão dar-lhe-ei o tratamento que merece... Saia daqui!...

IRENE — Saírei! Mas antes de ir-me... o dinheiro? Esqueceu-se que hoje é quinta-feira?

ALAIN — Lá está o relógio, querida... quer vê-lo de mais perto...

Contra-regra: passos que se afastam e se aproximam; tic-tac de relógio bem perto.

ALAIN — Olhe... olhe, alma danada!... Seis... seis e doze minutos... está vendo a hora?

IRENE — Afaste o relógio da minha face, bruto!... Magoou-me... afaste o relógio!

ALAIN — Meia noite... é esse o prazo combinado... Duzentos e quinze mil francos, não?

IRENE — E os dólares...

ALAIN — E algumas joias... muito mais coisa que esperava, meu bem... agora vai daqui... (passos precipitados).

WEHRINGER — Com licença... oh!... Perdão, madame Kergueven...

IRENE — Aconteceu alguma coisa, capitão Wehringer?

Contra-regra: passos precipitados distantes; myrmúrios distantes.

WEHRINGER — O doctor Schultz e dois guardas de serviço secreto acabam de desaparecer.

ALAIN — O que? O doctor Schultz?

IRENE — Meu Deus! Desapareceu aqui do castelo? Não é possível...

Contra-regra: passos cambaleantes.

PICOT (distante) — Dois homens... lá em baixo... outro comigo...

WEHRINGER — O bom Picot deu pela falta dele... Aí vem êle! (passos) Então, Picot?

PICOT — Nada... nada... Só falta interrogar o sr. Alain!

ALAIN — Eu, corcunda do inferno? Tens a coragem de me atribuir tal coisa?

PICOT — Dê uma batida no quarto dele... Dois homens para aqui... Nem uma palavra, Alain de Kergueven...

IRENE — Meu Deus! O Chefe do Serviço Secreto desapareceu! Não é possível! Oh! Estou com medo... Estou com medo...

WEHRINGER — Nada tema, madame... Nada tema...

PICOT — Dê uma batida no quarto... O meu amigo Schultz não podia desaparecer assim. Tirem todos os móveis dos lugares... êle está no castelo... Mataram herr doctor.

ALAIN — Informarei o Estado Maior dessa arbitrariedade!

PICOT — Prendam êsse homem!

ALAIN — Não pode fazer isso... capitão Wehringer!

WEHRINGER — Sinto muito... senhor Alain... uma grave ocorrência está se dando no castelo de Benoet... nada posso fazer!

ALAIN — Mas não posso permitir que êsse miserável corcunda...

WEHRINGER — Ele tem carta branca do general Lehmbach para agir...

IRENE — Eu? (chorando) Oh! capitão Wehringer... estou inocente... eu...

PICOT — Que esperam? Todos os dois para baixo... Revistem todos os aposentos.

INTERLÚDIO

Técnica: abertura.

PICOT — Prendam êsses dois!

IRENE — Que quer dizer isso? Que culpa tenho eu?

WEHRINGER — Perdão, madame Kergueven... Mas algo de fortemente estranho está acontecendo neste castelo... Três homens acabam de desaparecer... Principalmente o chefe da Gestapo... Herr doctor Herman Adolf Schultz!

ALAIN — Revistem o meu quarto! Se desconfiam de mim...

PICOT — Desconfio de todo mundo... até de minha sombra... Abram os armários... debaixo da cama... (ruído de abrir e fechar armários).

ALAIN — Mas êste corcunda é um insensato.

PICOT — Cale a boca.

IRENE — Oh! Nunca pensei que fôsse afrontada de tal forma... queixar-me-ei ao coronel Duisberg!... (chora).

PICOT — Arrastem êsse armário... (arrastar móvel pesado).

Técnica: música apreensiva.

PICOT — Apalpem todos os pontos das paredes...

WEHRINGER — Não chore, madame... tudo isso será convenientemente esclarecido... é uma questão puramente formal... ninguém suspeita da senhora nem de seu espôso...

PICOT — Nada?

VOZES — Nada, Herr Picot!...

PICOT — Muito bem... Vamos bater outros aposentos...

WEHRINGER — E madame e seu espôso, Picot?

PICOT — Nada temos mais a haver com êles!

IRENE — E por que nos afrontou, dando-nos ordem de prisão?

PICOT — Porque falaram de mais...

VOZES — Outros quartos, herr Picot?

PICOT — Vamos ver outros quartos...

WEHRINGER — Um momento, Picot...

Técnica: cessa música.

Contra-regra: passos cambaleantes cinco segundos que se aproximam.

PICOT — Pode dizer, meu capitão!

WEHRINGER — Dentro de alguns instantes chegará ao castelo a oficialidade dos cruzadores Augsburg e Breslau...

PICOT — Já sei... Madame e monsieur são convidados do general Lemback...

WEHRINGER — Justamente...

PICOT — Nada temos mais contra eles... podem ir... Vamos bater outros quartos... (passos cambaleantes juntamente passos precipitados). Por aqui... (distante) Venham todos por aqui...

WEHRINGER — Sinto muito, madame... o ocorrido... e o senhor Alain, acredito, há de compreender com complacência o incidente...

ALAIN — Sim... foi, não resta dúvida, uma situação desagradável... mas... justifica-se...

IRENE — Mas que coisa horrível... O doctor Schultz... desaparecer... no interior deste castelo? Incrível!

ALAIN — E dois guardas do serviço secreto...

WEHRINGER — Schultz, depois da prisão daquele capitão...

IRENE — Ernesto Detang... o que foi fuzilado há poucos dias?

WEHRINGER — Sim...

ALAIN — Schultz suspeitava então?...

WEHRINGER — De espiões dentro deste castelo...

IRENE — Espiões!... Não é possível... afrontando centenas... milhares de soldados...

WEHRINGER — Atordoante... O general Lemback tomou providências drásticas... É verdade, senhor Alain... a oficialidade já deve ter chegado a Benoet...

IRENE — E ainda não me preparei...

WEHRINGER — E eu também vou me preparar... até já... (passos afastam).

IRENE — Bem... Entendido, não? Depois da festa de hoje à noite, já sabe... o dinheiro!

ALAIN — Não se preocupe, querida... depois da festa...

IRENE — Vai de smoking?

ALAIN — Não!... Traje de passeio... Por que perguntas isso, Irene?

IRENE (sarcástica) — Pensei que fosses à recepção de hoje de smoking... seria pitoresco...

ALAIN — Pitoresco? Fala de uma vez!

IRENE — O meu marido de smoking... e muletas... (risada escarnecedora).

ALAIN — Saia, víbora!

IRENE — A tout à l'heure, benzinho... (risada que se afasta).

ALAIN — Víbora!... Demônio!

INTERLÚDIO

Técnica: música alemã em back-ground; orquestra; disco de restaurante distante.

IRENE — Mais atetuoso, querido... Encosta-te mais a mim... Todos os oficiais estão com os olhares fixos sobre nós... uma entrada solene mas com demonstrações de que somos o casal mais feliz da terra... (passos) Distribuindo sorrisos... (toc-toc de muletas) Olha!... Wehringer encaminha-se para nós... naturalmente vai nos apresentar ao comandante de um dos cruzadores...

WEHRINGER — Madame... e monsieur Kergueven... quero ter o prazer de apresentá-los aos oficiais do Breslau e do Augsburg... por obséquio... (toc-toc de muletas e passos) Kapitaen... tenho o prazer de apresentar-vos o senhor Alain de Kergueven, dono do castelo de Kergueven, e madame Kergueven...

CAPITÃO — Oh! Muito encantado...

ALAIN — Outro tanto...

IRENE — Maravilhoso... o francês de herr kapitaen... é impecável!

CAPITÃO — Oh!... Madame... (passos; ruído de calices).

CAPITÃO — Um instante, jovem... Traga a bandeja para aqui... (pausa e passos) — Madame... Uma taça de champagne...

IRENE — Oh! Kapitaen! (ruído de vidros).

CAPITÃO — Monsieur Kergueven... (ruído de vidros).

ALAIN — Grato, herr Kapitaen...

CAPITÃO — Kergueven, disseram-me que todos os seus ancestrais honraram o exército francês... Esses quadros aqui, na parede deste salão, representam os membros de sua família?

ALAIN — Realmente, Kapitaen...

CAPITÃO — Isso me interessa porque o meu nome francês Dextrier lhe faz, naturalmente, adivinhar a minha origem...

IRENE — Herr Kapitaen... é então de origem francesa?

CAPITÃO — Depois da revogação do Edito de Nantes, os meus ancestrais deixaram a França de Luiz XVI para se refugiar em Colônia.

ALAIN — Sim, comandante, fomos todos militares na família, exceto eu... Aqui está Jean de Kergueven, general de cavalaria que participou da conquista da Argélia... Aquê! ali, é meu avô Antoine de Kergueven da outra Sedan... Ele comandava os lanceiros da Imperatriz e foi morto a 1.º de Setembro de 1870...

CAPITÃO — Oh! Todos heróis!

ALAIN — Exceto eu...

CAPITÃO — Não. Vejo que foi ferido. Tenho o direito de olhá-los de frente, Kergueven.

ALAIN — Ainda não.

CAPITÃO — Meu caro Kergueven, quero apresentá-lo agora ao comandante Von Lutzen...

INTERLÚDIO

IRENE — Por que fizeste questão que viéssemos depois das apresentações para o terraço?

Técnica: distante uma valsa.

ALAIN — Que horas são, querida? Olha no teu lindo relógio de pulso... Que horas marca o teu relógio?

IRENE — Por que? Qual o interesse de saberes a hora?

ALAIN — Que horas são, meu amor?

IRENE (pausa) — Quinze para as nove... por que?

ALAIN — Quando termina o prazo?

IRENE — À meia-noite.

ALAIN — Pois bem, Irene... uma grande notícia eu te reservei... Não terás o dinheiro...

IRENE — Como?

ALAIN — Não verás um centimo do meu dinheiro.

IRENE — Gracejas?

ALAIN — Falo com toda a raiva que pode suportar um coração e com toda a alegria que pode causar-me a tua decepção!

IRENE — Não trará o dinheiro?

ALAIN — Não verás um níquel!

IRENE — E sabes o que acontecerá?

ALAIN — Sei. Denunciar-me-ás aos alemães do estado maior?

IRENE — Tu e teu cunhado... esse outro espião... Leslie Westbury...

ALAIN — Não farás isso...

IRENE — Pois verás... logo que termine a festa... irei ao coronel Duisberg e direi que espécie de inválido és e da presença de um oficial do serviço secreto inglês na pele dum ingênuo hortelão belga. Primeiro, denunciarei Leslie... e tu, eu deixarei para o fim...

ALAIN — Por que não denuncias os dois numa vez?

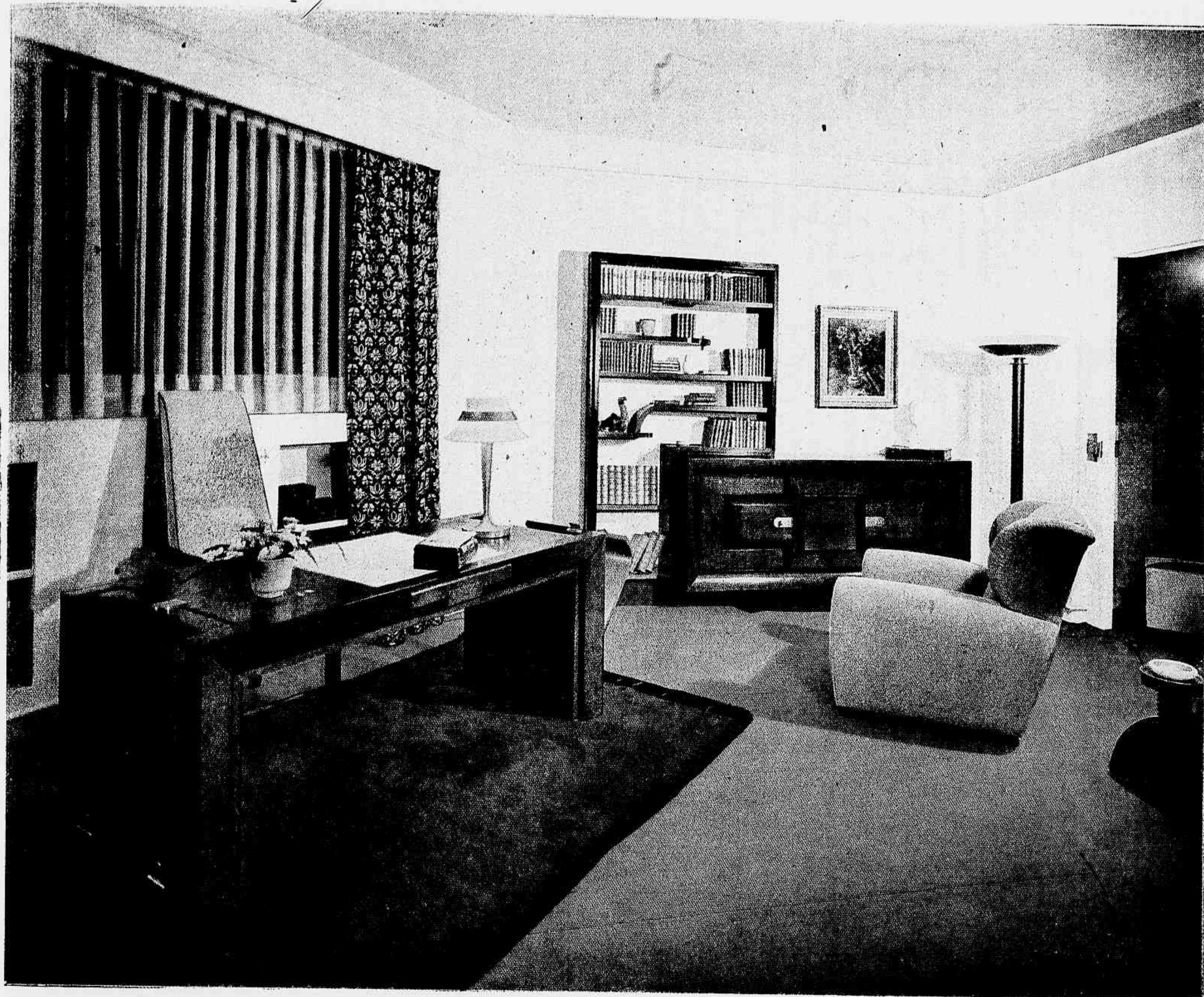
IRENE — Não... farei assim para que te sirva de advertência...

ALAIN — Eu te impedirei de fazê-lo...

IRENE — Eu te desafio...

ALAIN — Pois verás... (passos que se aproximam).

WEHRINGER — Perdão por interrompê-los...



MODELO DE ESCRITORIO

Não há neste escritório moderno objetos de arte ou peças ornamentais que ocupem o espaço destinado aos móveis de utilidade insubstituível.

Despida de qualquer requinte de luxo, esta peça cumpre bem as finalidades de local de estudo e trabalho. Construída de acordo com os modernos métodos de higiene, a sala é ventilada por uma janela gradeada em ângulos, em frente da qual foi colocada a escrivaninha, o que permite à pessoa que a ocupa receber a luz natural indiretamente. A iluminação é feita por lâmpadas guarnecidas por abat-jours de pés longos com quebra-luzes que facultam a projeção direta dos raios luminosos sobre o teto e o assoalho.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA-67-RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



Almanaque EU SEI TUDO

COMPANHIA EDITORA AMERICANA -- MARANGUAPE, 15 -- RIO